

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

# **MÍDIA E IGREJA CATÓLICA**

**COBERTURA DA VISITA DO PAPA BENTO XVI AO BRASIL NO  
JORNAL FOLHA DE S.PAULO**

MAURICIO NASCIMENTO CRUZ FILHO

**São Paulo**

**2009**

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

# **MÍDIA E IGREJA CATÓLICA**

**COBERTURA DA VISITA DO PAPA BENTO XVI AO BRASIL NO  
JORNAL FOLHA DE S.PAULO**

Dissertação de Mestrado referente ao Programa de Pós-Graduação, na Linha de Pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”, apresentada à Banca Examinadora da Faculdade Cásper Líbero, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho.

**São Paulo**

**2009**

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Joana Terezinha Puntel

---

Prof. Dr. Dimas Antonio Künsch

---

Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho

São Paulo, 31 de agosto de 2009.

## ***Dedicatória***

Às minhas duas avós,

Elza e Carmita, heroínas da família.

*Vim pedir a Deus e Nossa Senhora para me iluminar e me ajudar a arrumar um emprego. O pintor Eremildo Vicente da Silva, 36, depois de andar 16 dias de bicicleta de Taguatinga (DF) até Aparecida, percorrendo um trajeto de cerca de 1.100 km, em que dormiu em postos de gasolina, comeu o que lhe ofereceram, perdeu cinco quilos na jornada e teve de retornar à sua cidade no mesmo dia por não ter onde dormir. Na Folha, 13/05/2007.*

## *Agradecimentos*

Ao Senhor, por me amar sem medida,

Aos meus pais, paroquianos e amigos pela força na oração,

À Kirche in Not, pelo apoio ao meu projeto de pesquisa,

Ao meu bispo, Dom Fernando Figueiredo, pela confiança e incentivo,

Aos meus queridos professores, incansáveis na construção do saber.

## Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o fazer jornalístico na contemporaneidade, tendo como foco a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* à visita do papa Bento XVI ao Brasil em maio de 2007. A reflexão sobre o discurso jornalístico é feita a partir da investigação das matérias publicadas antes, durante e depois da visita do papa, buscando destacar o contexto de espetáculo que reveste a maioria das opções de notícias reportadas pelo jornal. As matérias são analisadas a partir de textos, imagens, artes gráficas, fontes, e, também, de profissionais envolvidos. Os destaques se dão pelas temáticas mais ou menos recorrentes e enfatizadas pelo veículo no período estudado. Deve-se dar destaque, também, a prestação de serviço de informações práticas através de ilustrações e indicações de mapas e links de acesso a conteúdo na internet, e ao entretenimento, majoritário no contexto das publicações, com polêmicas e curiosidades. Partindo da visão crítica da concepção debordiana de espetáculo, a pesquisa pôde constatar a complexidade que envolve a produção da notícia como produto industrial e econômico. O presente estudo visa oferecer uma compreensão de horizonte mais largo do discurso jornalístico. O resultado da pesquisa, como para tantos paradigmas arraigados à praxe jornalística, aponta inclusive para a superação de jargões, como imparcialidade e independência, tradicionalmente defendidos como princípios inamovíveis pela filosofia do jornal *Folha de S. Paulo* como pelo jornalismo em geral.

**Palavras-Chave:** Jornalismo, Complexidade, Espetáculo, Indústria Cultural, Bento XVI.

## Abstract

This present study aims to analyse the journalistic doing in contemporaneity, focusing on the newspaper *Folha de S. Paulo* coverage of Pope Benedict XVI on a visit to Brazil in May 2007. The reflection upon the journalistic discourse is made from a research of materials published before, during and after the Pope's visit, including special emphasis on the context of a show mostly present on the news reported by this newspaper. The articles are analyzed from texts, images, graphics, fonts, and also professionals. The highlights are given from usually recurrent issues, emphasized on the paper during the period studied. Emphasis should be given on practical information provided through illustrations, maps and directions, and Internet links to related contents, besides entertainment, major aspect of publications with its controversies and curiosities. Starting from the critical view of the debordian spectacle concept, the research has verified the complexity involved in the production of news as an industrial and economic outcome. This study aims to provide understanding about the wider horizon of journalistic discourse. The research result, as for many paradigms rooted in the journalistic practice, even points to the overcoming of jargons, as impartiality and independence, that are traditionally held to be immovable principles in the philosophy of the newspaper *Folha de S. Paulo* as well as by the journalism.

**Key words:** Journalism, Complexity, Spectacle, Cultural Industry, Benedict XVI.

## Résumé

Cette recherche a comme objectif d'analyser les médias (la mise en place du journalisme) dans la société contemporaine, par rapport à la couverture du journal *Folha de S. Paulo*, sur la visite du Pape Benoît XVI au Brésil en Mai 2007. La réflexion sur le discours journalistique est faite à partir de la recherche des documents publiés avant, pendant et après la visite du pape, y compris un accent particulier sur le contexte de l'spectacle qui prend la plupart des options sur les nouvelles rapportées par le journal. Les publications sont analysées à partir de textes, images, arts graphiques, sources, et aussi les professionnels qui l'ont fait. Les importances sont données plus ou moins par les thématiques et soulignées dans la publication pendant la période des études. On donne l'importance sur la prestation de service des informations pratiques vers des illustrations et des indications sur les cartes et un lien d'accès sur un contenu à l'Internet et le divertissement, les majoritaires dans le contexte des publications, dans le cadre de controverses et de curiosités. En partant du point de vue critique de la conception du spectacle debordien, la recherche a pu constater que la complexité impliquées dans la production de nouvelles comme un produit industriel et économique. Cette étude vise à fournir une compréhension de l'horizon plus large du discours journalistique. Le résultat de la recherche, comme pour tant des paradigmes ancrés dans la pratique journalistique, y compris les points pour surmonter des jargons que l'impartialité et l'indépendance qui sont traditionnellement tenues comme des principes immobiles dans la philosophie du journal *Folha de S. Paulo*, ainsi que par le journalisme en général.

**Mots-clés:** Le Journalisme, La Complexité, L'Spectacle, L'industrie culturelle, Benoît XVI.



## Resumen

Este estudio tiene como objetivo examinar la praxis periodística en la sociedad contemporánea, centrándose en la cobertura del periódico *Folha de S. Paulo* a la visita del Papa Benedicto XVI a Brasil en mayo de 2007. La reflexión sobre el discurso periodístico se hace desde la investigación de los materiales publicados antes, durante y después de la visita del Papa, buscando ofrecer incluso un énfasis especial al contexto de espectáculo que tenga la mayoría de las opciones de noticias informadas por el periódico. Los materiales son analizados desde textos, imágenes, gráficos, fuentes, y también desde los profesionales envueltos. Los destacados vienen dados por las temáticas más o menos recurrentes y enfatizadas en la publicación durante el periodo estudiado. Se debe dar énfasis a la prestación de servicio de informaciones prácticas a través de ilustraciones y indicaciones en los mapas y links de acceso a contenidos de Internet y al entretenimiento, como el mayor en el contexto de las publicaciones en relación con las polémicas y curiosidades. Desde la visión crítica del concepto debordiano de espectáculo, la investigación ha tomado nota de la complejidad que envuelve la producción de la noticia como producto industrial y económico. Este estudio visa ofrecer una comprensión de horizonte más amplio del discurso periodístico. El resultado de esta investigación, como para tantos paradigmas enraizados en la práctica periodística, señala incluso para la superación de las jergas como la imparcialidad y la independencia, que son tradicionalmente defendidos como principios inmuebles por la filosofía del diario *Folha de S. Paulo*, así como por el periodismo en general.

**Palabras claves:** Periodismo, Complejidad, el espectáculo, la Industria Cultural, Benedicto XVI.

## Riassunto

La presente ricerca ha come obiettivo analizzare l'attività giornalistica nella contemporaneità, avendo come fuoco la copertura del giornale *Folha de S. Paulo* alla visita del Papa Benedetto XVI in Brasile, a maggio 2007. La riflessione circa il discorso giornalistico è basata sulla indagine delle materie pubblicate prima, durante e dopo la visita del Papa, cercando di distaccare anche il contesto di spettacolo della maggioranza delle scelte di tema annunciati dai giornale. Le materie vengono analizzate tenendo conto i testi, le immagine, l'arte grafiche, fonti e anche i professionisti involti. Le tematiche scelte per stacco sono quelle più o meno ricorrente e accentuate del giornale per il periodo considerato. Partendo della veduta critica della concezione debordiana di spettacolo, questa ricerca ha potuto constatare la complessità a involvere la produzione della notizia come prodotto industriale ed economico. Questa ricerca vuole offrire una cognizione ampia del discorso giornalistico. Il suo risultato segnala la superazione di qualche gergo fra cui imparzialità ed indipendenza, per consuetudine defesi come principi inamovibili secondo la filosofia del giornale *Folha de S. Paulo* ed anche per il giornalismo in generale.

**Parole chiave:** giornalismo, complessità, spettacolo, Industria Culturale, Benedetto XVI.

## SUMÁRIO

I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS – O discurso do papa e as narrativas do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> .....	12
II – CAPÍTULO I - Jornalismo, uma economia de mídia .....	21
1) Perspectivas conceituais de jornalismo .....	21
2) O jornalismo no contexto do espetáculo.....	32
III – CAPÍTULO II – O discurso do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> sobre a visita do papa: as matérias da cobertura .....	47
A cobertura completa evidencia as opções discursivas do jornal .....	49
IV – CAPÍTULO III – A visita do papa como fato midiático na <i>Folha de S. Paulo</i> .....	143
1) A análise das matérias de destaque da cobertura.....	143
2) Mapeamento das matérias da cobertura agrupadas em temáticas .....	144
3) Matérias publicadas e visão editorial do jornal.....	152
4) A complexidade da informação jornalística e o espetáculo nas bases do discurso midiático do jornal.....	162
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS - A produção da notícia como visão de mundo: o espetáculo e a estética na cobertura da “Visita do Papa ao Brasil” .....	171
VI – Bibliografia .....	179
VII – Anexos.....	182
1) Coleção das matérias publicadas pelo jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	
2) Críticas do ombudsman postadas na internet	
3) Entrevista com o chefe da editoria brasil do jornal	

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### *O discurso do papa e as narrativas da Folha de S. Paulo*

Apresentamos nestas primeiras linhas, a título de contextualização do ambiente contemporâneo e destaque à motivação ética subjacente a esta pesquisa, uma observação das relações estabelecidas entre o discurso do papa e a visão de cobertura jornalística do diário *Folha de S. Paulo*. Em seguida descrevemos os caminhos desenvolvidos pelo trabalho científico que buscou analisar o jornalismo a partir do contexto de espetáculo em que a sua práxis se insere, mostrando os consequentes resultados sobre as apregoadas concepções jornalísticas de imparcialidade e independência.

O tema da pesquisa aqui elaborada traz o título “Mídia e Igreja Católica – cobertura da visita do papa Bento XVI ao Brasil no jornal *Folha de S. Paulo*”. O período da cobertura que o diário realizou, e que a pesquisa está considerando, se estende de 23 de fevereiro a 20 de maio de 2007. O papa esteve no Brasil de 9 a 13 de maio de 2007.

A título de apresentação desta pesquisa, gostaríamos de iniciar o trabalho nos motivando com o aspecto ético do discurso do papa frente às narrativas aparentemente simplificadoras do jornal supracitado em sua cobertura da “visita do papa ao Brasil”. Obviamente que é preciso considerar que essas narrativas são também produtos de um discurso implícito no universo midiático brasileiro, que por sua vez é decorrente do generalizado processo industrial da notícia.

A predominância de relações sociais fluidas, leves, suaves, virtuais com suas narrativas simplificadoras fortemente acentuadas no ambiente midiático atinge também

o universo religioso contemporâneo. Mas poderíamos aplicar ao papa as mesmas prerrogativas midiáticas que dominam principalmente o universo dos grupos cristãos pentecostais em seus shows de fé? Ou mesmo e simplesmente compará-lo a um grande astro pop demonstrando sua performance de celebridade, como, inclusive, o jornal parecerá fazer na pauta de cobertura? A figura do papa aglutinaria também mixagens de “idolatria” (adequação às imagens da mídia na pessoa e no ambiente) e “textolatria”<sup>1</sup> (fundamentalismo transposto ao universo das imagens midiáticas)? Seria também o papa uma reverberação de valores imagéticos vazios a balbuciar redundâncias em terras alheias?

Na verdade, a preocupação fundamental do papa ao visitar a América Latina tendo o Brasil como destino pode ser tomada como o paradoxo de exatamente destacar a frivolidade das relações sociais contemporâneas na sua conjuntura global: economia, política, cultura e fé. Diversamente das figuras exóticas geralmente afeitas à magia dos espetáculos midiáticos, o papa parece ter optado por um caminho de sobriedade, enfatizando o chão em que pisou, as terras ameríndias.

Em seu discurso de maior projeção na passagem pelo Brasil, proferido na abertura da 5ª Conferência Episcopal Latino-americana e do Caribe, em Aparecida, Bento XVI destacou a necessidade de se promover uma linguagem otimista que consiga motivar a humanidade a um reencontro consigo mesma, restabelecendo os vínculos fundamentais que lhe conferem identidade e dignidade, superando os modismos da imagem e suas frivolidades encantadoras e espetaculares que camuflam os fatos, a realidade:

---

<sup>1</sup> Idolatria e textolatria são contribuições teóricas advindas do pensamento de Norval Baitello em seu discurso sobre a iconofagia.

O que é esta “realidade”? O que é o real? São “realidade” só os bens materiais, os problemas sociais, econômicos e políticos? Aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes no último século, erro destrutivo, como demonstram os resultados tanto dos sistemas marxistas como inclusive dos capitalistas. Falsificam o conceito de realidade com a amputação da realidade fundante, e por isso decisiva, que é Deus (Celam, 2007:272)<sup>2</sup>.

Fazer frente à ditadura da imagem, que hoje se consolida pelas narrativas midiáticas como o real e que determina a existência de tudo, de modo que nada do que não possa ser visto existe, é uma tarefa para sujeitos, aqueles a quem o consumo das imagens ainda não conquistou de todo e que por elas ainda não foram consumidos. É com essa projeção que o papa se ilumina diante das câmeras que registram sua estadia nas terras do sul continental americano, para as quais em algum momento ele pode parecer antiquado e pesado de mais, analógico, antilíquido, intragável. “Na era da globalização, a causa e a política da humanidade compartilhada enfrentam a mais decisiva de todas as fases que já atravessaram em sua longa história” (Bauman, 2004:183). Propor ao homem contemporâneo o restabelecimento dos vínculos que o ligam consigo, à sua identidade pessoal e comunitária, tem-se demonstrado ser desde os primórdios da história humana o que se busca, mas seu alcance ainda se percebe tão alto quanto sua idealização.

Ainda assim, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman acredita que “aceitar o preceito de amar o próximo é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções “naturais”, assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, e se torna o ser “não-natural” que, diferentemente das feras (e, na realidade, dos anjos, como apontou Aristóteles), os seres humanos são” (2004:98).

---

<sup>2</sup> A íntegra deste discurso do papa, proferido na Sessão Inaugural dos Trabalhos da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, está no apêndice do *Documento de Aparecida*, do CELAM, e também na coletânea *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*, CNBB/Paulinas, onde se encontram coligidos todos os discursos.

Bento XVI aposta na humanidade que subjaz no espectro do homem moderno. O papa se mostra propenso a crer que há caminhos que conduzem à exterioridade da forma sombria e amedrontada que envolve o estilo de vida contemporâneo com suas ilusões ideológicas:

Tanto o capitalismo como o marxismo prometeram encontrar o caminho para a criação de estruturas justas e afirmaram que estas, uma vez estabelecidas, funcionariam por si mesmas"... "E esta promessa ideológica se demonstrou que é falsa. Os fatos o colocam manifesto. O sistema marxista, onde governou, não só deixou uma triste herança de destruições econômicas e ecológicas, mas também uma dolorosa destruição do espírito. E o mesmo vemos também no ocidente, onde cresce constantemente a distância entre pobres e ricos e se produz uma inquietante degradação da dignidade pessoal com a droga, o álcool e sutis miragens de felicidade (Celam, 2007:277).

O discurso do papa demonstra uma tentativa de resgate da humanidade nas suas origens, e, a partir daí, apontar para a reassunção de princípios que fundamentem a identidade da pessoa em todos os âmbitos de sua vida. Pela fé em Deus, no amor ao próximo, é vislumbrada a possibilidade de um diálogo profícuo de superação de egoísmos e apetites frívolos, em vista da manutenção última da vida – na sua biologia, na cultura e na sociedade – como qualidade de existência num mundo marcado por narrativas fluidas, vagas, *non sense*, que parecem predominar nas relações sociais contemporâneas capitaneadas pela cultura globalizada da imagem e da fabricação de informações como produto de consumo:

No mundo de hoje se dá o fenômeno da globalização como um conjunto de relações no âmbito mundial. Ainda que em certos aspectos é uma conquista da grande família humana e um sinal de sua profunda aspiração à unidade, contudo comporta também a marca dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo (Celam, 2007:270).

É imprescindível considerar que o discurso que o papa comunica é sua cultura, sua história, seu próprio tempo e lugar, seus vínculos estabelecidos com os sujeitos brasileiros e latino-americanos pela fé comum, o que faz dele muito mais que um “visitante”. Seus gestos se apresentam como a voz do seu texto corporal, a expressão de

sua identidade, a reelaboração de uma nova imagem, icônica, coesa e não diabólica (dissimulada), em torno da qual ele sonha em reajustar a memória cristã, não só brasileira, mas latino-americana. Seu corpo se estende para compreender, acolher outros corpos com os quais reconhece subjetividade e intimidade, percebendo através da liturgia do culto seu lugar no espaço social deste continente tido e acreditado como subdesenvolvido.

A seu tempo, é preciso reconhecer ainda que a atitude de penetrar a complexidade das relações sociais contemporâneas marcadas pela cultura softizada da indústria do consumo, que tem na mídia seu maior expoente, precisa ser uma empreitada revestida de humildade e cautela para com as graves e profundas feridas da humanidade. E, em seus pronunciamentos, o papa pareceu não se esquecer disso. No interior do labirinto de ilusões pulsam as mais recônditas dores que o homem jamais sentiu em toda a sua história, de modo que parece não haver como diagnosticar sem sofrer junto. Daí, podermos concluir que “aceitar o preceito do amor ao próximo é um ato de origem da humanidade... é o ato fundador da humanidade. Também é a passagem decisiva do instinto de sobrevivência para a moralidade. Essa passagem torna a moralidade uma parte, talvez condição *sine qua non*, da sobrevivência. Com esse ingrediente, a sobrevivência de *um ser humano* se torna a sobrevivência da *humanidade* no humano” (Bauman, 2004:98). Trata-se de uma tarefa visceral que por vezes exige do pesquisador e também do profissional do jornalismo um distanciamento das sedutoras narrativas da mídia para possibilitar um movimento de empatia com suas próprias mazelas.

Essas considerações iniciais, aparentemente propositivas demais para uma introdução, constituem na verdade um estímulo para nós em sonhar com a possibilidade



de contribuir com esse grande desafio de humanizar a práxis jornalística, pelo que nos propomos à aventura desta presente pesquisa, partindo do pressuposto de que conhecendo melhor os processos desse fazer informativo se possa estimular uma profissão comunicacional mais afeita à ética e promotora do ser humano, e cujo fruto já não seja simplesmente só mais um produto forçado do sistema econômico, mas expressão criativa da alma do profissional do jornalismo.

Foi com essa motivação que brotou em nós o propósito de observar mais de perto a temática da pesquisa jornalística, sendo o objetivo deste estudo analisar o processo de produção do jornalismo na contemporaneidade a partir da observação da cobertura que o jornal *Folha de S. Paulo* realizou à presença do papa no Brasil, e localizar nesse processo produtivo da notícia elementos da indústria cultural de consumo a partir do que Guy Debord compreende por espetáculo. A intenção é oferecer uma clara percepção de que na produção da notícia não há como uma instância jornalística permanecer imparcial e independente no interior de um sistema econômico voltado majoritariamente para o lucro, o que se verifica em opções editoriais pelo entretenimento, às vezes, mais que pela informação.

Como passo necessário para a objetividade da pesquisa, apresentamos no primeiro capítulo o jornalismo contextualizado no ambiente econômico da mídia, onde trabalhamos conceitos caros à práxis jornalística no ontem e no hoje, e que na atualidade passam por reelaborações como verdadeiro desafio imposto pela crise paradigmática iniciada no século XIX e acentuada no século passado. Neste capítulo são observados dois tópicos de estudo: 1) perspectivas conceituais de jornalismo e 2) o jornalismo no contexto do espetáculo. No primeiro tópico, apresentam-se algumas definições utilizadas no trabalho jornalístico e problematizadas por autores como

Marques de Melo, Juarez Bahia, Roberto Elísio dos Santos e Manuel Chaparro. O segundo tópico, discutindo a indissociável presença do jornalismo no interior da cultura do espetáculo, acentua a problematização dos conceitos apresentados anteriormente pelos autores e ganha, além do contraponto de Chaparro, as contribuições de Roland Barthes, Ignácio Ramonet, Leandro Marshall, Cremilda Medina, Dimas Künsch, Cláudio Novaes Pinto Coelho, Jaime Patias, Valdir José de Castro, Eugênio Bucci e Maria Rita Khel. Com isso, o primeiro capítulo nos oferece um panorama contextual do jornalismo em sua conceituação e no seu exercício prático no ambiente social contemporâneo.

A amostragem da coleção completa de matérias da cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* à passagem do papa pelo país é o conteúdo do segundo capítulo, no qual, por vezes, também tecemos alguns comentários acerca dos temas publicados. O capítulo contextualiza o momento histórico em que se passa a viagem do papa, as relações sociais e políticas que se estabelecem em torno desse acontecimento e a cobertura que o diário realiza do evento, destacando os preparativos e as opções que de antemão o jornal elegera para acompanhar a grande cobertura do que ele chama de “visita do papa ao Brasil”.

No terceiro capítulo desenvolvemos a atividade analítica de excertos do corpus produzido pela coletânea integral das matérias oriundas da cobertura jornalística. Essa análise é propriamente o objeto de estudo desta pesquisa, onde buscamos evidenciar a caducidade das terminologias de imparcialidade e independência, tidas como baluartes da instância informativa, diante da objetividade da fabricação da notícia como produto de consumo. Aqui buscamos oferecer uma visão mais ampla de possibilidades opcionais

de discurso do jornal que, mormente, definem as pautas de reportagem e que consequentemente transformam os fatos históricos em narrativas midiáticas.

O capítulo apresenta quatro tópicos: 1) a análise das matérias de destaque da cobertura – onde fazemos a apresentação da metodologia de análise a ser desenvolvida; 2) Mapeamento das matérias da cobertura agrupadas em temáticas – onde distribuimos as matérias em três grandes fases de produção: antes, durante e depois da passagem de Bento XVI pelo país, elencando no mapa os acentos editoriais do jornal sobre as temáticas e matérias que mais possam lhe ter parecido oportunas durante o período da cobertura, de acordo com a reincidência das mesmas ou em seu acentuado número de repetições ao longo do trabalho jornalístico; 3) matérias publicadas e visão editorial do jornal – onde discutimos sob o ponto de vista teórico as opções jornalísticas do periódico na seleção de suas matérias, e problematizamos o conteúdo produzido confrontando-o com informações alternativas, como as postagens do ombudsman na internet e a entrevista que o editor da editoria Brasil nos concedeu; 4) a complexidade da informação jornalística e o espetáculo nas bases do discurso midiático do jornal – onde concluimos nossa reflexão sobre a temática da pesquisa analisando a cobertura do jornal no interior de um contexto de espetáculo.

Concluimos, então, o terceiro capítulo a partir do destaque de algumas matérias sobre as quais fazemos inferências, com o apoio de teóricos como Perseu Abramo, Patrick Charaudeau e Cremilda Medina, sobre o trabalho de produção jornalística da *Folha de S. Paulo* representada na cobertura que o diário fez da “visita do papa ao Brasil”. Embora nos proponhamos a observar esquematicamente a cobertura a partir de fases e temáticas, sabemos que essa metodologia é insuficiente para dar conta de todos

os elementos, particularmente e em relação entre si, que compõem o conjunto da produção noticiosa.

Estamos cientes dos limites técnicos e teóricos deste trabalho de pesquisa científica. Mas também cremos que ele seja apenas um pequeno passo na tentativa de compreender melhor o jornalismo no complexo universo em que vivemos.

Por fim, consideramos que apesar do invólucro espetacular, o jornal cumpre sua função de informar e promover debates sobre a atualidade do cotidiano social brasileiro, e, por isso, continua tendo sua credibilidade e significado garantidos na sua relação com o leitor. Assim, nós também podemos continuar acreditando com Dom Filippo Santoro que “diante da explosão de vida que nasce da cruz e atinge a todos, como são pálidas as polêmicas que querem atingir o papa” (*Folha de S. Paulo*, 24 de abril de 2007, opinião, A3).

## CAPÍTULO I – JORNALISMO, UMA ECONOMIA DE MÍDIA

O objetivo principal deste primeiro capítulo é trazer à luz uma breve descrição conceitual sobre o jornalismo a partir do pensamento e da prática de tendências majoritárias na contemporaneidade do jornalismo. No primeiro tópico, a perspectiva descritiva tradicional contraposta a uma observação teórica mais alargada e complexa demonstram em certa medida a crise de paradigmas conceituais e técnicos que tem desafiado o fazer jornalístico, com maior acento desde a metade do século XX até o presente momento.

A complexidade das relações que estruturam o fazer jornalístico tende a encontrar maior profundidade quando o observamos a partir da contribuição temática do espetáculo, compreendendo o jornalismo como instância de informação indissociável do sistema de produção da indústria cultural, que abordamos no segundo tópico deste capítulo.

### *1) Perspectivas conceituais de jornalismo*

Nosso primeiro passo aqui é apresentar alguns conceitos concernentes ao jornalismo em geral, buscando apresentá-lo a partir das categorias de informação e opinião e, posteriormente, destacar suas conexões com o mundo do espetáculo.

Uma primeira característica que destacamos no estudo do jornalismo é a concepção majoritária de que ele é um produto da era industrial. Trata-se de um dos primeiros atos de expressão da sociedade no mundo da comunicação impressa, embrionária da comunicação de massa (cf. Santos, 2003:45 e Bahia, 1971:29). Movidada pela força do capital, a sociedade moderna desenvolve, através da produção em série, o modelo de comunicação de massa baseada na proliferação de meios tecnológicos que lhe garantem a transmissão de múltiplas informações, à medida que socializa conteúdos

e democratiza formas de participação dos receptores no âmbito político, social, cultural e econômico. Seguindo o intuito da revolução cultural que o gerou, “o jornal se consolidou no século XIX como o meio de comunicação de massa mais importante” (Santos, 2003:48 e Melo, 2003:14), com o avanço tecnológico da imprensa e sua capacidade de veicular informações diárias com qualidade de acabamento, inclusive com ilustrações em cores.

Para Juarez Bahia, o jornalismo não é um produto exclusivo da era industrial. Segundo este pesquisador, existe um jornalismo anterior a Gutenberg e a todo o processo tipográfico que culmina na era moderna. Bahia acredita na anterioridade do jornalismo em sua essência nas primitivas escrituras manuscritas, embora concorde que só a partir da sociedade moderna o jornalismo se revele tal como o conhecemos hoje (cf. 1971:29).

O pesquisador e cientista do jornalismo José Marques de Melo nem cogita a possibilidade de um jornalismo anterior à tipografia, muito menos nos termos de Bahia (2003:20 e 40). Também com relação à própria semântica da expressão industrial “comunicação de massa” e seu contraponto católico, segundo Melo redundante, “comunicação social”<sup>3</sup>, não se alcança o objetivo de uma proposta semântica mais fiel à

---

<sup>3</sup> O pesquisador Marques de Melo (2003:35) está discutindo a dificuldade de se encontrar nos meados do século XX uma distinção terminológica que conseguisse dar conta do fenômeno da comunicação no âmbito epistemológico, apresentando assim as variantes mais comuns expostas pelos pesquisadores da época. Como interlocutora naquele momento, a Igreja Católica também expôs seu pensamento acerca da novidade cultural que extrapolava aos limites de seu conhecimento e controle, denominando o fenômeno como simplesmente “comunicação social”, como a pesquisadora Joana Terezinha Puntel apresenta a temática em sua obra “*Cultura Midiática e Igreja: uma nova ambiência*”, a partir de documento conciliar da Igreja Católica: “‘*Inter mirifica*’: aceitação oficial da Igreja dos meios de comunicação... Pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a *obrigação* e o *direito* de ela utilizar os instrumentos de comunicação social. Além disso, o *Inter Mirifica* também apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social. Havia agora uma posição oficial da Igreja sobre o assunto: –‘A Igreja Católica, tendo sido constituída por Cristo Nosso Senhor, a fim de levar a salvação a todos os homens e, por isso, impelida pela necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, também com o recurso dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens seu correto uso. Portanto, pertence à Igreja o direito natural de empregar e possuir toda sorte desses instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a toda

atualidade conceitual de comunicação, que no seu entender poderia se exprimir como “comunicação coletiva” (2003:35). Melo destaca inclusive a necessária distinção dos conceitos de comunicação e informação. Ele caracteriza a comunicação como um processo de diálogo, aproximação, construção de idéias e opiniões e coloca a informação no campo da unilateralidade, como processo indireto, geral, impessoal e imperativo na “reprodução simbólica” dos meios de comunicação.

O desenvolvimento do jornalismo, desde o seu nascedouro, foi potencializado pelo poder do capital. A força econômica empregada na produção de bens forjou também as técnicas de construção da informação. Como produto exemplar desse conjunto produtivo em vista do lucro, chega-se à elaboração da imagem impressa, que cria novas paisagens para as narrativas jornalísticas, configurando novas estruturas à indústria da notícia.

O novo ambiente tecnológico do jornalismo passa a sofrer profundas transformações advindas do desenvolvimento dinâmico da imagem, especialmente cinematográfica, de cujas produções se destaca a preocupação comercial, tendo em vista que o objetivo do cinema era sobretudo fazer espetáculo, promover o entretenimento.

Pode-se considerar, então, que desde os primeiros instantes da era industrial, onde consensualmente se situa o nascedouro do jornalismo, já se percebe a inexorável força do conjunto tecnológico da mídia sobre o texto jornalístico. Pois os próprios meios e suas técnicas também surgem como consequência das pesquisas idealizadas pela corrida industrial. Isso demonstra que o modelo de comunicação responde à

---

a sua obra de salvação das almas... (IM, n.3)’ –. O documento refere-se aos instrumentos de comunicação, tais como imprensa, cinema, rádio, televisão e outros meios semelhantes, que também podem ser propriamente classificados como meios de comunicação social (IM, n. 1). Ao enumerar esses meios, no entanto, o decreto refere-se ao que fora comumente classificado como meio de comunicação de massa até aquela data. Nenhuma atenção é dada no documento, às forças que articulam os meios de comunicação: por exemplo, anúncios, *marketing*, relações públicas e propaganda” (Puntel, 2005:122).

atualidade do cotidiano social: “o processo informativo passou a ser na sociedade industrial um processo cultural” (Bahia, 1971:9).

A partir deste contexto, vemos a oportunidade de uma reflexão mais aproximada sobre a peculiaridade dos gêneros jornalísticos enquanto elementos constitutivos básicos da chamada “cultura de massa”, dado que são esses gêneros que potencializam a essa cultura uma força catalisadora, capaz de produzir na sociedade os efeitos pretendidos pelos agentes da indústria cultural. Consiste nisso, portanto, a importância de investigarmos as forças da produção jornalística. Nossa aproximação pretende destacar aqui especialmente os gêneros opinativo e informativo, que são os instrumentais mais presentes na produção dos discursos jornalísticos. Tais discursos tem o poder de construir signos novos, geralmente com forte apelo comercial<sup>4</sup>, e oferecê-los objetiva e subjetivamente ao contexto social contemporâneo.

Marques de Melo considera que o jornalismo opinativo estruturou-se como a força propulsora da comunicação compreendida como atividade coletiva. Para este pesquisador, o gênero opinativo define essencialmente a comunicação enquanto ambiente de relacionamento dialógico.

Como princípio de aproximação ao gênero opinativo, Melo distingue jornal de jornalismo. Para ele, jornal é o veículo, jornalismo é a “atividade da comunicação coletiva” que se realiza neste veículo, como também em outras mídias. O pesquisador defende enfaticamente a origem opinativa do jornalismo, dado que, segundo ele, a origem do fazer jornalístico é naturalmente real e racional. Ele propõe que a atividade jornalística está diferenciada da propaganda e da publicidade pelo recurso da persuasão,

---

<sup>4</sup> Sobre as forças e os efeitos da comunicação pós-moderna, cf. Roberto Elísio dos Santos, *As teorias da comunicação, da fala à internet*, pp. 117-120.



ainda que reconheça a coabitação simultânea dessas distintas atividades em uma mesma mídia.

É imperioso distinguir que são atividades informativas essencialmente diferentes: a fronteira entre elas está no território da *persuasão*. Enquanto a propaganda e as relações públicas processam mensagens que pretendem persuadir e levar os cidadãos à ação, adentrando muitas vezes o espaço do imaginário e apelando para o inconsciente, o jornalismo atém-se ao real, exercendo um papel da orientação racional (Melo, 2003:16).

Fazendo uso da contribuição teórica de Otto Groth, Melo conclui que, no conjunto das informações midiáticas, o jornalismo tem sua epistemologia própria, possui identidade teórica e autonomia metodológica; apoiando-se no conceito de atualidade, também define a essência do jornalismo como “fluxo de informações” (2003:15) que ocorre nos espaços midiáticos. “... a essência mesma do jornalismo... se nutre do efêmero, do provisório, do circunstancial, e por isso exige do cientista maior argúcia na observação e melhor instrumentação metodológica para que não caia nas malhas do transitório” (2003:11). Assegurando, assim, que ...

... o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas – universos culturais e ideológicos (Melo, 2003:17).

Observando o pensamento de Roger Clause, Melo imagina a informação como evento, ato, acontecimento que potencializa “uma utilização prática na formação de uma opinião ou decisão de uma ação adequada” (2003:18). Podemos, portanto, pensar na informação como um fato que possui relevância para a “ação, pensamento ou opinião” no sentido de atingir as expectativas da coletividade.

O conjunto dessas observações conceituais nos dá conta de que, de um lado, a publicidade e a propaganda vão-se configurando objetivamente no campo das

informações comerciais, ganhando força de persuasão e conquistando espaços cada vez mais disputados com as atividades jornalísticas. De outro lado, o jornalismo, livre das censuras, vai-se firmando como “atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo idéias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista, caracterizando-se fortemente pela expressão de opiniões” (Melo, 2003:23).

Encontrar o lugar dessas bases políticas do jornalismo é fundamental na contextualização do “fazer jornalístico” enquanto produto das relações sociais e espelho das mesmas. A mesma sociedade que, no século XVIII, com sua Revolução, conquista o embrião da “liberdade de imprensa” ao escapar das “censuras prévias”, vai, mais adiante, movida pelo poder do seu capital e, em defesa deste, impor novas regras à prática do jornalismo e submetê-lo à agressiva economia capitalista que um dia o fez nascer na forma incipiente dos “informes”:

... os donos do poder, incomodados pela virulência com que se praticava o jornalismo, atacando, denunciando, combatendo o governo, [procuraram] reduzir o ímpeto da expressão opinativa... A instituição de taxas, impostos, controles fiscais atacava o flanco da sobrevivência econômica. A decretação de limites à liberdade de imprensa dava conta do cerceamento político, estabelecendo o mecanismo da censura a posteriori, ou seja, a punição dos excessos cometidos, nos termos da legislação vigente. Tais restrições fazem medrar o jornalismo de opinião e estimulam o jornalismo de informação (Melo, 2003:23).

Melo faz breve apresentação do jornalismo de informação nos seus gêneros mais comuns encontrados no Brasil, e que no seu entender se distinguem entre si apenas no processo de evolução dos fatos:

A distinção entre a *nota*, a *notícia* e a *reportagem* está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e a acessibilidade de que goza o público. A *nota* corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A *notícia* é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A *reportagem* é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu

no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a *entrevista* é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (2003:65-66).

A proposta de Melo ao classificar as categorias jornalísticas obedece à seguinte composição:

a) Jornalismo informativo: é uma categoria que se compõe dos gêneros nota, notícia, reportagem e entrevista, cujas breves definições foram acima apresentadas no excerto do próprio texto do pesquisador.

b) Jornalismo opinativo: é a categoria constituída pelos gêneros editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, cujas definições serão a seguir sinteticamente apresentadas, como no jornalismo de informação, com o fim de compreender mais concisamente os conceitos de informação e opinião que constituem o universo da comunicação contemporânea e fundamentar o mapeamento das matérias selecionadas e que mais à frente serão trabalhadas neste estudo.

No campo do jornalismo opinativo, Melo distingue o gênero *editorial* como sendo “o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (2003:103). E tem como objetivo “apreender e conciliar os diferentes interesses [políticos] que perpassam sua operação cotidiana” (2003:104).

O objetivo do *comentário* enquanto gênero jornalístico definido é apreciar os fatos, fazer conexões com outros eventos sociais, sugerir desdobramentos e propor valores diante dos dados obtidos. Apesar de assinado, o comentário distingue-se do editorial pelo fato de ser mais independente da ótica da empresa jornalística, não ter a pretensão de emitir opinião oficial e dedicar-se a examinar pormenores dos fatos que viram notícia (Melo, 2003:113-117).

O *artigo* possui duas concepções. A primeira, de domínio comum, o apresenta como qualquer matéria publicada na imprensa: “não importa a natureza, todo texto divulgado na imprensa se chama artigo” (Melo, 2003:121). A segunda, de domínio das instituições jornalísticas, o configura como gênero que expressa idéias e opiniões de algum colaborador para publicação “nas páginas editoriais ou nos suplementos especializados” da imprensa. O artigo é expressamente opinativo e levanta argumentos sobre os conteúdos mais relevantes da notícia, distanciando-se da ocorrência dos fatos e trabalhando a conjuntura de causas e efeitos a longo prazo (cf. 2003:121-129).

A *resenha* é um gênero jornalístico exclusivamente voltado à “apreciação de obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores” (Melo, 2003:129). Não é objetivo da resenha fazer análise crítica de estética ou qualquer outro atributo artístico, mas apenas apresentar breve comentário sobre obras artísticas enquanto produtos, em vista da utilidade dos consumidores, orientando-os com critérios de mercado.

Melo, citando os autores Rabaça e Barbosa, observa a natureza ambígua do gênero chamado *coluna*, que em geral é identificado como seção fixa e que, nessa qualidade, pode abranger a totalidade dos demais gêneros jornalísticos. “A coluna é a ‘seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum’” (2003:139-140). Esse gênero jornalístico adquiriu grande vulto social e fez do colunista mais um agente político do que jornalista, pois ele transita livremente pelos estratos sociais e bastidores do poder. Deste gênero, destacam-se alguns “tipos mais comuns na imprensa brasileira: coluna social, coluna política, coluna econômica, coluna policial,

coluna esportiva, coluna de livros, coluna de cinema, coluna de televisão, coluna de música, etc...” (2003:147).

A *crônica*, apesar de ser uma terminologia ambígua para o senso comum e para as culturas de mídia estrangeiras, para as quais está ligada à narração histórica, é um gênero jornalístico definido e eminentemente brasileiro enquanto “relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (Melo, 2003:149). O caráter duplo de atualidade e poesia confere à crônica a definição de gênero jornalístico e literário, e tem a finalidade de “comover o leitor, de pelo menos fazê-lo pensar, sentir, ao pôr em movimento algumas de suas emoções” (2003:161).

A *caricatura* é apresentada pelo pesquisador como o gênero jornalístico que vai além do texto, agregando também a imagem, como “imperativo para influenciar um público maior do que aquele dedicado à leitura”. Embora “nem toda imagem inserida na imprensa tenha função opinativa,... a opinião se manifesta explícita e permanentemente através da caricatura; sua finalidade satírica ou humorística pressupõe a emissão de juízos de valor” (Melo, 2003:163).

Melo define o último gênero de sua classificação como o meio mais direto de relacionamento entre o público e as empresas de comunicação: a *carta*. Este gênero é aquela seção, “aquele espaço em certo sentido democrático ao qual cada um pode recorrer”, embora tenha “participação inexpressiva no conjunto da superfície impressa dos jornais diários e das revistas semanais” (2003:175).

A partir dessa apresentação sintética dos tradicionalmente chamados gêneros jornalísticos informativos e opinativos, podemos avançar para a compreensão dos mesmos enquanto produtos de um jornalismo inserido num contexto de espetáculo, quando o próprio jornalismo pode se tornar, por força de produção, um subproduto da

indústria cultural. O faremos no segundo tópico deste capítulo. Antes, porém, se faz necessário um contraponto ao pensamento estratificado e aparentemente rígido de Marques de Melo, que embora tenha reconhecido mérito de precursor nas reflexões sobre este campo de pesquisa, apresenta no seu discurso aqui defendido certo determinismo.

Para além da simplificação do discurso jornalístico como de matriz informativa ou opinativa, Manuel Chaparro vê relações de complexidade nos textos jornalísticos como um todo, superando a visão seccionista e ideológica das editorias que compõem o discurso de um órgão de notícias e mesmo das escolas de jornalismo:

Novas formas de relato. A pesquisa deixou claro que a criatividade jornalística, as interações democráticas, as razões do mercado e as novas possibilidades de linguagem criadas pelas novas tecnologias não são nem estão condicionadas por classificações acadêmicas. A busca da eficácia, tendo em vista o sucesso das ações comunicativas que o jornalismo medeia e implementa, produziu novas intencionalidades e as impôs na utilização das formas discursivas do relato da atualidade.

A diversidade de subespécies pouco ou nada tem que ver com o rigor classificatório dos gêneros jornalísticos, entendidos como formas do discurso (Chaparro, 2008: 37).

Essa perspectiva de Chaparro nos lança em observação mais objetiva e aproximada da complexidade que envolve as relações jornalísticas na contemporaneidade, quando já não podemos mais considerar aspectos particularizados da produção de notícias como formas exemplares e ideais a serem seguidas como manuais. Compreendemos assim que tanto as narrativas da produção de notícias quanto as construções textuais opinativas se entrecruzam como resultado de opções da instância produtora de informação.

Os paradigmas estruturalistas e funcionalistas que mormente sedimentaram o pensar e a prática jornalística nos séculos XIX e XX tornaram-se obsoletos frente às

exigências conceituais e tecnológicas do século XXI, cujas referências são absolutamente novas, pelo que ainda não são dominadas e muito menos definidas. Consideremos inclusive que domínio e definição são categorias metodológicas que precisam ser revistas no exercício da pesquisa epistemológica contemporânea.

O jornalismo como elemento constitutivo da cultura, sujeito e objeto das relações sociais, acompanha intimamente os reveses da história, suas mudanças, adaptações no tempo e no lugar de onde fala, assumindo inclusive posições determinadas, embora veladas em vista de preservar o princípio da “independência”, acerca do cotidiano em que está inserido. Essa independência no discurso jornalístico é evidentemente mais um dado da complexidade da cultura contemporânea que atinge as instâncias produtoras de notícia e seus agentes. Veja-se o caso relatado por Chaparro:

Os jornais, como a maioria da população, apoiaram a destituição de João Goulart e a tomada do poder pelos militares. Até o *Correio da Manhã*, único dos grandes jornais a opor-se de verdade aos militares, havia exigido o afastamento de Goulart, em três editoriais seguidos, antes do levante militar. Os títulos: “Basta!”, “Fora” e “Não pode continuar”. Mas o *Correio da Manhã* queria a transferência do poder para o sucessor legal, razão pela qual de imediato optou por um jornalismo de oposição (2008: 87).

A posição do jornal deixa claro que ele não tem como ser imparcial nem independente do que acontece, porque enquanto mediador, ele também é parte do diálogo que está sendo travado no espaço social.

Em vista da complexidade das relações sociais contemporâneas que marcam o ritmo dos discursos jornalísticos defrontados à crise de paradigmas, Chaparro propõe três idéias, que transcrevemos a seguir, como indicação de possíveis escolhas de observação para jornalistas e estudiosos da área:

1. *É preciso romper, de vez e urgentemente, com o velho paradigma que divide o jornalismo em Opinião e Informação.* Por decorrência, romper, também, com os equívocos produzidos por essa fraude teórica no estudo das formas discursivas (chamadas de “gêneros”). Alguns desses equívocos se refletem, por exemplo, na rigidez das fronteiras que, na prática jornalística, separam as formas de Relato das formas de Comentário.
2. *As redações dos meios impressos têm o dever de romper os limites do “mundo noticiado”, definidos pelo poder massivo do telejornalismo, e aceitos pelo jornalismo impresso passivamente.* Ao delimitar o “mundo noticiado” com o qual trabalha e se realimenta obsessivamente, a televisão cria, ainda que sem querer, a noção de um “mundo não noticiado”, que deveria ser entendido e assumido como desafio pelo jornalismo impresso.
3. *Para dar conta do “mundo não noticiado”, e de suas relações umbilicais com o “mundo noticiado”, o jornalismo impresso tem de reinventar formas e combinações para as ações de narrar e argumentar – e isso inclui o resgate criativo da notícia, para papéis sociais diferentes dos que teve na segunda metade do século XIX (2008: 223-224).*

Guardadas as relevantes contribuições de Chaparro e consideradas, para efeito de clareza metodológica, as categorias tradicionais de Melo, nosso próximo passo é observar a trama complexa das relações jornalísticas no interior de um contexto de espetáculo, no qual prevalecem as forças de produção econômica.

## ***2) O jornalismo no contexto do espetáculo***

No advento da era pós-moderna, com a superação dos interesses meramente industriais e a assunção de valores de consumo cada vez mais sofisticado, a cultura de massa transforma o jornalismo em espetáculo multifacetado e o público, em consumidor voraz e exigente (cf. Santos, 2003:58). Vale dizer que as características do público também se multiplicam à mercê da oferta de informações. Algumas das características da comunicação pós-moderna são, no entanto, mais perceptíveis nos países tidos como desenvolvidos. No Brasil, onde a totalidade da população ainda não tem acesso facilitado aos recursos tecnológicos de alto padrão, verificam-se apenas alguns grupos sociais mais perfilados com o consumo de massa, uma vez que a população muito pobre ou miserável não tem poder econômico que lhe permita a aquisição dos recursos



tecnológicos avançados da sociedade de consumo, à exceção da televisão que construiu no Brasil uma trajetória ímpar, penetrando praticamente a totalidade dos lares brasileiros. Muito além disso, na realidade, a comunicação de massa, no conjunto dos efeitos especiais, cria no espaço social contemporâneo um ambiente fictício, uma ambiência mercantilista de informações produzidas, quase sempre de entretenimento, que simulam a vida real e são veiculadas em alta rotatividade.

Essa condição à qual está submissa a comunicação de massa, em vez do progresso social e consolidação da democracia, contribui para a criação de uma cultura do espetáculo, que fantasia o real e subverte a justiça<sup>5</sup>.

Os gêneros informativos e opinativos, que para Chaparro são concebidos respectivamente como relatos e comentários, já não decorrem mais da espontaneidade dos fatos. São produzidos a partir da pauta do mercado em vista do consumo, e seu estilo, forma e conteúdo nos meios utilizados já são previamente elaborados de modo a garantir o espetáculo<sup>6</sup>, isto é, a fantasia e o prazer do interlocutor em seu contato com a produção jornalística compreendida em toda a complexidade da indústria cultural.

O mercado constitui-se a primeira referência da comunicação dita de massa, e não mais a ética da informação clássica, baseada no humanismo: o “padrão do jornalismo contemporâneo, comprometido com o mercado, abdica dos princípios

---

<sup>5</sup> Para melhor compreensão dos efeitos danosos da cultura do espetáculo como ambiência generalizada da comunicação de consumo, cf. Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro (Orgs.), *Comunicação e sociedade do espetáculo*, pp. 109-110. Ainda no âmbito dos efeitos da comunicação de massa sobre o indivíduo receptor, Michael Kunczik, *Conceitos de jornalismo, norte e sul, manual de comunicação*, pp. 292-293, propõe que a partir da análise científica desses possíveis efeitos, evidencia-se dos mesmos múltipla característica, viabilizando distingui-los do seguinte modo: “quais efeitos se dão, sob quais condições e sobre quais receptores”, de modo que um efeito não é sempre igual sobre situações e indivíduos diferentes. Para certos receptores, alguns efeitos em determinada circunstância podem ser benéficos, e negativos para outros receptores em outras situações. Kunczik também faz referência ao espaço público macro enquanto receptor dos efeitos da comunicação, e não apenas do indivíduo ou de pequenos grupos isolados, é o que ele chama de macroefeitos, que se encarnam nos meandros políticos relevantes da sociedade como um todo, veja também as pp. 89-95. Um efeito é, portanto, decorrente da personalidade do receptor, da circunstância em que ele se encontra e do próprio conteúdo que ele recebe.

<sup>6</sup> Veja a definição de espetáculo de Guy Debord, 1997: 14-15, também referida em Coelho e Castro, 2006:14.

humanísticos, libertadores e idealistas que residiam na essência do jornalismo clássico” (Marshall, 2003:56).

A ética econômica capitalista que predomina no ambiente das instituições jornalísticas tem um fator decisivo na veracidade da comunicação proposta por seus veículos:

O resultado da pressão do mercado e da competição exacerbada entre jornais tem sido o rompimento do “contrato social” entre a imprensa e o público, em que a verdade fica relegada à posição não mais de princípio, mas de artifício do processo da informação. O repórter e o editor rendem-se às graças do *marketing* e aos imperativos do lucro e submetem a informação ao processo estético da mercadoria, secundarizando a verdade e a cartilha da notícia (Marshall, 2003:53).

Essa falta para com a verdade não se reduz à técnica do fazer jornalístico, mas à sua finalidade política:

É notório que, embora apregoada como um direito que garante a liberdade de expressão e de opinião para todos os cidadãos, a luta pela liberdade de imprensa não escondeu e não esconde ainda hoje o sutil objetivo das organizações jornalísticas em praticar a liberdade de empresa, isto é, poder competir num mercado capitalista como qualquer empresa capitalista. Camuflados pela sanha histórica da humanidade na busca da liberdade plena, os empresários da informação acabam usando o direito de liberdade de imprensa como estratégia para alcançar seus interesses comerciais (Marshall, 2003:84-85). Fica evidente a natureza eminentemente *política* que o jornalismo assume desde o seu nascimento como processo social (Melo, 2003:21).

A definição clássica da informação como dado jornalístico pauta-se pela verdade como caráter essencial na conjuntura da comunicação:

A informação é a principal finalidade do jornalismo. Ela deve ser verdadeira e íntegra, descobrindo e comunicando, pela imprensa, pelo cinema, pelo rádio, pela televisão ou outros meios, os fatos que pela sua própria natureza convém sejam públicos e não meramente particulares (Bahia, 1971:37. Ver também: 65-69).

Se classicamente a comunicação goza da definição de “processo social básico” (Bahia, 1971:73-77), isto é, de diálogo recíproco em torno de necessidades reais, do qual a informação é elemento constitutivo preponderante, as implicações da ética econômica capitalista introduzem na comunicação uma profunda mudança conceitual. O processo comunicacional é reduzido a uma relação mercadológica, que lhe confere adjetivos de superficialidade e lhe subtrai o brilho da conceituação original, pondo em perigo a credibilidade das informações tratadas:

A imprensa falsifica informações mediante produções distorcidas, a manipulação dos fatos, a supressão de elementos fantasiosos ou a invenção de acontecimentos ou depoimentos. No fundo, esses exercícios de falseamento demonstram um objetivo básico: favorecer interesses, sejam eles dos jornalistas, da empresa ou do poder econômico ou político (Marshall, 2003:53).

A partir da provocação de Marshall, pensamos que possa haver mais que falha de entendimento no processo de construção do jornalismo, levando a crer que uma produção jornalística é potencialmente falsa por uma opção proposital, quiçá de cunho sensacionalista. Vale ressaltar que, em geral, para o receptor/interlocutor, a verdade é o que está na mídia, a notícia produzida, e não o fato em si, ao qual ele muitas vezes nem tem acesso por outros meios.

Cumprido destacar, então, os fundamentos que dão origem à “transmutação” da comunicação em espetáculo e da informação em entretenimento:

A matriz do processo de mutação dos paradigmas do jornalismo é uma espécie de ideologia publicitária-mercadológica-liberal pós-moderna. A linguagem jornalística incorpora antes, durante, depois, sob, sobre, intra, inter e trans a palavra, a linguagem e o discurso da racionalidade econômica da sociedade. Não só da razão pura do mercado, mas da estética, do simulacro e do teatro do mercado representados na mercadoria.

Na sociedade contemporânea, a informação, a notícia, o jornal e a imprensa em geral são estetizados, marketizados e mercadorizados. A realidade dá lugar à estética da realidade. O esforço da objetividade dá lugar à estética da subjetividade. A apresentação torna-se uma representação protética e artificial.

As mutações, enfim, são generalizadas e subvertem as lógicas da comunicação e da informação. O ultramercado, mediante sua ideologia publicitária-mercadológica-liberal, altera o DNA da realidade, em sua essência e em sua aparência, e produz uma estética pós-moderna, transgênica e cor-de-rosa, que domestica os espaços, os corpos, os sentidos e as tangências, bem como sintetiza uma forma de “Renascimento Imagético” que orbita com liberdade na sociedade midiática.

O que conforma a realidade e o que determina a verdade é uma derivação da ética da estética, uma ética ultra-ética, estabelecida pela derrisão dos princípios e das matrizes epistemológicas e sociais (Marshall, 2003:145).

Marshall defende que a lógica do mercado transformou o jornalismo em produto de mídia e a comunicação, que antes se caracterizava por uma relação interpessoal, dialógica e humanizadora, em transação de compra e venda. A produção da notícia atende ao gosto do público, e não mais a uma necessidade básica sua, aquela da informação, porque o que antes era informação é agora objeto de entretenimento. Disso resulta o sensacionalismo como produto da chamada “imprensa cor-de-rosa”, que suaviza a informação com a estética da imagem, ocultando as agruras do cotidiano com o retoque à realidade. Ela só é concebida quando se apresenta, produzida, acabada, fechada, como gênero jornalístico nos meios de comunicação de massa: “... todos os processos naturais do jornalismo ficam condicionados ao crivo moral, estético e mercadológico do mercado, representado no processo jornalístico pelo seu sujeito, o jornalista” (Marshall, 2003:55).

O avanço do “processo de colonização da lógica publicitária sobre a lógica jornalística” submeteu o mundo da informação, com todos os seus profissionais, à “ética hegemônica do mercado e da publicidade”, de modo que “o principal efeito para o universo da comunicação é a sua subordinação às regras do livre-comércio” (Marshall, 2003:88-89), onde não se tem medida nem limite, isto é, nenhum princípio ético de valorização humana, senão e apenas a visão de ganhos capitais.

Essa questão ética faz emergirem os limites reais entre o modelo de comunicação midiática afinada com a lógica publicitária capitalista e o modelo de comunicação que se pauta em valores morais de humanidade. Enfático, Marshall declara que “a ética da estética transcende a ética e a estética e estabelece uma verdadeira patologia jornalística, que, em metástase, espalha-se pela cultura e pela sociedade da comunicação e da informação” (Marshall, 2003:167).

A partir da concepção original de Guy Debord, a sociedade contemporânea, organizada a partir de cadeias produtivas capitalistas de artifício, é apresentada por Cláudio Coelho e Valdir Castro como “sociedade do espetáculo”, cujas relações repousam sobre trocas culturais marcadas pelo fetichismo de “informações-mercadoria” de entretenimento, que substituem o fato natural pela sua representação e aparência produzida na imagem fantasiosa da notícia:

O mundo inteiramente dominado pela economia é o mundo espetacularizado: a representação da realidade aparece como realidade separada. A alienação é simultaneamente material e intelectual (cognoscitiva). Se as relações mercantis são a única forma de relação social possível, a alienação presente no processo de produção estende-se a toda a vida social (Cláudio Novaes Pinto Coelho in Coelho e Castro, 2006:16).

A consequência da desterritorialização do real na mídia é o aviltamento da ética jornalística baseada no princípio da comunicação dialógica, cuja reflexão e preocupação estavam originalmente voltadas para as relações de cidadania. A “informação-mercadoria”, subtraindo ao receptor a faculdade de pensar e refletir, envolve-o na teatralidade da violência e emoção do fetiche: “ao sentir que participou do acontecimento, talvez até chegar às lágrimas, então, aquele acontecimento terá se tornado real porque a pessoa o vivenciou” (Jaime Patias in Coelho e Castro, 2006:99).

Diversamente do que se apresenta como senso comum, o espetáculo não é uma peça artística isolada num contexto social à qual o espectador apenas assiste.

Compreendido por Coelho e Castro, o espetáculo sintetiza as relações sociais como teatralidade, da qual o espectador também é ator e assume papel significativo enquanto elemento constitutivo da cadeia mercadológica da indústria cultural, não somente como consumidor, mas também como vítima de uma comunicação a cujo produto ele pode não ter acesso:

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude o substrato de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real, provocados pelo sistema capitalista (Valdir José de Castro in Coelho e Castro, 2006:115).

O culto à imagem é uma referência explícita ao dinheiro, estando no mesmo plano o poder e o gozo, tema abordado em *Videologias* por Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl, para quem o sistema produtivo capitalista camufla-se, quanto à sua face excludente, escondendo as conseqüências de suas relações estritamente mercadológico-parasitárias, na produção de imagens que fantasiam a realidade. Tomando a TV como mídia protagonista, Bucci e Kehl demonstram que a imagem “fechada” aprisiona e embala a realidade como produto de consumo, através do artifício da ficção, em vista de atender à demanda de uma sociedade que se articula por meio de gêneros jornalísticos informativos pautados na ética do fetichismo. A sociedade do consumo fetichista usa da violência e do exibicionismo como expressões vigorosas de sua indústria cultural que concentra na mídia o ambiente do poder político-econômico. Esse ambiente midiático construído sobre o fetiche, entretenimento e espetáculo, traz profundas conseqüências éticas e políticas sobre o papel estético e pedagógico da comunicação.

Alienação e fetichismo são conceitos constitutivos das teorias de Marx e Freud e estão relacionados à “transformação dos produtos do trabalho humano em mercadorias”.

Em processo “perverso”, a mercadoria ganha contornos de humanidade. O ser humano é “coisificado” e as coisas são “humanizadas”.

O que nos diferencia hoje de outros períodos da modernidade é a espetacularização da imagem e seu efeito sobre a massa dos cidadãos, indiferenciados, transformados em platéia ou em uma multidão de consumidores da (aparente) subjetividade alheia. Na sociedade contemporânea, a estreita ligação entre o mercado e os meios de comunicação de massa é evidente, e necessária. Nesta “sociedade do espetáculo (...) a mídia estrutura antecipadamente nossa percepção da realidade, e a torna indiscernível de sua imagem estetizada” (Guy Debord, *La société de l'espectacle*, apud S. Žižek, *Um mapa da ideologia*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1996). A mídia produz os sujeitos de que o mercado necessita, prontos para responder a seus apelos de consumo sem nenhum conflito, pois o consumo – e, antecipando-se a ele, os efeitos fetichistas das mercadorias – é que estrutura subjetivamente o modo de estar no mundo dos sujeitos.

A exaltação do *indivíduo* como representante dos mais elevados valores humanos que esta sociedade produziu, combinada ao achatamento subjetivo sofrido pelos sujeitos sob os apelos monolíticos da sociedade de consumo, produz este estranho fenômeno em que as pessoas, despojadas ou empobrecidas em sua subjetividade, dedicam-se a cultivar a imagem de outras, destacadas pelos meios de comunicação como representantes de dimensões de humanidade que o homem comum já não reconhece em si mesmo. Consume-se a imagem espetacularizada de atores, cantores, esportistas, e alguns (raros) políticos, em busca do que se perdeu exatamente como efeito da espetacularização da imagem: a dimensão, humana e singular, do que pode vir a ser uma pessoa, a partir do singular ponto de vista de sua história de vida (Bucci e Kehl, 2004:66-67).

Essa percepção recobra a epistemologia dos signos em Barthes no seu texto *Mitologias*, em que ele trabalha o sistema semiológico e sua capacidade de criação, produção, de mitos. Para Barthes, “o mito tem efetivamente uma dupla função: designa e notifica, faz compreender e impõe” (Barthes, 2003:208). O império da imagem e a tirania da fantasia, do gozo, são decorrentes da idéia mercadológica capitalista, são produtos da indústria cultural liberal:

A semiologia nos ensinou que a função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza, uma eventualidade em eternidade. Ora, este processo é o próprio processo da ideologia burguesa. Se a nossa sociedade é objetivamente o campo privilegiado das significações míticas, é porque o mito é formalmente o instrumento mais apropriado para a inversão ideológica que a define: a todos os

níveis da comunicação humana, o mito realiza a passagem da *antiphysis* para a *pseudophysis* (Barthes, 2003:234).

Essa compreensão de Barthes permite cogitar que o processo de “despolitização”, que o mito realiza nos fatos sociais mediatizados pelos veículos de comunicação, evidencia-se nas produções jornalísticas que, a partir do mercado do gozo e seu sensacionalismo, extraem da notícia formatada a sua carga de reflexão ou incomodidade oriundas da realidade. A fantasia da vida real exerce, então, sobre a pessoa individualizada, culturalmente criada para ser potencial consumidora, o seu poder imagético vertiginoso, violento, tirânico.

Exemplos extremamente significativos da coisificação da pessoa sob o poder tirânico do espetáculo são apresentados por Ignácio Ramonet em seu texto *A Tirania da Comunicação*, onde ele descreve a busca desvairada pelo sensacionalismo da notícia-escândalo e de futilidades, com a voracidade da imagem televisiva pela informação-mercadoria em vista de audiência. Presentificando o efeito mitológico e fetichista da imagem das imagens, “a transmissão direta, instantânea, cria o efeito de verdade”. Ele exemplifica a cobertura que a mídia fez do acidente que cerceou a vida da princesa Diana e do caso Clinton-Lewinsky, em que se perderam todos os princípios da deontologia, se transgrediram todos os fundamentos morais e se subverteram todas as recomendações éticas (cf. 1999:8-20).

A *World Culture* é o mais recente produto cultural que se estabelece como ambiência social da comunicação contemporânea. Ramonet destaca dessa cultura de informação a fábrica de escândalos e fantasias para atrair e despertar interesse no público, especialmente na TV, cujo conteúdo informativo e de entretenimento também é notícia. A *World Culture* ainda encontra, contudo, certa resistência no seu assédio ao usuário de Internet, por ser este espaço na atualidade uma frente de horizontalização do



poder, onde a pessoa ainda tem opção de escolha e pode exercer, dentro dos limites e filtros dessa cultura midiática global da rede de computadores, uma possível cidadania e estabelecer uma censura democrática, quiçá recuperando traços de uma identidade totalmente perdida nas imagens fechadas da televisão. A horizontalidade que marca as comunicações do ambiente virtual da rede de computadores abriria aqui a discussão sobre uma possível democratização da mídia através da internet, ou seja, a “multimídia”.

Considerada a democratização da comunicação como possibilidade remota, o que se tem na atualidade é a contaminação do ambiente virtual com o acúmulo de informações que geram lixo letal, inclusive nas outras mídias ditas eletrônicas, rádio e TV:

Ninguém se lembrou que hoje em dia a informação televisionada é essencialmente um divertimento, um espetáculo. Que ela se nutre fundamentalmente de sangue, de violência e de morte. E isto mais ainda devido à concorrência desenfreada entre as emissoras que obrigam os jornalistas a buscar o sensacional a qualquer preço, a querer ser, cada um deles, o primeiro no local e a enviar de lá imagens fortes (Ramonet, 1999:101-102).

Michael Kunczik, abordando a publicidade como produto da indústria cultural capitalista que sintetizou as relações sociais sob a forma de comércio, constata que “a ideologia desgastou-se na idolatria do *status quo* e do poder, ambos controlados pela tecnologia” (2002:86). Isso implica dizer que a realidade se tornou prisioneira da técnica e de sua virtualidade como características predominantes de uma sociedade fundamentada nas relações econômicas.

Às voltas com a estrutura sociocultural contemporânea pautada na tecnocracia da informação, o homem urbano vive imerso num mundo espetacular do qual ele não tem alternativa de escape, uma vez que o ambiente que o cerca é produto de suas próprias escolhas, individuais e coletivas, como Cremilda Medina destaca em sua

análise sobre a informação como produto das circunstâncias industriais, nascidas de uma opção econômica do homem urbano:

... os próprios avanços tecnológicos fazem parte das necessidades da industrialização, ou que reforça a informação, no caso, jornalística, como decorrência normal do sistema econômico que está na base. Há então a considerar a informação como outro produto, mais um, desse sistema. Nesse momento, é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada (Medina, 1988:16).

Assim, a relação estabelecida entre comunicação e espetáculo se vê envolvida por uma opção de modelo. No caso da comunicação contemporânea predominante na mídia, se verifica claramente um modelo econômico liberal plenamente perfilado com a indústria cultural do entretenimento que submete as relações sociais ao império do hedonismo. O cotidiano do jornalismo tende a produzir o que parece agradável ao público, como destaca Medina, discutindo as correntes teóricas que se encarregaram de selecionar, explicar e padronizar as técnicas jornalísticas em seu nascedouro elaborando leis para a comunicação a partir de filtros econômicos:

... o gosto do público. Temos então uma seleção regulada pelos interesses do consumidor. Há uma escala teórica já relativamente bem estabelecida: seja na perspectiva afetiva das emoções primárias que exigem certos conteúdos, na esfera racional que pede informações originais ou no âmbito da vontade de um público que *quer* estar informado para participar, os interesses representam para a notícia um termômetro indispensável. E é em torno desta identificação da mensagem com o gosto do público, que se teoriza o critério da proximidade da informação (1988:20).

Analisando as teorias comuns acerca da construção dos conceitos jornalísticos que ainda predominam na contemporaneidade, ainda que seus limites estejam cada vez mais se demonstrando superados, Medina mostra no seu discurso a tessitura interna da indústria da notícia, o cotidiano dos profissionais e seus embates com as teorias, práticas

e técnicas da produção jornalística, e descobre que nesse universo industrial, o jornalista nem sempre é sujeito no processo de industrialização da notícia: “... assim como o brasileiro alfabetizado médio, também o produtor de informação não pesquisa a história de sua cultura, a história de seu povo, a história da sociedade em que está inscrito como canal e agente de comunicação” (1988:142). O processo espetacular do mercado parece ingerir indistintamente a todos os membros do sistema, não fosse a opção pessoal de cada indivíduo de constituir ou não parte da cadeia produtiva:

O profissional e o empresário dos meios de comunicação se inscrevem no amplo contexto da sociedade, sofrem todos os condicionamentos estruturais e conjunturais do Brasil histórico e do Brasil de hoje, bem como a situação do Terceiro Mundo em que o país, por sua vez, se insere. A nível de indústria cultural e a nível de produção técnica não escapam também às conjunturas contemporâneas internacionais. O esforço para eliminar os descompassos tem privilegiado, como já foi dito antes, a tecnologia. Com isso, poucos investimentos têm sido carreados para os recursos humanos que produzem a informação – o jornalista ou o comunicador social (1988:143).

A fixação no processo técnico produtivo impediu por muito tempo os produtores da notícia de se verem como sujeitos da comunicação e do fazer jornalístico, aprofundando a distância entre eles e seus interlocutores, ambos vistos pela indústria através do filtro das cifras. O ápice desse processo é o que as mais recentes contribuições teóricas compreendem por complexidade, quando já não observamos mais a sociedade e suas relações estritamente como resultantes de um processo sistemático da cadeia econômica, mas também de uma agenda global movida e recriada a todo instante por suas intermitentes invenções e reinvenções que envolvem a totalidade das relações sociais.

Essa agenda global reestrutura a pauta política e econômica do mundo todos os dias e põe em xeque aqueles paradigmas outrora tão precisos e defendidos pela técnica industrial como infalíveis. O fazer jornalístico, como parte daquelas técnicas, vê-se

imerso num mundo de incertezas e inseguranças que o lançam no desafio de reconquistar seu espaço no espectro das relações sociais, inclusive e principalmente, a partir da reflexão teórica:

O tema da epistemologia – a ciência que pensa a ciência – assume, pois, o lugar e importância decisivos na “era das incertezas”, de crise do pensamento. O sentimento de perda de rumo, insegurança, angústia intelectual e existencial que a crise gera, aguça os espíritos mais rebeldes, aticando sua criatividade. Opção possível, estudiosos e cientistas de diversos saberes se reúnem para a troca de idéias, o diálogo de posições, a comunhão possível, tentando romper o isolamento causado pela tradição científica fragmentalista (Künsch, 2000:56).

O esforço conjunto de redescobrir caminhos em meio à crise de paradigmas tanto técnicos quanto teóricos relança à pesquisa os estudiosos e os profissionais da comunicação. A saturação do tecnicismo, que já não dá conta das demandas do relacionamento social contemporâneo, abre espaço para alternativas do pensar e do fazer jornalístico. Alternativas, porém, ainda indefinidas, sem a clareza tão paradigmática dos caminhos de outrora:

É crise do pensar, explicar, tentar entender. É crise de práticas e estratégias de ação. É também crise de grandes instituições, ontem mais sólidas que hoje, ansiosamente à procura de novas identidades, num mundo em rápidas mudanças.

Para vencer a angústia e o sentimento de derrota que acompanham toda crise, sempre pode ser útil e interessante insistir na lembrança do seu caráter de novidade e promessa. Apenas como exemplo: a crise da idéia de progresso ilimitado, por meio do domínio da natureza, cede vez a novas mensagens e práticas, de tipo ecológico. Ferida ainda, mas confiante, a natureza agradece. A vida agradece, feliz da vida (Künsch, 2000:50).

Esse olhar promissor de Dimas Künsch sobre os caminhos traçados pela sociedade contemporânea é igualmente animador no campo da produção jornalística que, embora ainda conserve muito das tradições tecnicistas no formato e no conteúdo de suas publicações, tais estruturas técnicas já não têm mais aquela força tão proeminentemente estratificadora de meados do século passado. Isso acontece, por

exemplo, com as chamadas editoriais dos jornais, em que uma temática pode perpassar vários cadernos editoriais sendo abordado de diversas perspectivas. Esse modo globalizante de visão sobre uma matéria jornalística já é fruto das redescobertas e experiências da contemporaneidade, marcada pela multiplicidade não só dos assuntos temáticos dos jornais como também da variedade de abordagem que se dá a esses assuntos. Essa novidade deixa entrever o retorno daquela preocupação primeira do lugar do sujeito no fazer jornalístico, quem é ele, onde ele está, o que está dizendo, quais seus interesses.

Transitando do conceito às técnicas do jornalismo, acreditamos que o profissional da comunicação, o jornalista, seja o ponto-chave na discussão sobre a crise paradigmática, e também ética, do pensar e do fazer jornalístico contemporâneo. Cremos que o jornalista pode e deve construir seus discursos realmente de modo mais independente à medida que conseguir distanciar sua prática dos limites rígidos dos conceitos e da força exclusiva da instância financiadora do seu trabalho; à medida que se permitir experimentar fundir seus conhecimentos técnicos, teóricos, acadêmicos em equilibrada negociação entre os interesses dos leitores, os seus e os da instituição noticiosa. Pois, se for certo dizer que o jornalismo não sobrevive sem os parâmetros da mediação dos conceitos e da dinâmica do sistema econômico, também é certo que inexistente quando uma produção noticiosa cala o jornalista e intoxica o leitor com as superficialidades do espetáculo.

Destacar o relevo dessas considerações preliminares contextualizando o jornalismo foi o objetivo das discussões apresentadas neste primeiro capítulo. Aqui trabalhamos idéias, conceitos e técnicas que permeiam a complexidade do cotidiano jornalístico, desde o seu nascedouro até sua reformulação no momento em que, como

produto final, é reapropriado pelo leitor, que, por sua vez, nunca é simplesmente passivo frente à produção jornalística.

O próximo capítulo abordará a cobertura propriamente dita da visita do papa, apresentando a totalidade de tudo quanto foi publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo* durante o período seletivo pela pesquisa. Posteriormente, as matérias, organizadas por temáticas e relevância, serão comentadas e analisadas a partir das contribuições teóricas dos autores já mencionados neste primeiro capítulo e também de outros referenciados na bibliografia.

## **CAPÍTULO II – O DISCURSO DO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO* SOBRE A VISITA DO PAPA: AS MATÉRIAS DA COBERTURA**

Objetivamos neste segundo capítulo fazer breve contextualização do momento que antecedeu a visita do papa ao país, e, na sequência, apresentar, inclusive com detalhadas descrições, a cobertura completa que o jornal *Folha de S. Paulo* fez do evento. As narrativas mostram como o jornal observou a presença de Bento XVI no Brasil, sua chegada, seus compromissos, seus pronunciamentos e seu retorno a Roma, além de todo o movimento social, religioso, político, econômico e midiático gerado no entorno da visita papal.

Durante o período em que o jornal começou a se preparar para cobrir a viagem do papa Bento XVI ao Brasil estava em voga o apagão aéreo no Brasil, como ficou conhecida a pane na estrutura de suporte terrestre à malha de rotas da aviação brasileira. Voos superlotados. Falta de controladores nas torres. Desinformação nos aeroportos. E a tragédia do voo 1907 da empresa de linhas aéreas Gol que se chocou em pleno ar sobre a Amazônia com um jato Legacy da fabricante brasileira de aviões Embraer.

As manchetes dos jornais destacam o lobby pela aprovação do aborto. A disputa política pelo uso de células tronco embrionárias em pesquisas científicas e a permissão da eutanásia em vários países chegou também ao Brasil. Como toda a mídia nacional, o jornal *Folha de S. Paulo* também estava noticiando a corrupção de desembargadores e juízes. E ainda se falava no assassinato do casal de estudantes Liana Friedenbach e Felipe Caffé que motivou intensos debates sobre a redução da maioria penal devido à gravidade das atrocidades cometidas pelos menores infratores, um deles interno da FEBEM de onde fugiu depois que foi preso em 2003 quando cometeu o crime. O

juízo dos assassinos de Dorothy Stang ainda se estende passados dois anos da morte da missionária, ocorrida em fevereiro de 2005.

Nas proximidades da viagem do papa, dia 29 de abril, acontece a morte de Octavio Frias de Oliveira, editor chefe do jornal *Folha de S. Paulo*. Nesta mesma data, Dom Odilo Pedro Scherer toma posse na Arquidiocese de São Paulo. A cobertura da missa de 7º Dia de Frias, marca glamorosamente a edição do jornal publicada no domingo, 6 de maio, três dias antes da chegada do papa ao Brasil. Esta edição publica em grande destaque uma pesquisa do Datafolha sobre a religiosidade no Brasil e um caderno especial intitulado religião. A faustosidade deste número parece ser uma homenagem póstuma do jornal ao seu editor chefe, fazendo jus à filosofia de vida que ele adotara com relação à pluralidade das relações humanas, inclusive no tocante a crenças.

É nessa atmosfera que o jornal *Folha de S. Paulo* está esperando o desembarque do papa Bento XVI em sua primeira viagem ao país. Enquanto isso, os bispos do Brasil se preparam para realizar sua 45ª Assembléia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que deve eleger novos secretário-geral, vice-presidente e presidente. Do mesmo modo, o CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) prepara-se para o início de sua 5ª Conferência Geral a realizar-se em Aparecida, conforme o pedido do papa.

Além dessa contextualização, antes de passarmos à cobertura propriamente dita, acreditamos ser relevante também definir algumas nomenclaturas utilizadas na identificação das matérias publicadas pelo jornal. Algumas dessas definições são de uso comum, outras são de uso restrito de redações particulares. Daí a necessidade de expô-las para facilitar a compreensão das escolhas que fizemos neste estudo. Como *chapéu*,



denominamos a indicação escrita no topo da página que sintetiza o assunto nela tratado em no máximo três palavras, ou a palavra indicadora principal de uma janela. *Janela* é uma caixa de texto em destaque, ilustrada ou não por foto, que além do chapéu possui um intertítulo. *Intertítulo* é um título breve, que complementa o chapéu da janela. Os títulos pequenos distribuídos no corpo da página são aqui denominados *tituleiras*. Os títulos mais relevantes destacados nas páginas internas do jornal são denominados simplesmente *títulos*. O título impresso na capa do jornal é chamado *manchete*. O subtítulo, impresso na capa ou interno, chama-se *linha fina*. *Olho de abertura* é a denominação dada ao parágrafo impresso em negrito logo abaixo da Linha Fina, que antecede ao lide. *Lide* é o primeiro parágrafo da matéria.

Optamos inclusive por conservar os erros de ligística contidos nos textos transcritos do jornal, como forma de preservá-lo o mais próximo possível de tal como se encontra impresso. Seguem, portanto, as transcrições e ocasionais comentários sobre a cobertura completa do jornal *Folha de S. Paulo* à visita do papa Bento XVI ao Brasil.

### ***A cobertura completa evidencia as opções discursivas do jornal***

A pesquisa está considerando tudo o que o jornal publicou sobre a primeira visita do papa Bento XVI ao Brasil no período de 10 de abril a 20 de maio de 2007. Embora a proposta de observação mais concentrada da pesquisa seja deter-se no período supra descrito, gostaríamos de apresentar também o primeiro grande destaque do jornal à cobertura, meses antes da chegada do papa. Esse primeiro destaque foi publicado no caderno brasil<sup>7</sup> A8 de sexta-feira, 23 de fevereiro de 2007, com o título “Igreja mostra

---

<sup>7</sup> Daqui para frente, “brasil” subentenderá o caderno do jornal e não o país.

palcos que receberão o papa” e com a linha fina “Obras serão pagas pelo governo e pela prefeitura, mas valor e cronograma ainda não estão definidos”. A reportagem, assinada por Leandro Beguoci, mostra em grande destaque imagens do estádio do Pacaembu e do Campo de Marte com as projeções de arquitetura “vencedoras de concorrência pública aberta pelo governo do Estado”. São quatro imagens ao lado das quais se apresenta uma breve agenda das atividades do papa durante a visita ao Brasil. No topo da página se apresenta o chapéu da matéria “A visita do papa” com um intertítulo “Bento 16 visitará o país entre os dias 9 e 13 de maio, com agenda concentrada só no Estado de São Paulo”. Nas duas colunas interiores do texto se destaca uma janela com o chapéu “Visita do papa”, cujo intertítulo traz “Bento 16 pede que padres dêem prioridade aos jovens”. A matéria ocupa mais de 75% da página em quatro colunas e discorre sobre os atos do papa durante os eventos programados e sobre detalhes dos projetos de arquitetura e cenografia, custos, patrocinadores, bem como das expectativas dos organizadores da visita.

Ainda na segunda-feira, dia 9 de abril, Brasil, A6, vê-se uma reportagem assinada por Leandro Beguoci intitulada “Gasto público com papa é desconhecido” com a linha fina “Estado e município ainda não divulgaram despesa com visita de pontífice ao país; custeio governamental é polêmico”. A matéria traz no alto da página uma grande foto que abrange cinco colunas mostrando o interior de uma igreja e o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, em primeiro plano, com a legenda “O prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (DEM), acompanha a tradicional missa de Páscoa no mosteiro São Bento; igreja deve divulgar hoje balanço do público”. Na coluna ao lado direito da foto, abre-se uma janela com o chapéu “Páscoa” e o intertítulo “Bispo reza por ‘êxito da visita’ do papa ao país”. O olho de abertura da reportagem traz “Constituição proíbe que

o Estado subvencione cultos religiosos, mas governos alegam que Bento 16 é também chefe do Vaticano”. Em duas colunas ao lado direito da matéria, vê-se uma entrevista com o título “Lei proíbe Estado de subvencionar cultos, diz juiz”. Uma foto ilustra a matéria retratando um engravatado em uma mesa diante de uma pilha de pastas, com a legenda “O juiz gaúcho Roberto Arriada Lorea, que condena o gasto de dinheiro público com a visita do papa”.

O objetivo de destacar essas primeiras publicações está em observar sob quais aspectos a visita do papa ao Brasil teve relevância para a *Folha de S. Paulo*. Essas matérias prenunciam as perspectivas a partir das quais o jornal se preparou para abordar o tema e desenvolver sua produção de notícias sobre os fatos do evento.

Observando agora a partir do período proposto, o jornal publicou em duas páginas, Brasil, A18 e A19, de domingo, 15 de abril<sup>8</sup>, duas reportagens e uma nota, dando início a uma série de produções que culminarão na sua cobertura especial do evento. A primeira reportagem impressa na página A18 traz como título “Conferência expõe indecisão da igreja” e como linha fina “Com o enfraquecimento da Teologia da Libertação, bispos da América Latina não sabem que rumo seguir”. Assinada por Leandro Beguoci e Rafael Cariello, a matéria apresenta o lide “O papa Bento 16 virá ao Brasil e encontrará os bispos da América Latina indecisos e divididos quanto ao que devem fazer no continente”. Cinco colunas da matéria são interrompidas por uma grande propaganda. A primeira das seis colunas do jornal apresenta um breve histórico das quatro conferências do CELAM – Conselho Episcopal Latino-americano, que precederam à V Conferência cuja abertura foi feita pelo papa Bento XVI no último dia

---

<sup>8</sup> Janio de Freitas em seu artigo “Velhos usos, nova era”, Brasil, A5, diz: “O jornalismo, como a história, tem dessas coisas: com frequência prefere o cenário à peça”. Considerei importante a observação do articulista frente ao propósito desta pesquisa, que visa exatamente apontar as preferências do jornal FOLHA DE S.PAULO ao produzir notícia sobre um fato.

de sua visita ao Brasil. O olho de abertura da matéria apresenta: “O documento preparatório do encontro em Aparecida, aprovado pelo papa, foi muito criticado por adeptos da Teologia da Libertação”, e a matéria encerra em coluna inteira com a frase em grandes aspas: “A ‘sede de sentido’ não é a única força dinamizadora no encontro com a experiência religiosa; em nosso continente exerce um forte papel a ‘fome de pão’, na convicção de que Deus quer a salvação a partir do corpo – Documento da CNBB que critica a proposta do Celam”. A segunda reportagem e a nota vieram estampadas com uma foto na página A19, que também traz uma propaganda proporcional à da página A18, dividindo as matérias em colunas breves no topo da página e uma coluna lateral inteira na qual se apresenta a reportagem colaborativa de Silas Martí e Willian Vieira, ressaltada pelo título “Restauradora ocupa cela no mosteiro de São Bento” e a linha fina “Nilva Calixto é única mulher que convive com 34 monges”. A foto que ilustra a matéria apresenta a restauradora retocando uma imagem do Crucificado posta sobre uma mesa sem a cruz, tendo ao fundo vitrais do mosteiro e um andaime. A legenda da foto traz “Nilva Leda Calixto restaura imagem de Cristo do século 18 do mosteiro de São Bento, onde mora”. Nas duas breves colunas ao lado da foto, uma nota da reportagem local sobre um evento com o título: “Folha realiza sabatina com d. Odilo no próximo dia 26”, cujo lide anuncia: “A *Folha* vai sabatinar, no dia 26, dom Odilo Scherer, recém-nomeado arcebispo de São Paulo. Durante duas horas, d. Odilo responderá a perguntas de quatro entrevistadores e da platéia”. A nota encerra as considerações do jornal neste dia sobre o tema da visita do papa e do contexto em que esse fato ocorreu, informando os detalhes da sabatina com dom Odilo e oferecendo contatos para inscrições a este último evento.

Segunda-feira, 16 de abril, Brasil, A8. No topo da página, o título “Mendigos terão de deixar Sé durante visita do papa” com a linha fina “Segundo PF, acesso à praça antes de evento na catedral será vetado por segurança” ilustram matéria disposta em quatro colunas, cujo olho de abertura traz: “Todos os convidados terão seus antecedentes criminais investigados; papamóveis blindados chegam ao Brasil entre os dias 24 e 25 de abril”. Trata-se de uma reportagem local, assinada por Lilian Christofolletti, que traz o lide “Quando o papa Bento 16 chegar à catedral da Sé, no dia 11 de maio, para um encontro com bispos brasileiros, a praça estará vazia, sem os mendigos ou os meninos que moram nas imediações da igreja”. Ainda nesta mesma data, em opinião A3, a coluna Tendências | Debates traz artigo assinado por Kenarik Boujikian Felipe e José Henrique Rodrigues Torres com o título “Descriminalizar o aborto”, o intertítulo “Ela está morrendo de tanto sangrar” e o olho de abertura “O aborto é um gravíssimo problema de saúde pública e deve ser enfrentado fora do âmbito das políticas repressivas e excludentes”. Ao lado dessa matéria, na coluna Painel do Leitor, vê-se a tituleira “Aborto” de uma carta assinada por Josué Luiz Hentz, de São João da Boa Vista – SP. No caderno mundo A10, o jornalista Uirá Machado, assina a reportagem intitulada “Direitos humanos dividem islâmicos” que traz como linha fina “Em conferência de intelectuais, universalidade do conceito provoca cisão; para alguns, defesa do tema encobre intervenção ocidental”. O olho de abertura da matéria declara: “Pensadores questionam uso de critérios díspares sobre o que é respeitar direitos; relativização do conceito não é encampada por todos”. Disposta em cinco colunas, uma foto abrangendo o espaço de três delas retrata mulheres impunhando cartazes, com a legenda: “Indonésias pedem lei islâmica mais rígida; filósofos debatem se direitos humanos são relativos”. A sexta coluna do jornal completa a matéria com uma janela

cujo chapéu “Saiba mais” traz o intertítulo “Academia visa debate islã-Occidente”. No canto inferior direito da página, a redação produziu uma nota abrangendo três colunas, com o chapéu “Papa” e o intertítulo “Bento 16 cita João Paulo 2º em aniversário”. Duas colunas são ocupadas por uma foto em que se vê uma mulher com um pincel tocando uma imagem do papa, e a legenda: “A russa Natalia Tsarkova retoca retrato presenteado ao papa”.

Quarta-feira, 18 de abril, Brasil, A9. O jornal publicou o título “Doces do papa vêm da família de frei Galvão” com a linha fina “Emília Serafim, 79, trabalha na casa da sobrinha tetraneta do frade há 65 anos e é a guardiã de receitas”. A reportagem local assinada por Janaina Fidalgo e Leandro Beguoci traz uma foto com uma senhora negra sentada em uma cadeira de rodas à frente de uma mesa repleta de doces em pratos decorados. A legenda da foto diz “Emília Serafim, que vai elaborar os doces para o papa Bento 16”. A foto está no centro da matéria, que ocupa quatro breves colunas dispostas na parte inferior da página. No rodapé, se vê uma tarja azul na qual alguns gráficos convidam o leitor a acessar um site: “Confira receitas dos pratos para o papa >> [www.folha.com.br/071071](http://www.folha.com.br/071071)”. No caderno opinião, A3, deste mesmo dia 18 de abril, se publicou a carta de um leitor, Luis Fanti (Maringá, PR), comentando a notícia “‘Mendigos terão de deixar Sé durante visita do papa’, Brasil, 16/4”. Diz o leitor: “‘Realmente vivemos uma grande inversão de valores. O homem que poderia trazer conforto aos corações abandonados da Sé será livrado deles. O homem que poderia executar um milagre tocando um aleijado será visto dentro de uma gaiola de vidro blindado. O homem que deveria espelhar Cristo em serviço e humildade será tratado como uma celebridade. E Jesus já dizia: ‘O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça’ – Mt 8:20”.

Sábado, 21 de abril, mundo, A16. Foi impresso o título “Após debate, igreja diz que limbo é improvável” e a linha fina “Há esperança de que criança não batizada seja salva”. A matéria escrita pela redação e disposta em duas colunas, destaca entre grandes aspas no final: “Nossa conclusão é a de que vários fatores (...) dão sério embasamento teológico e litúrgico para a esperança de que crianças não batizadas que morrem serão salvas – *A esperança de salvação para crianças que morrem sem ser batizadas* – documento da Igreja Católica”. Fez-se um grande destaque no topo da capa com a chamada: “Vaticano põe em dúvida a existência do limbo. Comissão internacional de Teologia da Santa Sé conclui que o mais provável é que as crianças mortas antes do batismo vão para o paraíso. Pág. A16” e ao centro da arte gráfica se reproduz uma foto de uma criança sendo batizada pelas mãos do papa, com a legenda “Menino é batizado pelo papa Bento 16”. Ainda neste destaque de capa, se veem duas chamadas de temática religiosa ao lado esquerdo da foto: “*Antonio Cícero*: Fé em Deus é a condição de relativizar e até de negar a ética. Pág. E14” e “*Ciência*: STF faz debate sobre o início da vida. Pág. A19 >> Leia na pág. A3 artigos pró e contra a convocação de plebiscito sobre o aborto”. Ainda na capa, a chamada dos editoriais, no rodapé da página, traz “‘Embriões no Supremo’, acerca de audiência pública”. A pág. A2 do caderno opinião traz o artigo “Embriões no Supremo” na coluna dos Editoriais e um destaque na seção Frases: “‘*Graças a Deus*’: Fiz esse pedido da audiência e, graças a Deus, o ministro Carlos Britto aceitou – Cláudio Fonteles, ex-procurador-geral da República, que é contra o uso de células-tronco em pesquisas, negando que convicções religiosas o tenham levado a propor a audiência de ontem no STF para discutir o assunto, ontem na *Folha*.” A pág. A3 do caderno opinião, na coluna Tendências | Debates, imprime o título “Deve haver plebiscito para decidir a legalização do aborto no Brasil?” Logo

abaixo do título uma arte gráfica representando uma mulher deitada, e sob a ilustração o destaque da linha fina “>> SIM – Por uma discussão informada”. Trata-se de um artigo assinado por José Aristodemo Pinotti. Logo abaixo deste artigo, uma nova linha fina anuncia “>> NÃO – Holocausto de inocentes” encabeçando o artigo assinado por Cícero Harada. Ao lado, na coluna Painel do Leitor, a tituleira “Aborto” destaca uma carta assinada por Roberto Vidal da Silva Martins (São Paulo – SP). Ainda na coluna Painel do Leitor, a tituleira “Células-tronco” abre carta assinada por Dalvo José Rossi. Abrindo a pág. A15 do caderno mundo, uma tarja azul no topo diz: “Igreja Católica conclui ser improvável que limbo exista. Pág. A16”, destacando a reportagem impressa na página seguinte. A matéria ocupa as duas últimas colunas à direita do topo ao centro da pág. A16, trazendo o título “Após debate, igreja diz que limbo é improvável” com a linha fina “Há esperança de que criança não batizada seja salva”. A reportagem vem assinada em conjunto pela redação da *Folha de S. Paulo* com agências internacionais e se encerra com um destaque entre grandes aspas “Nossa conclusão é a de que vários fatores (...) dão sério embasamento teológico e litúrgico para a esperança de que crianças não batizadas que morrem serão salvas – Esperanças de Salvação para Crianças que Morrem sem ser Batizadas, documento da Igreja Católica”. Ao lado esquerdo desta reportagem, nas duas colunas centrais da página A16, uma foto apresenta, em primeiro plano, mulheres empunhando cartazes e traz a legenda “Mexicanas em ato contra o aborto; lei deve ser aprovada”. A foto abre uma nota assinada em conjunto pela redação e agências internacionais com o olho “América Latina” e o intertítulo “Lei do aborto gera ameaças e intervenção do papa no México”. A pág. A19 do caderno Ciência imprime o título “STF assiste a disputa ideológica pela ‘vida’”, com a linha fina “Primeira audiência pública já feita pela mais alta corte do país vê um desfile de



currículos e aula intensiva de biologia”. O olho de abertura destaca: “Objetivo do encontro, que contou com 34 cientistas, foi ajudar a julgar se lei que autoriza pesquisas com embrião é constitucional”. A reportagem assinada por Laura Capriglione, enviada especial a Brasília, vem impressa em seis colunas, duas delas inteiras e quatro menores interceptadas ao topo por uma grande propaganda de condomínio protagonizada por uma criança trajando figurino de engenheiro. No fim da última coluna, um convite: “>Leia mais A20”. A pág. A20 traz no topo em destaque uma foto de um auditório assistindo a cenas de um filme de aborto. Ladeando a foto, frases em destaque a respeito do tema. Do lado esquerdo, duas frases pró-pesquisa. Do lado direito, duas frases antipesquisa. A foto no centro traz a legenda “Mão de feto humano aparece em telão no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, onde se debateu a pesquisa com células-tronco”. Logo abaixo, o título da reportagem de Laura Capriglione: “Arcebispo de São Paulo e músico ‘duelam’ no STF” com a linha fina “Dom Odilo diz defender a vida; para Vianna, estudo que salva criança é o que vale”. O olho de abertura diz “Líder católico afirma que ainda não tem solução para resolver o problema dos milhares de embriões que estão sendo descartados”. Ao lado dessa matéria, Rafael Garcia e Laura Capriglione assinam uma nota intitulada “Fonteles acusa cientista de ter viés judaico”, em que falam das impressões que tiveram na observação do evento realizado no auditório do STF. Na pág. E14 do caderno ilustrada, Antonio Cícero assina um artigo intitulado “A tese de Ivan Karamasov”, com um olho de abertura “Longe de ser o fundamento da ética, a fé em Deus é a condição de relativizar a ética”. O artigo ocupa as cinco colunas da metade superior da página e vem ilustrada por uma arte gráfica na qual se veem as asas de uma borboleta encimadas por triângulo em cujo centro aparece um

olho com lente em formato de mira bélica e ao fundo a silhueta de um homem bem no centro de um alvo de tiro, rodeado de furos de balas.

Segunda-feira, 23 de abril, mundo, A11. Em duas colunas, o jornal traz uma nota assinada pela redação com o chapéu “igreja”, e intitulada: “Para Bento 16, medicina deve respeitar vida em todas as fases”. Uma foto em preto e branco do papa sentado numa cátedra, de mãos postas e olhando de soslaio encerra a notícia abrangendo as duas colunas da matéria, com a legenda: “O papa Bento 16, em visita a hospital no norte da Itália”.

Terça-feira, 24 de abril, opinião, A3. O jornal publicou um artigo assinado por Dom Filippo Santoro, disposto em três colunas, trazendo como título: “As drogas e uma esperança verdadeira”, e uma janela que se destaca no topo da segunda coluna: “Diante da explosão de vida que nasce da cruz e atinge a todos, como são pálidas as polêmicas que querem atingir o papa”. O artigo se encerra apresentando breve currículo do autor, e, através da temática das drogas, busca afirmar positivamente os discursos do papa diante da visão cética dos opositores.

Quarta-feira, 25 de abril, cotidiano, C4. Ocupando 95% do espaço impresso da página, com exceção apenas do rodapé, a *Folha de S. Paulo* publicou uma reportagem assinada por Evandro Spinelli, da reportagem local do jornal “Agora”, com a colaboração de Fábio Amato, da Agência Folha, em São José dos Campos, intitulada “Ruas serão fechadas por até 1h para o papa” e a linha fina “A CET bloqueará avenidas como a Tiradentes, Cásper Líbero e Santos Dumont para a passagem de Bento 16 no papamóvel”. Um olho de abertura contextualiza a matéria “Visita ocorre na semana que antecede o Dia das Mães, data que é considerada o ‘segundo Natal’ em vendas pelo comércio”. O lide apresenta “Nas quatro vezes em que o papa Bento 16 desfilou de

papamóvel pelas ruas e avenidas de São Paulo, entre os dias 9 e 11 de maio, a prefeitura espera enfrentar situação caótica no trânsito de algumas das principais vias da cidade”. A reportagem traz 3 mapas e duas ilustrações viárias indicando o trajeto entre os pontos definidos pela agenda do papa, destacando o itinerário da visita e todo o aparato operacional envolvido no circuito: avião, helicópteros, carros, batedores, pistas, horários, lugares, profissionais de trânsito, policiais. Traz também um quadro ilustrativo sobre o papamóvel, com detalhes técnicos de segurança e curiosidades sobre o veículo e o escudo papal, que por engano foi trocado pelos repórteres<sup>9</sup>. A matéria se encerra com uma coluna ilustrativa da agenda do papa durante a visita ao Brasil, contendo datas, horários, locais e eventos. Termina dando dicas de uso do metrô e disponibilizando acessos à informação na internet sobre rotas alternativas durante a programação do papa na cidade.

Quinta-feira, 26 de abril, ilustrada, E10. Na seção Outro Canal, o jornal publicou uma nota assinada por Daniel Castro intitulada “Globo monta estúdio de vidro para o papa”, em cujo lide se lê “A Globo vai montar um estúdio de vidro, semelhante aos usados nas transmissões de Carnaval, só para Ana Maria Braga ancorar, ao vivo, uma edição do “Mais Você” no Campo de Marte (zona norte de São Paulo) onde o papa Bento 16 rezará uma missa, no próximo dia 11, em sua visita ao Brasil”.

Domingo, 29 de abril, brasil, A10. Uma reportagem de página inteira assinada por Elvira Lobato, da Sucursal do Rio de Janeiro, traz como título “Igreja Católica quer pôr no ar 3ª TV nacional” e a linha fina “TV Aparecida quer entrar em mais 12 capitais; na década de 90, como reação às evangélicas, surgiram duas redes católicas”. Antecede a matéria, escrita em seis colunas, um olho de abertura “A emissora, que conta com dez

---

<sup>9</sup> Os repórteres trocaram o escudo do papa. Usaram o escudo de João Paulo II e inclusive caracterizaram erroneamente os símbolos presentes no escudo.

retransmissoras que levam o sinal para cidades como São Paulo e Rio, diz custar R\$1,5 milhão por mês”. Uma foto, ocupando o espaço de três colunas, ilustra a matéria mostrando um cinegrafista no interior da Basílica Santuário Nacional de Aparecida, com a legenda “Operador de câmera da TV Aparecida em transmissão da missa realizada no Santuário de Aparecida”. Ao lado da foto, uma janela com o chapéu “Canal da fé” e o intertítulo “‘somos a TV da boa notícia’, afirma emissora Rede Vida”, comentando em texto destacado em negrito que “a Rede Vida não está integrada em invasões do MST, rebeliões em presídios, corrupção de políticos ou assuntos considerados quentes pelo restante da mídia... A sacada atual de marketing da Rede Vida é o mote ‘Brasil mais Bento’, em referência à visita do Papa”.

A matéria de Elvira Lobato traz ainda um diagrama contendo informações sobre as emissoras de TV concedidas a entidades católicas, intitulado “A rede católica de radiodifusão” com a linha fina “Igreja Católica comanda 9 redes de televisão e 215 emissoras de rádio em todo o país”. Citam-se as geradoras de sinal, datas de inauguração, sedes, retransmissoras, entidades católicas responsáveis e cobertura do sinal. Em uma nota de duas colunas, o chapéu “saiba mais” diz “TV católica fez 1ª transmissão em cores em 1972”, com o lide “A primeira transmissão externa em cores da TV brasileira foi feita por uma emissora católica, a Difusora, de Porto Alegre, dos freis capuchinhos, que funcionou até 1980”.

A reportagem se encerra destacando outra matéria sobre a rede católica de rádio com o título “De cada 20 rádios, uma pertence aos católicos”, e o lide “Pelo menos uma de cada 20 emissoras existentes no Brasil pertence à Igreja Católica, que continua crescendo neste segmento”.

Domingo, 29 de abril, brasil, A14. Rafael Cariello assina a reportagem local intitulada “D. Odilo em SP embaralha eleição na CNBB” e a linha fina “Nomeação na maior arquidiocese do país põe gaúcho na disputa pela presidência da entidade, que escolhe sua direção a partir de terça”. O olho de abertura da matéria destaca “Arcebispo de Vitória da Conquista, d. Geraldo Lyrio Rocha tem favoritismo entre os bispos ameaçado pelo ‘homem do Vaticano’”.

Segunda-feira, 30 de abril, brasil, A9. Uma grande foto ocupando o espaço de três colunas abre a breve notícia produzida pela redação, intitulada “Dois papamóveis desembarcam na base aérea de Guarulhos”. A foto ilustra em primeiro plano a magnitude do avião da força aérea que trouxe os papamóveis, e um dos veículos sendo desembarcado sob os olhares dos oficiais. Abaixo, a legenda “Em Guarulhos, militares desembarcam um dos dois papamóveis que chegaram ontem a SP”. A foto destaca também a matéria principal da reportagem local, assinada por Leandro Beguoci e intitulada “Diversidade católica marca posse de dom Odilo em São Paulo”, com a linha fina “Membros das mais diversas linhas da igreja tiveram espaço na cerimônia que ocorreu ontem à tarde na Catedral da Sé”. A matéria, redigida em três colunas, traz como olho de abertura “O presidente Lula enviou uma mensagem ao novo arcebispo; o prefeito da capital, Gilberto Kassab, também esteve presente”.

Ainda na segunda-feira, dia 30, ilustrada, E2, traz uma caricatura da imagem de Nossa Senhora Aparecida no topo esquerdo da página abrindo uma nota intitulada “Nossa Senhora dos Gays”. A imagem traz inscrições no alto da coroa: “NOSSA SENHORA”, no corpo “ROGAI” e abaixo do manto “pelo fim da HOMOFOBIA”. De cada lado da imagem saem três raios em 3D terminados com três estrelas, e da coroa descem três fitas coloridas de cada lado. A nota inicia perguntando e respondendo: “O

que a visita do papa Bento 16 (maio) e a Parada Gay (em junho) têm em comum, além de parar a cidade? Surge no movimento GLS uma turma que, além de mostrar que tem orgulho de sua sexualidade, faz questão de manifestar seu orgulho de ser católica”.

A partir dessas publicações preliminares impressas em abril de 2007 que incluem notas, notícias, opiniões, ilustrações e, sobretudo, várias reportagens, podemos vislumbrar o horizonte da cobertura que a *Folha de S. Paulo* se propôs a observar durante a passagem do papa Bento XVI pelo Brasil.

As produções seguintes, já no mês de maio, consolidam as preliminares com a abundância de informações impressas em muitas páginas de vários cadernos e seções de uma mesma edição e em edições sequenciais ao longo do período da visita. Veremos as repercussões desse evento mesmo a posteriori.

Terça-feira, 1º de maio de 2007, opinião, A3. Mateus Soares de Azevedo assina um artigo de três colunas, na coluna Tendências | Debates, com o título “Bento 16 ou Sísifo revisitado”. Em destaque, uma janela no topo da segunda coluna: “A igreja viu diminuir sua influência real. As divisões internas aumentaram. Em contraste, o cristianismo oriental não vive crise”. O articulista analisa os embates da Igreja Católica com as correntes ideológicas que lhe fazem forte oposição na contemporaneidade. O artigo finaliza apresentando breve currículo do autor.

Ainda nesta mesma data, Brasil, A10, Fábio Amato, da Agência Folha em Aparecida, assina uma nota intitulada “Voluntários vão atender o papa em Aparecida”, que traz como lide “Um grupo de 120 voluntários será responsável por trabalhos como limpeza e preparo da alimentação durante a estadia do papa Bento 16 no Seminário Bom Jesus, em Aparecida (SP), entre os dias 11 e 13 de maio. Apenas quatro dessas pessoas terão autorização para entrar na área reservada ao pontífice”.

Quinta-feira, 3 de maio, Capa. Uma foto equivalente ao espaço de três colunas ilustra a chamada intitulada “>> À moda da casa”. Na legenda, que é o texto da chamada, diz-se “Fiel agita bandeira brasileira diante do papa Bento 16, na praça de São Pedro, no Vaticano; o sumo pontífice, que chega ao Brasil na quarta-feira, saudou em português peregrinos em Roma. Pág. A11”. Não assinada, a reportagem local produziu a notícia da página A11 com o título “Em português com sotaque, papa saúda brasileiros em Roma” e a linha fina “Líder católico pede proteção para conferência com os bispos, que será realizada no Brasil, e espera estimular ‘seguidores de Cristo’”. A notícia traz como olho de abertura “Bento 16, ao saudar brasileiros na Itália, cita visita que fará na semana que vem e se refere ao país como uma ‘grande nação’”. O lide destaca que “Bento 16 pode não ser tão ‘pop’ como o antecessor, João Paulo 2º, mas deu uma amostra ontem de que sabe provocar alguma empatia aos fiéis”. Redigida em três colunas, a matéria apresenta do centro para baixo da segunda coluna uma janela com o chapéu “Bento 16” e o intertítulo “TVs não poderão usar helicópteros em passagens do papa”. Ao lado da notícia, uma grande foto em primeiro plano do papa perfilado de costas olhando para uma fiel à sua frente que sorrindo lhe mira uma máquina fotográfica, com a legenda “Bento 16 é fotografado por uma fiel na praça São Pedro antes de sua audiência das quartas-feiras”.

Sexta-feira, 4 de maio, Brasil, A11. Uma grande foto abrangendo a área de três colunas traz em primeiro plano um bispo falando ao microfone tendo a sigla CNBB ao fundo, com a legenda “D. Geraldo Lyrio, arcebispo de Mariana que foi eleito presidente da CNBB pelos próximos 4 anos”. A foto abre a reportagem da Agência Folha em Indaiatuba, assinada por Maurício Simionato e forma um conjunto com outras duas notícias menores da reportagem local. A principal traz como título “Com 92% dos

votos, CNBB elege d. Geraldo Lyrio seu presidente” com a linha fina “Arcebispo de Mariana afirma que manterá com o governo federal uma relação livre, ‘para criticar quando for preciso’”. O olho de abertura da matéria destaca “Vice-presidente da entidade será d. Luiz Soares Vieira, arcebispo de Manaus; pela primeira vez, foram usadas urnas eletrônicas na eleição”. A reportagem está disposta em três colunas e ocupa quase a totalidade da página de alto abaixo. Traz uma janela da reportagem local assinada por Leandro Beguoci com o chapéu “Perfil”, intertitulado “Progressista é admirado por conservadores”. Ainda no conjunto, uma terceira notícia da reportagem local, não assinada, traz como título “Para ‘Economist’, papa encontrará católicos mais unidos no Brasil”, e uma janela em destaque com o chapéu “Papa”, intertitulado “A partir do dia 11, trechos da Dutra serão restritos a carros e vans”.

Sábado, 5 de maio, brasil, A8. Maurício Simionato assina notícia da Agência Folha em Indaiatuba com o título “Bispo auxiliar do Rio, d. Dimas é eleito secretário da CNBB” e a linha fina “Novo secretário-geral, que vai substituir d. Odilo Scherer, foi escolhido por 192 votos contra 75 de d. Pedro Stringhini”. O olho de abertura traz “Religioso, considerado de perfil moderado, diz ser lamentável envolvimento de desembargadores e juízes com corrupção”. A matéria impressa em três colunas ocupa duas delas com a foto de um bispo em primeiro plano, com a legenda “Novo secretário-geral da CNBB, dom Dimas Lara Barbosa”.

Ainda nesta mesma data, brasil, A9, imprime-se uma entrevista de Maurício Simionato ao então eleito presidente da CNBB, dom Geraldo Lyrio Rocha, que traz como título “Pluralismo é bom para a igreja, diz presidente da CNBB”, e linha fina “D. Geraldo Lyrio afirma que reforma agrária é uma questão que já deveria ter sido superada e pede que o Congresso ouça a igreja”. A entrevista publica uma foto de Dom



Geraldo Lyrio em primeiro plano segurando um microfone com o cotovelo sobre a mesa e tendo ao fundo a sigla CNBB, com a legenda “O novo presidente da CNBB, arcebispo d. Geraldo Lyrio Rocha”. O lide da entrevista resume “O recém-eleito presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o arcebispo de Mariana (MG), d. Geraldo Lyrio Rocha, 65, em entrevista à *Folha*, comentou os recentes escândalos no Judiciário, cobrou mais espaço para a Igreja nos debates do Congresso e comentou o processo de reforma agrária no país. Leia trechos:...” O jornal quis destacar que Dom Dimas Lara Barbosa foi eleito secretário-geral da CNBB e Dom Geraldo Lyrio Rocha, presidente da instituição, bem como os possíveis diálogos a se estabelecerem entre a CNBB com a sociedade e os poderes públicos a partir dos nomes recém-eleitos.

Domingo, 6 de maio. A edição deste dia dedicou-se majoritariamente sobre o assunto religião, tratando da fé do povo brasileiro, da missa de sétimo dia de Octávio Frias de Oliveira e da visita do papa. O assunto concentrou-se já no seu primeiro caderno, Brasil, além do qual se editou um caderno especial, religião, trazendo uma pesquisa do Datafolha sobre a fé no Brasil. O assunto se reverberou também nos cadernos mais!, ilustrada e até no caderno veículos.

A capa deste dia 6 de maio trouxe no topo da página as estatísticas da Pesquisa Datafolha publicada no caderno especial religião, com ilustrações e gráficos com as porcentagens da pesquisa, com destaque para: “As religiões no Brasil”, “Os santos preferidos” e o “Preconceito religioso”. Logo abaixo da estatística vem publicada a manchete “97% dos brasileiros crêem em Deus”, com o destaque “Pesquisa Datafolha mostra perfil religioso da população, evolução das denominações e revela preconceitos”. A foto principal mostra o interior de uma igreja católica tomada de plano alto para baixo em momento de culto, que traz como legenda “Missa de sétimo dia pela

morte de Octávio Frias de Oliveira realizada ontem no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima”. A foto, centralizada, refere-se à notícia impressa imediatamente ao alto da coluna esquerda, intitulada “Missa para Octávio Frias reúne 700 pessoas”. Na coluna à direita da foto, um texto sem título traz o lide “Às vésperas da visita do papa Bento 16 ao país, pesquisa Datafolha revela que 97% dos brasileiros crêem em Deus. Outros 2% têm dúvidas e 1% não acredita”. No rodapé da capa, uma chamada para os Editoriais traz “Leia ‘Que assim seja’, sobre a religião do brasileiro”.

A página A2 traz no primeiro editorial o título “Que assim seja” e um olho de abertura “Apesar de preconceitos revelados em pesquisa, a tolerância religiosa é um patrimônio cultural a ser preservado no país”. Na seção Frases, o destaque “*Diferenças. ‘Nem tudo o que é legal é por si mesmo moral’* – dom Geraldo Lyrio Rocha, recém-eleito presidente da CNBB, ontem na *Folha*”.

A página A4 traz no topo três chamadas, duas ilustradas com imagens, para matérias publicadas respectivamente nas páginas A11, A12, A13 e A15. A chamada da página A11, retangular, traz apenas o diferencial do fundo amarelo com o destaque “Religião e América Latina: cardeal Bertone, o 2º da igreja, diz que papa quer justiça no continente”. A chamada da página A15 tem uma foto como fundo, com uma legenda no alto “Peregrinos caminham até Aparecida (SP)” e o destaque “Ribeirão tem roteiro religioso”. O chapéu “Papa no Brasil” com o intertítulo “Bento 16 tem perfil paradoxal” vêm impressos numa foto grande mostrando o papa num ângulo perfilado de costas sobre a sombra de uma cruz ao fundo. A foto traz a legenda “Pontífice, em cerimônia na última Sexta-feira da Paixão” e a chamada de leitura para as páginas A12 e A13.

As páginas A8 e A9 formam um conjunto integrado por uma grande foto que abrange ambas as páginas destacando o peso da reportagem que vai até à página A10. A

foto mostra o interior de um templo católico, apresentando em primeiro plano um bispo e um diácono aproximando-se do altar e ao fundo a igreja lotada de pessoas muito bem trajadas. A legenda diz “D. Manuel Parrado Carral (à esq.), bispo auxiliar de São Paulo, ... e familiares do empresário Octávio Frias de Oliveira (acima, em primeiro plano), na missa celebrada na manhã de ontem”. A reportagem, que abrange área impressa de três páginas inteiras, destaca a cobertura do 7º dia de falecimento de Octavio Frias de Oliveira, editor do jornal *Folha de S. Paulo*, com o título “Bispo destaca independência de Frias em missa de 7º dia” e a linha fina “Cerimônia em memória do publisher da Folha reúne 700 pessoas, entre empresários, políticos e leitores, na igreja Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em SP”. Uma janela destaca frase do bispo que presidiu a cerimônia: “Jesus chama de felizes os pobres de espírito, os que têm capacidade de chorar, os que têm mansidão na busca de seus direitos, quem é misericordioso, quem trabalha pela construção da paz. Com certeza, Octavio Frias de Oliveira concordaria com esses conceitos, pois consciente ou inconscientemente os viveu e praticou – D. Manuel Parrado Carral, bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo”. Logo abaixo dessa matéria principal posta-se uma foto em duas colunas, legendada “Maria Cristina Frias lê o poema ‘Se’, de Kipling, durante missa”. A foto ilustra o poema “Se”, de Rudyard Kipling, publicado em duas colunas ao lado. Nas quatro colunas centrais do conjunto das duas páginas, abaixo da grande foto, destacam-se outras duas matérias respectivamente intituladas “Políticos elogiam atuação na retomada da democracia no país” e “Empresários relembram espírito de inovação e ‘ceticismo otimista’”. Esta última vem ilustrada com uma foto em que o presidente da celebração eleva o cálice, tendo ao fundo um tabernáculo dourado, com a legenda “D. Manuel Parrado Carral celebra a comunhão durante a missa”. Nas duas últimas colunas

à direita da página A9 vêm impressas duas mensagens e uma reportagem narrando a participação de leitores na missa de 7º dia. A primeira mensagem, no alto da página, vem intitulada “A mensagem de dom Paulo”, e é assinada pelo Cardeal Arcebispo Emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. No centro, imprime-se uma reportagem intitulada ““Sua excelência, o leitor’ marca presença na igreja” narra a participação dos leitores do jornal *Folha de S. Paulo* na missa. Logo abaixo, no canto inferior direito da página, vem a segunda mensagem, intitulada “O que fica em comum para todos é o aprendizado”, assinada por Eleonora de Lucena, editora-executiva do jornal.

A reportagem local e o diretor de redação assinam a reportagem principal, notícias e artigo publicados na cobertura do 7º dia.

A página A10 trouxe no alto uma foto panorâmica que cobre toda a mancha das seis colunas do jornal retratando o interior da igreja, com a legenda “A família do empresário Octavio Frias de Oliveira recebe cumprimentos após celebração da missa de 7º dia, que reuniu cerca de 700 pessoas na igreja Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima”. Abaixo da legenda se posta o grande título da reportagem “Sociedade civil homenageia empresário”, com a linha fina “Missa de sétimo dia pela morte de Octavio Frias de Oliveira levou à igreja, entre outros, intelectuais, atores e advogados”. A matéria também traz como olho de abertura “Convivência com o Publisher e exemplos dados por ele foram rememorados pelos presentes à cerimônia de ontem em São Paulo”. Concluindo a página, vem publicado um longo depoimento ocupando as seis colunas da mancha, intitulado “Carta a d. Manuel Parrado Carral”, dirigido ao bispo que presidiu a cerimônia e assinado por Octavio Frias Filho.

A página A11 traz uma foto do Cardeal Tarcísio Bertone de perfil diante de uma gravura de um papa, com a legenda: “Cardeal Tarcísio Bertone, o 2º homem na hierarquia da igreja”. A foto ilustra uma entrevista que ocupa a metade da página, intitulada “AL tem violência assustadora, diz Vaticano”, com a linha fina “Para cardeal Tarcísio Bertone, papa vem ao Brasil relançar um movimento de ‘solidariedade e justiça no continente’”. Traz como olho de abertura “O número dois da Igreja Católica afirma que perda de fiéis para as religiões pentecostais ‘apresenta sérias interrogações à Igreja’”. A entrevista destaca ainda uma janela na fala do Cardeal “A América Latina é um continente atingido por situações de uma dramaticidade assustadora. Estamos falando da violência que aflige, sobretudo, as grandes metrópoles; do narcotráfico, que se torna sempre mais agressivo e potente; do que chamei de desigualdades sociais, que ainda não conseguem se superar – Tarcísio Bertone, número dois da Igreja Católica”.

A página A12 traz ao alto, ocupando as seis colunas, uma foto banner do papa Bento XVI de braços abertos falando ao microfone com uma interposição de luzes que acentuam os traços do seu rosto e de sua expressão. A foto traz uma pequena legenda ao lado “Pontífice fala para jovens em Pávia, no norte da Itália”. Abaixo se estampa o título em linha dupla “Bento 16 se mostra mais complexo que Ratzinger” e a linha fina “Gestos do papa em dois anos de pontificado o distanciam de caricatura conservadora”. Trata-se de uma nota assinada por Rafael Cariello, ilustrada com um fragmento da encíclica do papa “Deus é Amor” à esquerda, destacando “A fé tem, sem dúvida, a sua natureza específica de encontro com o Deus vivo – um encontro que nos abre novos horizontes muito para além do âmbito da própria razão. Partindo da perspectiva de Deus, liberta-a de suas cegueiras e, conseqüentemente, ajuda-a ser mais ela mesma. A fé consente à razão de realizar melhor a sua missão e ver mais claramente o que lhe é

próprio”, e à direita traz dados da vida pessoal do pontífice, destacando “nome, data e local de nascimento, formação acadêmica, vida religiosa, principais livros publicados e significado da escolha do nome Bento 16”.

A página A13 estampa no alto o título “Pontífice ataca ‘patologias’ da modernidade” com a linha fina “Para ele, assim como a fé pode se tornar fundamentalista, razão às vezes se descola de valores que servem de balizamento”. Trata-se de uma reportagem sobre o pensamento do papa assinada pela reportagem local que traz uma pequena foto em preto e branco com a legenda “Joseph Ratzinger, aos 25, celebra missa na Alemanha”. O olho de abertura traz “‘A assistência aos pobres e a luta contra a pobreza são a prioridade na vida das igrejas na América Latina’, disse Bento 16 em discurso”, e destaca a matéria disposta em cinco pequenas colunas no alto e uma coluna inteira à esquerda da página que finaliza com uma janela entre aspas: “As pessoas tem dificuldade em entender esse princípio católico que condena o segundo casamento e, ao mesmo tempo, é misericordioso com quem sofre com isso. A diferença entre o catolicismo e o protestantismo é que, no catolicismo, tudo acaba em missa – Luiz Felipe Pondé, professor da PUC-SP”.

A página A14 traz em um quarto de página uma reportagem assinada pela equipe da Folha em Ribeirão Preto, intitulada “Por razões variadas, peregrinos fazem caminho até o papa” com a linha fina “Grupo de seis pessoas saiu de Tambaú no dia 27 e pretende chegar a Aparecida a tempo de assistir à missa com Bento 16”. O olho de abertura destaca “De acordo com peregrinos, os dois primeiros dias são os piores de toda a caminhada devido à formação de bolhas nos pés e ao cansaço”. A reportagem traz também um gráfico mostrando números de peregrinos ao longo dos anos.

A página A15 traz o título “Caminho da Fé inclui entorno de Ribeirão” com a linha fina “Cinco cidades da região farão parte do roteiro religioso Descalvado-Aparecida”, com o olho de abertura “Intenção de organizadores é fazer com que o roteiro ultrapasse os 800 km, superando Santiago de Compostela, na Europa”. Essa reportagem, assinada por Marcelo Toledo, traz também uma foto mostrando caminhantes ao passarem por uma árvore ao fundo, com a legenda “Peregrinos fazem caminhada entre Tambaú e Aparecida, aonde querem chegar até domingo”. À direita da foto, se veem dicas sobre como fazer o caminho. O texto da matéria foi escrito em apenas uma coluna inteira ao lado de uma grande propaganda das Casas Bahia, propaganda esta que, motivada pelo Dia das Mães, se repete cinco vezes neste mesmo caderno do jornal, mudando apenas o item principal à venda.

Ainda neste domingo, 6 de maio, a *Folha de S. Paulo* publicou um caderno especial de 10 páginas intitulado “Religião”. A capa do caderno é uma foto gigante de um crucificado cujos pés são tocados por duas mulheres. A legenda da foto enuncia: “Católicos são mais fortes no nordeste: devotos rezam diante de estátua de Jesus Cristo em Juazeiro do Norte (CE)”. Após a legenda, estampa-se o grande título “Após dez anos, papa encontra Brasil menos católico”. Um *release* faz a apresentação da matéria: “Pesquisa Datafolha mostra que Bento 16 chega na quarta a um país com proporção menor de católicos do que o visitado há dez anos por seu antecessor. Hoje, 64% dos brasileiros acima de 16 anos se declaram católicos. Em dezembro de 1996, no último levantamento antes da vinda de João Paulo 2º, eram 74%. Nesse período, os evangélicos pentecostais aumentaram de 11% para 17%. Pesquisas feitas nesse intervalo revelam que a diminuição do primeiro grupo e o crescimento do segundo perderam velocidade no início desta década”. Ainda se vêem três destaques no rodapé: “A fé: 97% dos

brasileiros dizem acreditar em Deus; 2% têm dúvidas, e 1% não acredita. Pág.2”. “*O impacto*: igrejas pentecostais influenciam muito mais a vida dos fiéis que a católica. Pág.5”. “*O estereótipo*: 49% concordam com a frase ‘os judeus só pensam em dinheiro’. Pág. 10”.

A página 2 do caderno especial, religião, traz no topo um destaque: “*Valores: Deus e Diabo*. Cristãos, judeus, muçulmanos e espíritas acreditam em um único Deus, que é bom, justo e misericordioso”, ilustrado por uma foto com a legenda “Detalhe de ‘criação de Adão’ de Michelangelo”. Mais abaixo traz um gráfico com várias estatísticas que mapeiam a religiosidade no Brasil, sob dois pontos de vista: “Fé em Deus é alta”: respondendo à pergunta “Deus existe?”, 97% diz sim, 2% têm dúvidas e 1% não acredita; o segundo ponto de vista: “Catolicismo declina”, apresentando dois gráficos onde se vê “3% espíritas, 5% outras religiões, 5% evang. não-pentecostais, 6% sem religião, 17% evang. pentecostais e 64% católicos hoje no Brasil”. Mais abaixo, um destaque em vermelho: “97% dos brasileiros dizem acreditar em Deus, 93%, que Cristo Ressuscitou depois de morrer na cruz, e 86%, que Maria deu a luz a Jesus sendo Virgem”. O título vem impresso em tipos grandes e especiais “As igrejas do Brasil” com a linha fina “País altera mapa da fé, mas não a sua religiosidade”. A reportagem assinada por Rafael Cariello traz no fim da página uma grande foto de destaque com a legenda “56% dos evangélicos pentecostais vêm de outras religiões. Batismo na Igreja Universal do Reino de Deus, em Salvador”.

A página 3 traz quatro grandes gráficos intitulados “Divisão das religiões no Brasil – A Igreja Católica predomina nos municípios do interior, enquanto as pentecostais têm mais força nas periferias das metrópoles”; “Recortes dentro de cada Região”; “Quadro das religiões no Sudeste” e “Perfil social dos fiéis no Brasil”. Uma



coluna ao lado explica a metodologia utilizada pela pesquisa. A redação da sucursal do Rio de Janeiro produziu uma análise da pesquisa com o título “Evangélicos avançam na periferia das metrópoles” com um pequeno box no alto como ilustração onde se lê “Eu acredito > Rubem Alves, colunista da Folha e psicanalista”. O box traz inclusive uma foto de Rubem Alves falando ao microfone.

As páginas 4 e 5 formam uma composição da matéria intitulada “O poder da fé”, ilustrada por uma grande foto que abarca ambas as páginas, com a legenda “61% das mulheres vão à igreja toda semana, contra apenas 50% dos homens. Mulheres oram na porta de uma pequena capela em Buíque, no sertão de Pernambuco”. Na página 4, ao alto esquerdo da matéria se vê um destaque “*Valores: pecado e castigo. Pecado é conceito comum a cristãos, judeus, muçulmanos e espíritas*”, ilustrado por uma foto legendada “Detalhe de ‘A queda e a expulsão do Éden’, de Michelangelo”. Logo abaixo, uma reportagem assinada por Luiz Fernando Vianna, da Sucursal do Rio de Janeiro, intitulada “Periferia exhibe avanço de evangélicos” com a linha fina em vermelho “No entorno da capital fluminense, católicos somam 41% contra 37% da 2ª maior vertente religiosa do país”. Mais abaixo vê-se uma tituleira “opinião”, de artigo assinado por Antonio Flávio Pierucci, intitulado “É fácil ser católico”. À direita desse artigo, vêm impressos dois gráficos intitulados “Costuma ir à igreja ou a cultos?” e “Quem é a favor de...” O primeiro gráfico traz 90% sim e 10% não, e ainda pergunta se “costuma rezar/orar?” ao que 94% responde sim; e se “costuma contribuir financeiramente com sua religião?” ao que 77% responderam sim. O segundo gráfico traz inúmeras perguntas polêmicas aos fiéis de diversas confissões religiosas, dentre as quais duas em destaque: “já mudou hábitos por causa da religião?” e “mudaria de religião para casar com alguém?”, que obtiveram porcentagens de respostas variadas.

Ao lado desses gráficos, na página 4, a linha fina em vermelho “Entre os católicos, apenas 9% afirmam ter alterado hábitos por causa da religião” destaca o título “Igreja pentecostal muda vida de 54% dos fiéis”. Assinada por Laura Capriglione, a reportagem vem ilustrada por um foto legendada “Terço católico sai de uma caixa com a imagem da Sagrada Família (Maria, José e Jesus)”. No alto, à direita da página, vê-se um box “Eu acredito > Carlos Heitor Cony, colunista da Folha”, ilustrado com uma foto de Cony com a mão no queixo. Uma nota da reportagem local conclui a composição com o título “Evangélico vai e paga mais à igreja”.

A página 6 traz no topo à esquerda “Valores: céu e inferno. Céu e inferno existem para a maioria dos cristãos, católicos e evangélicos incluídos, e para os muçulmanos. No judaísmo e no espiritismo, não existem”, com a ilustração de uma foto legendada “Detalhe de ‘O juízo final’ de Michelangelo”. Logo abaixo, a reportagem local assina uma matéria intitulada “Bento 16 supera rejeição inicial de religiosos brasileiros” com a linha fina “Escolha do alemão para substituir João Paulo 2º gerou apreensão em religiosos do Brasil, que hoje aguardam até palavra de incentivo dele”. Mais abaixo, tipos especiais de grande peso emplacam o título “Os homens da igreja”, ilustrado por uma grande foto legendada “13% dos entrevistados estudaram em colégio religioso. Cícero Cléber de Oliveira, 9, como Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (CE)”. Ao lado esquerdo da foto, vê-se uma tituleira “A hierarquia da igreja católica”, em breve coluna com ilustrações na seguinte ordem: “Papa, Cardeais, Arcebispo, Bispo, Padre”, trazendo as respectivas atribuições de cada um desses ministérios.

A página 7 traz no topo à direita um box “Eu acredito > Ferreira Gullar, colunista da Folha”, ilustrado com uma foto de Gullar sorrindo. Logo abaixo, o título da reportagem assinada por Leandro Beguoci “Brasileiros defendem padres engajados”

com a linha fina “População apóia atuação social, mas rejeita a política”. A página também vem ilustrada por dois grandes gráficos, o primeiro, histórico, intitulado “A Igreja Católica no Brasil”, apresenta uma linha do tempo desde 1500 até 2010. Esse gráfico histórico é ilustrado por três imagens: Pe. José de Anchieta rabiscando na areia da praia, a cena da primeira missa no Brasil e uma foto de Dom Helder Câmara. O segundo gráfico, intitulado “Você é a favor de que padres católicos participem de ...”, apresenta as seguintes alternativas: “movimentos pela reforma agrária, entidades de defesa dos direitos humanos, movimentos pela moradia, entidades que cuidam de crianças de rua, defendam posições políticas, se filiem a partidos políticos, apoiem candidatos nas eleições, sejam candidatos em eleições”. Além dessas alternativas, mais três perguntas: “os padres deveriam ter o direito de se casar?”, “as denúncias de que padres abusam de crianças... verdadeiras, falsas, não sabe?”, “os padres respeitam o voto de castidade?”, com destaque para “Só 4% da população acredita que os padres se abstêm dos prazeres sensuais. A castidade é exigida dos sacerdotes católicos como sinal de uma vida consagrada inteiramente a Deus. Daí a exigência do celibato”.

A página 8 traz ao topo esquerdo o box “Valores: vida e morte. Para os muçulmanos, Deus coloca a vida dentro do feto a partir do 120º dia de gestação. Para cristãos, judeus e espíritas, a vida começa na fecundação” ilustrado por uma foto legendada “Detalhe de ‘O juízo final’, de Michelangelo”. Logo abaixo vários gráficos ilustram a pergunta “Você tem um santo de devoção?”, feita a membros de diversas confissões religiosas. Mais abaixo um gráfico vem ilustrado por várias imagens de santos de devoção popular. O gráfico traz o título “Os santos preferidos da população brasileira”, fazendo uma breve referência histórica da vida dos santos e de sua preferência pelos fiéis brasileiros: São Francisco 2%, São Judas 2%, Nossa Senhora de

Fátima 2%, São José 2%, São Jorge 3%, Santo Expedito 5%, Santo Antonio 5% e Nossa Senhora Aparecida 18%. No centro da página, com tipos diferenciados, vem o título “Todos os santos” com a linha fina “Nossa Senhora Aparecida é a preferida”. Ao lado, se vê um breve esquema ilustrando o mapa de devoção aos santos em várias religiões, inclusive evangélicas pentecostais. A reportagem assinada por Daniela Tofoli traz o olho de abertura destacado em vermelho: “Quase 50% da população tem devoção por santos; indústria nacional perde mercado diante de produtos fabricados na China”. A página se conclui com o gráfico intitulado “O exército católico”, apresentando número de membros da hierarquia da Igreja Católica no Brasil e no mundo.

A página 9 traz ao topo direito o box “Eu acredito > Ives Gandra da Silva Martins, professor emérito do Mackenzie e da FMU”, ilustrado por uma foto do professor. Nas três colunas à esquerda da página veem-se quatro gráficos respectivamente intitulados: “Costuma freqüentar cultos de outras religiões?”; “Você sempre seguiu essa religião?”; “Acredita totalmente que...”; “As ramificações das religiões”. Nas três colunas à direita, uma foto no alto em preto e branco traz a legenda “Percentual de 3% de espíritas é o mesmo de 1996. Ritual em templo no Vale do Amanhecer, comunidade situada a 45km de Brasília, que segue a doutrina espiritualista cristã”. Logo abaixo o título “No país, até evangélicos têm santo”, com a linha fina destacada em vermelho “Mais comuns, ‘catopírita’ e ‘espiritólico’ também ilustram a mistura de crenças entre fiéis”. A página se conclui com uma tituleira “Opinião” de artigo assinado por Reginaldo Prandi e intitulado “Sincretismos do Brasil”. No rodapé, uma tarja laranja convida o leitor: “Confira todas as tabelas e outras perguntas feitas na pesquisa do Datafolha >> [www.folha.com.br/071222](http://www.folha.com.br/071222)”.

A página 10 traz ao topo esquerdo uma grande foto em preto e branco, legendada “94% dos católicos sempre seguiram essa religião. Procissão do Divino Espírito Santo em São Luiz do Paraitinga (SP)”. Logo abaixo, o título em tipos diferenciados e grafados em posição vertical “Força dos estereótipos”, com a linha fina “Quebrar um preconceito é tão difícil quanto fragmentar um átomo” dão o tom da matéria assinada por Hélio Schwartzman, da equipe de editorialistas. Ao lado, cinco gráficos ilustram a enquete intitulada “Concorda ou discorda das frases...”. Cada frase traz o seu gráfico apontando a porcentagem de concordantes e discordantes. As duas colunas à direita da página são compostas por depoimentos de profissionais que se declaram por sua confissão religiosa: Moacyr Scliar, escritor e colunista da Folha, escreve sobre o judaísmo, com o título “Elaborando a condição judaica”; Nizan Guanaes, publicitário e presidente da África Propaganda, fala sobre o candomblé, com o título “Sou católico, apostólico, baiano”; Ricardo Bonalume Neto, repórter da Folha, declara-se ateu e escreve sobre “O mal das religiões”; Valdo Cruz, repórter especial da Folha, fala sobre o espiritismo, com o título “Como espírita, achei respostas”.

Ainda nesta mesma data de 6 de maio, o caderno mais!, págs. 6 e 7, trouxe o chapéu “+ religião”, com um grande título em vermelho “A câmera benta” com a linha fina “Mais tradicional TV católica do país, Rede Vida tenta superar resistência do mercado publicitário com a venda de cruzeiros e terços; pico de audiência foi com jogo de futebol”. A reportagem assinada por Ivan Finotti, editor do Folhateen, tem duas colunas de texto e o restante estampado de imagens que no rodapé da página receberam a seguinte legenda “Em sentido horário, a partir do alto: repórter e cinegrafista da Rede Vida; sala de reuniões e redação da rede; João Monteiro de Barros Filho, presidente da rede, em missa na capela da emissora; o diretor de redação, João Monteiro de Barros

Neto”. A matéria se estende a duas colunas ao lado na página 7, apresentando mais uma nota assinada pela redação e intitulada “Filósofo francês propõe uma abordagem pragmática da fé” e uma imagem, do papa de costas, legendada “Bento 16 em cerimônia de canonização na praça São Pedro, no Vaticano”.

No caderno ilustrada, página E2, na coluna de Mônica Bergamo, uma grande foto abre o espaço social com a legenda “Mariza Alencar, mulher do vice-presidente José Alencar, assiste a uma missa. ‘Eu prefiro não opinar’, diz”. Ao lado da foto, a linha fina destacada em laranja “Que o papa Bento 16 não nos leia: as católicas brasileiras andam com grande dificuldade de seguir todos os princípios que ele defende. A coluna ouviu seis fiéis, algumas delas ‘fervorosas’, sobre o aborto, homossexualidade, camisinha e a praga do segundo casamento”, apontando o título “Em nome do papa”. A coluna traz fotos e opiniões de várias personalidades da sociedade como Mariza Alencar, Maria Regina de Moraes, Adriana Vilarino, Rosângela Lyra, Maria Amélia Arruda Botelho, Maricy Trussardi sobre assuntos polêmicos como camisinha, homossexualidade, segundo casamento e aborto.

O caderno veículos, página 1, encerra a farta publicação do jornal sobre o tema neste dia 6 de maio, com o título “Carros santificados” e a linha fina “Bento 16 segue tradição e usa veículo da Mercedes-Benz; papas já tiveram Ford e British Leyland”. Uma grande foto do papamóvel conduzindo o papa ladeado por guardas traz a legenda “Papamóvel levou Bento 16 ao ‘encontro’ das relíquias de santo Agostinho; no detalhe, versão brasileira usada por João Paulo 2º”. Assinada por José Augusto Amorim, editor-assistente de veículos, a reportagem traz uma janela intitulada “Bento 16 recusou dois papamóveis de Volks e BMW” em que se lê “Joseph Ratzinger não quis trocar o carro

herdado de João Paulo 2º (1978-2005), mas aceitou que as fábricas o<sup>10</sup> dessem dois veículos superluxuosos: um Volkswagen Phaeton e um Volvo XC90”. Ao lado da matéria, uma nota da redação com o chapéu “memória”, destaca “Nos anos 80, Brasil fez papamóvel”.

Segunda-feira, 7 de maio, A2, opinião. O articulista Fernando de Barros e Silva escreve sobre “As pragas de Bento 16”. A charge, tradicionalmente ilustrada, abre as duas colunas do artigo onde se veem várias máquinas de caça-níqueis com as inscrições “Deus Express 24 horas, Paradise cash, Ice God, Lord’s Cookies” com uma frase no rodapé do box da charge “Não foi possível completar a operação...”. Na página A4, brasil, vê-se no topo uma foto do papa na janela da residência pontifícia de braços estendidos, com a seguinte legenda “*Preparativo*. Bento 16 fala para fiéis na praça São Pedro, no Vaticano; o papa, que chega depois de amanhã no Brasil, disse que a América Latina é o ‘continente da esperança’”. As partes superiores das páginas A8 e A9, brasil, formam um conjunto sobre o tema. Na pág. A8, o título “América Latina é continente da esperança, afirma Bento 16” e a linha fina “Papa cola sua imagem à do antecessor para angariar a simpatia dos brasileiros” destacam a reportagem assinada por Leandro Beguoci, enviado especial a Roma. O olho de abertura da matéria diz “Pontífice pede orações pelo sucesso de sua visita e, em especial, da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”. A reportagem traz um gráfico intitulado “*População católica*. Na América, estão 50% dos católicos do mundo”, duas fotos respectivamente legendadas “Novos recrutas da Guarda Suíça, que juraram lealdade ao papa” e “Oficiais vestem uniformes, ontem, pouco antes da cerimônia”, uma janela com o chapéu “Proteção papal” e o intertítulo “Menor exército do mundo ganha 38 novos

---

<sup>10</sup> [sic] Preferi conservar os erros de lingüística grafados no jornal tal como se encontram nos textos. Como este, ocorrerão vários. Foi mantida inclusive a antiga ortografia.

recrutas” e ainda uma nota do enviado a Roma intitulada “Visita atraí ao Brasil nata dos ‘vaticanistas’”. Na pág. A9, o título “Lula evitará discutir com papa propostas feitas pelo Vaticano” e a linha fina “Santa Sé quer ensino religioso obrigatório na rede pública e garantias que dificultem eventual legalização do aborto” destacam a reportagem impressa em três colunas e assinada em conjunto por Kennedy Alencar, da Sucursal de Brasília, Leandro Beguoci, enviado especial a Roma e Rafael Cariello, da reportagem local. O olho de abertura ressalta “Presidente é orientado pelo Itamaraty a prolongar as negociações sobre eventual tratado; encontro com Bento 16 acontece na quinta”. Uma janela destaca entre aspas uma frase de Tarcisio Bertone, secretário de Estado do Vaticano, “Estamos elaborando um acordo global e fundamental que todos desejamos para poder orientar Igreja e Estado”. À esquerda da página, ocupando mais três colunas, vê-se a reportagem assinada por Laura Capriglione, com destaque no alto por uma foto panorâmica legendada “O garoto Enzo, 7, cujo nascimento é apontado como prova de segundo milagre de frei Galvão”. Logo abaixo, o chapéu “foco” com o intertítulo “Mulher do milagre de frei Galvão se casa na igreja diante do filho de 7 anos”. Uma foto do casal, pais de Enzo, conclui a matéria com a legenda “Sandra e Cesar beijam-se logo após bênção do padre Armênio”.

Terça-feira, 8 de maio, A2, opinião. O articulista Carlos Heitor Cony escreve sobre “O papa no Brasil”. As páginas A8 e A9, Brasil, formam um conjunto temático. As matérias estão distribuídas pela margem esquerda da pág. A8 e direita da pág. A9, unidas ao topo por duas imagens legendadas “*Contagem regressiva*. À esq., militares de elite que farão a segurança do papa em Aparecida e Guaratinguetá (SP); à dir., palco no estádio do Pacaembu que será usado por Bento 16 na quinta-feira”. Na pág. A8, o título “CNBB publica cartilha para explicar catolicismo aos fiéis” e a linha fina “Livro de 151



páginas oferece elementos para que católicos possam defender sua fé” destacam a notícia assinada por Silvia Freire, da Agência Folha, em Idaiatuba. O olho de abertura ressalta ““Encontramos pessoas de todas as classes sociais e profissões que conhecem pouco da fé cristã”, diz dom Walmor de Azevedo”. Uma janela com o chapéu “Visita” e o intertítulo “Papa pode discutir reforma agrária e ambiente no Brasil” ilustra a matéria em conjunto com um breve roteiro encimado pelo chapéu “A visita do papa” e o intertítulo “A agenda de Bento 16 no Brasil”, onde se expõem datas, horários, locais e eventos programados para o papa, com uma foto do Santuário Nacional de Aparecida destacando a programação de domingo. Na pág. A9, o título “Na Ásia, onde igreja cresce, aposta é em poucos e bons fiéis” e a linha fina “Segundo padres asiáticos em Roma, catolicismo cresce em seus países devido às comunidades, menos ‘impessoais’ que paróquias” dão visibilidade à reportagem assinada por Leandro Beguoci, enviado especial a Roma. A matéria traz o destaque do olho de abertura ““Tomei um susto quando soube como a igreja se organiza na Europa, só com paróquias”, afirma padre”. Na pág. A10, na coluna Toda Mídia, Nelson de Sá assina o título “A ameaça” comentado a notícia publicada no jornal norte-americano The New York Times, ilustrado em foto de capa onde se lê “As Pope Benedict Heads to Brazil, Rival Theology Retains its Appeal”.

Quarta-feira, 9 de maio de 2007, chegada do papa Bento XVI em sua primeira visita ao Brasil. A manchete dispara “Governo e igreja polemizam sobre aborto” com a linha fina “Ministros acusam Igreja Católica de ‘censurar’ debate; presidente da CNBB vê indução à promiscuidade”. A foto de capa traz a legenda “Operário monta cabine blindada do papa entre militares que fazem vistoria e fotografam da sacada do mosteiro de São Bento, em SP”. Na coluna esquerda da foto de capa veem-se duas frases sobre a

polêmica do aborto, a primeira de José Gomes Temporão e a segunda de D. Geraldo Majella. O lide destaca: “Um dia antes da chegada do papa Bento 16 ao Brasil, o presidente Lula reafirmou que o aborto é questão de saúde pública, e os ministros José Gomes Temporão (Saúde) e Nilcéia Freire (Mulheres) criticaram a Igreja Católica e grupos religiosos por tentativa de ‘censurar’ debate sobre tema”. No centro da capa, um box com imagens e gráficos ilustrativos traz o chapéu “Ganhe (e guarde) guia da visita do papa” e o intertítulo “A chegada ao Brasil”. Os gráficos detalham curiosidades do papamóvel, do mosteiro de São Bento, horários, locais e percurso da chegada do papa do aeroporto de Campo de Marte até o Mosteiro de São Bento. Na coluna à direita dos gráficos, Leandro Beguoci, enviado especial a Roma, assina reportagem intitulada “Viagem papal não será ‘moralista’, afirma d. Cláudio”, publicada na pág. A8. Logo abaixo, Marcelo Coelho assina a crítica “Peso do Vaticano é mais simbólico e menos efetivo”, publicada na pág. E12. No caderno opinião, A2, uma charge traz o título “Habemus PAC”, com a caricatura do papa Bento XVI e do presidente Luiz Inácio Lula da Silva segurando juntos o báculo papal e igualmente paramentados e acenando. No fim da página, na seção Frases, lê-se “*Real*. ‘O Estado não pode ficar alheio a uma coisa [gravidez indesejada] que existe, que é real, e não dar assistência para essas pessoas’. Luiz Inácio Lula da Silva em entrevista a 154 emissoras de rádio católicas, dizendo que o Estado não pode ficar alheio ao problema do aborto, embora ele próprio seja contrário à interrupção voluntária da gravidez, ontem na *Folha*<sup>11</sup>”. Na pág. A3, na coluna Tendências | Debates, Raimundo Damasceno Assis assina o artigo “Bem-vindo, Bento 16!”, que traz como olho de abertura “O papa vem para dizer-nos que o amor inspirado em Jesus Cristo é caminho para a realização dos anseios de justiça, solidariedade e paz”.

---

<sup>11</sup> Neste segundo capítulo, referindo-nos à FOLHA DE S.PAULO, mormente na descrição da cobertura, adotamos o estilo do jornal ao referir-se a si próprio apenas como *Folha*, destacado em itálico.

Na seção Paineis do Leitor, leem-se duas cartas sob a tituleira “Papa”. A primeira, assinada por Antonio Carlos Ciccone, São Paulo, SP, diz “As Forças Armadas estão sendo preparadas para a segurança do papa durante sua viagem ao Brasil. Mas quando a população pede a presença das FFAA no combate ao crime, as autoridades recusam, dizendo que a função das FFAA é defender o país de agressões externas. Que tipo de agressão externa teremos na vinda do papa?”. A segunda carta, assinada por Humberto Corrêa, Campinas, SP, diz “A mídia nos apresentou o menu e a carta de vinhos que serão oferecidos ao papa, a origem das flores que ornarão seus aposentos e até o tipo da madeira utilizada nas cadeiras que ele usará no encontro com Lula e Serra. Sabemos os nomes dos seus cozinheiros, das suas costureiras e dos marceneiros dos seus móveis de quarto. Todavia precisamos conhecer as proposições do Vaticano para cessar o êxodo de católicos para outras religiões. A assessoria de imprensa da Igreja Católica bem poderia direcionar a atenção do público para um pouco além do show business”. Na seção Erramos, um destaque para “Brasil (29.abr, pág. A10) Diferentemente do publicado na reportagem ‘De cada 20 rádios no Brasil, um pertence a católicos’, Antonio Celso Pinelli, presidente da Unda Brasil, órgão que coordena as emissoras católicas comerciais de rádio, não é padre”.

A capa do caderno Brasil, pág. A4, traz no topo os seguintes destaques: uma tarja azul com o convite “Acompanhe a chegada do papa >> [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br)”, logo abaixo um box verde contendo “Confira o guia com o roteiro da viagem de Bento 16”, uma foto da praça de São Bento legendada “Exército no Mosteiro de São Bento, onde o papa ficará em SP”, e, por fim, dois boxes azuis, sendo o conteúdo do primeiro “*O desafio*. Viagem é a mais longa do papado de Joseph Ratzinger. Pág. A6” e o do segundo “*O discurso*. Papa não terá agenda moralista em São Paulo, afirma d. Cláudio.

Pág. A8”. Com o chapéu “A visita do papa”, destaca-se o título da notícia principal “Aborto contrapõe governo e igreja na chegada do papa”, com a linha fina “Lula diz que tema é questão de saúde pública; CNBB vê incentivo à promiscuidade”. Assinada por Eduardo Scolese, enviado especial a São José (SC), e Leila Suwwan, da sucursal de Brasília, a notícia traz como olho de abertura “D. Geraldo Magella afirma que entidade fará grande campanha para que fiéis rejeitem o aborto no caso de um plebiscito sobre o tema”. Disposta em quatro colunas, a matéria traz uma foto legendada “Marcha contra o aborto. Cerca de 2.000 pessoas, segundo a PM, participam de uma marcha contra o aborto diante do Planalto, gritando palavras de ordem contra o ministro da Saúde, José Gomes Temporão”. Logo abaixo, uma outra foto legendada “Dulcelina Xavier, da ONG Católicas pelo Direito de Decidir” abre uma nota da sucursal do Rio de Janeiro intitulada “ONG católica defende aborto e preservativo”. Na última coluna à direita, uma janela com o chapéu “Memória” e o intertítulo “Em 1997, tema opôs bispos e Ruth Cardoso”, seguida de várias frases de personalidades envolvidas na discussão atual.

A página A6 traz o chapéu “A visita do papa” com o título “Bento 16 faz a viagem mais longa e distante” e a linha fina “Apesar de ser menor do que duas viagens de João Paulo 2º ao país, vinda de Ratzinger papa se iguala em impacto político a 1980”. Assinada por Leandro Beguoci, enviado especial a Roma, e Rafael Cariello, da reportagem local, a matéria traz como olho de abertura “No período de cinco dias, papa canonizará o primeiro santo brasileiro e fará o discurso de abertura da Conferência de Aparecida”. A reportagem também traz um breve histórico intitulado “Visitas de papa ao Brasil: o país já recebeu três visitas de papa, todas elas durante o pontificado de João Paulo 2º” e ilustrado com três fotografias mostrando períodos, lugares visitados, temas discutidos, personalidades políticas de cada época. A primeira foto mostra o papa João

Paulo 2º com o presidente João Batista Figueiredo, e traz “1980: 89% da população era católica”. A segunda foto mostra-o com o presidente Fernando Collor, e traz “1991: 83% da população era católica”. A terceira, com o presidente Fernando Henrique Cardoso e a primeira-dama Ruth Cardoso, traz “1997: 73% da população era católica”. Nas duas últimas colunas à esquerda da página, veem-se três notas. A primeira, intitulada “Roupa de missa e comida do papa serão do Brasil”, vem atribuída ao enviado especial a Roma. A segunda, intitulada “Casaldáliga vê tensão na reunião de bispos que começa domingo”, vem assinada por Hudson Corrêa da Agência Folha, em Campo Grande. A terceira, intitulada “D. Dimas cita Chico Buarque e faz crítica a relacionamentos”, vem atribuída à Agência Folha, em Indaiatuba.

A página A7 traz o chapéu “Visita do papa / opinião” com o título “Ortodoxia, erudição e apatia” e a linha fina “Desafios incluem evasão de fiéis e conciliação de imagem de teólogo e de papa”, em artigo especial para a Folha, assinado por Paulo Daniel Farah. Após uma propaganda do banco Itaú para o Dia das Mães, ocupando a centralidade da página, vem a segunda matéria com o chapéu “Diário de viagem”, intitulada “Viagem de romeiros pernambucanos a SP tem ave-maria e forró no primeiro dia”. A notícia, assinada por Fábio Guibu, da Agência Folha, em Propriá (SE), traz um gráfico mostrando o percurso da viagem dos romeiros e uma foto legendada “Irmã Luciana Rosa da Silva, que viaja de Recife a São Paulo”. Ao lado da notícia, uma nota com o chapéu “Amazônia” e o intertítulo “CNBB afirma que falta recursos para igrejas da região”, da Agência Folha, em Indaiatuba.

As páginas A8 e A9 formam uma composição, cujo centro é uma grande imagem que abarca as duas páginas. A imagem, de uma placa verde de trânsito é uma propaganda da Rádio SulAmérica Trânsito e traz a indicação “Veja o Papa” apontando

para a direita da página A9, onde se encontra detalhado em gráficos todo o circuito de segurança do traslado do papa durante sua passagem pelo país. “A visita do papa” é o chapéu da composição, repetido em ambas as páginas. A pág. A8 traz uma entrevista assinada por Leandro Beguoci, enviado especial a Roma, com o título “Bento 16 não trará ‘agenda moralista’, diz dom Cláudio” e a linha fina “Segundo o brasileiro, papa não vai distribuir condenações ao aborto ou ao casamento gay”. O olho de abertura da entrevista destaca ““A igreja não pode perder a América Latina, a igreja quer inserir a região no mundo de hoje’, afirma o ‘ministro’ do papa, que chega hoje”. Ao lado, uma foto legendada “O cardeal d. Cláudio Hummes, que também chega hoje ao país”. Na pág. A9, vê-se a reportagem assinada por Kleber Tomaz, da reportagem local, com o título “Fiéis têm de ficar a quatro metros do papa” e a linha fina “Segurança do pontífice determina que só as pessoas cadastradas poderão se aproximar de Bento 16”. A reportagem traz um grande gráfico ilustrativo das forças e aparatos de segurança que acompanharão os movimentos do papa no país: helicópteros, comboios, atiradores, distância do público, cordão de isolamento, motos, detalhes de segurança do papamóvel e curiosidades sobre o veículo. Tudo ilustrado com imagens e medidas. Na parte inferior da página, vê-se o chapéu “Notas”, com várias tituleiras contextualizando a visita do papa no ambiente nacional como “música, trégua, lei seca, encontro, a pé, católico, apoio” ilustradas por uma foto legendada “Cabine blindada para o papa em sacada no mosteiro de São Bento”. Ao lado uma nota da redação, com o título “Mosteiro de São Bento faz os últimos preparativos para hospedar Bento 16” vem ilustrada por uma foto com a legenda “Moacir, sócia do papa Bento 16, em frente ao mosteiro”.

No caderno informática, pág. F2, vê-se um box com o chapéu “eventos on line” e o intertítulo “acontece na internet”, com a chamada “papa: a visita de Bento 16 será

noticiada pelo portal UOL em um site com vídeos, notícias e biografia do papa, além de um especial sobre catolicismo e sobre Frei Galvão; em [noticias.uol.com.br/ultnot/especial/papanobrasil](http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/papanobrasil)". Uma foto do papa abençoando os fiéis ilustra o box.

Ainda nesta quarta-feira, dia 9, o jornal publicou um "Guia especial visita do papa" com o título "Bento 16 no Brasil. O roteiro da viagem" e a linha fina "Confira as atividades do papa, como chegar aos locais onde serão realizadas as missas, as rotas para fugir do trânsito e a programação na TV". Em 24 páginas, no formato 25cm X 15cm, o guia traz cada passo programado da viagem do papa pontualmente ilustrado, claro e de fácil acesso, com disponibilização de canais alternativos de informação inclusive. Gráficos, imagens ilustrativas, fotos, agenda contendo horários, locais, datas e eventos, mapas, vias de acesso e alternativas e serviços compõem o guia que traz em mínimos detalhes os passos do papa no país durante todo período da visita. O índice, na pág. 3, traz também breve histórico da vida do papa Bento XVI.

Quinta-feira, 10 de maio de 2007, segundo dia da visita do papa ao Brasil. A manchete dispara "Papa apóia excomunhão dos políticos pró-aborto" com a linha fina "Bento 16 diz que punição não é arbitrária e defende o 'respeito pela vida'". A capa traz uma foto de plano inteiro do papa com um pé na a escada do avião e o outro tocando o tapete vermelho do cerimonial de boas-vindas, dirigindo-se aos presentes de mãos estendidas. A legenda diz "Com o pé esquerdo, o papa Bento 16 pisa o solo brasileiro na base aérea de Guarulhos, em São Paulo". À esquerda da foto, um gráfico ilustra "O segundo dia em São Paulo" mostrando a programação do dia, com datas, locais, mapa de trânsito, horários e eventos de que o papa participará. À direita, na última coluna da página, outro gráfico traz "5 curiosidades sobre o papa", ilustrado com uma foto

mostrando as cores e significado das indumentárias eclesiais do papa, do cardeal e do bispo, ressaltando o solidéu, a batina, o múnio, o anel do pescador e o brasão papal. Logo abaixo, dois títulos trazem respectivamente “Papel de guardião da unidade da igreja é ressaltado. Pág. A8”, de artigo especial para a Folha assinado por Paulo Daniel Farah, e “Bento 16 propõe dinamismo contra avanço evangélico. Pág. A6”, sem atribuição de autoria. Ainda na capa, a chamada dos editoriais destaca “Leia ‘Acordo sigiloso’, sobre concordata Brasil-Vaticano”.

Os editoriais, pág. A2, trazem o título “Acordo sigiloso” com o olho de abertura “A regra da publicidade dos atos dos governantes exige que Lula explicito o que está em sua pauta de negociação com o papa”. Uma charge ilustra a matéria com a caricatura do papa com religiosos na fachada do mosteiro de São Bento olhando uma camisinha subindo em meio a bexigas de gás soltas pelos fiéis que ovacionam em frente ao mosteiro. Clóvis Rossi assina o artigo intitulado “Fiéis ou espectadores?”. A seção Frases destaca “*Censores*. ‘Acho importante que a igreja ou grupos fundamentalistas ou religiosos não ajam como censores de uma discussão que a sociedade deve ter’, Nilcéia Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, criticando o modo como a igreja tem tratado o debate sobre o aborto, ontem na *Folha*”. E “*Sem exclusão*. ‘Que não se excluam da discussão os que têm posição diferente daquela que se pretende majoritária, mas que, pelas estatísticas, não é. A população não é favorável ao aborto’. Dom Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, ontem na *Folha*”.

A seção Painel do Leitor, A3, traz “*Embriões*. ‘Parabenizo a Folha pela publicação do artigo ‘Adotar embriões congelados’ (‘Tendências/Debates’, pág. A3, 8/5), assinado pelo doutor Francesco Scavolini. Na promoção de leis desumanas, o establishment se empenha no escamoteamento de informações que permitam aos



homens de boa vontade avaliarem todos os fatores envolvidos nas questões. A Folha, neste caso, prestou um serviço para o esclarecimento de alguns pontos envolvidos no debate sobre o uso de embriões em pesquisas’, Ulisses Brandão, São Paulo, SP”. A seção Erramos traz “*Primeira página* (9.mai) A frase ‘Ninguém é a favor do aborto. A pergunta é: a mulher deve ser presa? Deve morrer?’”, que constava da manchete “Governo e igreja polemizam sobre aborto’, foi dita pela ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Nilcéia Freire, e não pelo presidente Lula”.

As páginas A4 e A5 formam um conjunto, abrindo o caderno Brasil com uma grande foto no alto que abrange as duas páginas, legendada “O papa discursa pouco depois das 18h da sacada do mosteiro de São Bento, onde foi recebido por aproximadamente 15 mil pessoas”. Abaixo da foto, na pág. A4, imprime-se o chapéu “A visita do papa” com o título “Papa defende excomunhão de políticos a favor de aborto” e com duas linhas finas “Bento 16 pede ‘respeito pela vida’ em sua chegada ao Brasil” e “Em dia frio, 15 mil pessoas esperam religioso em mosteiro”. Abaixo das chamadas, uma segunda foto legendada “Ao lado do presidente Lula, a primeira-dama, Marisa Letícia, beija a mão do papa em Cumbica”. Na coluna à esquerda da foto, uma janela com o chapéu “Protocolo” e o intertítulo “Lula substitui beijo no papa por aperto de mão”. Abaixo, Vinicius Abbate, da sucursal de Brasília, assina a notícia intitulada “Para ministro, fala de religioso foi ‘descabida’”. Na coluna Painel, assinada por Renata Lo Prete, o título é sugestivo “Na fogueira”, em alusão ao desgaste político da ministra do Meio Ambiente Marina Silva. Uma das tituleiras da coluna traz “*Feriadão*. Bento 16 atrapalhou os planos dos petistas da Assembléia paulista, que tiveram reunião de hoje com o presidente do TJ-SP, Celso Limongi, cancelada por causa da visita papal. Eles iriam pedir celeridade nos esclarecimentos pendentes para instalação da CPI da Nossa

Caixa”. Ainda na mesma coluna, o destaque “Tiroteio” ressalta a frase “‘Não vão desistir desse aumento nem sob ameaça de excomunhão papal’”. Da deputada federal Luciana Genro (PSOL-RS) sobre os colegas de Câmara que apóiam o aumento de 28,5% em seus salários”. Na pág. A5, Rafael Cariello, Mario Cesar Carvalho, José Alberto Bombig, assinam a reportagem intitulada “Pontífice destaca a ‘alma cristã’ da América Latina” com a linha fina “Papa defende os valores ‘dos povos indígenas’”. Um box destaca a “*Agenda do papa. O que Bento 16 faz hoje*”.

A página A6 traz o chapéu “A visita do papa” com o título “Igreja precisa reagir às ‘seitas’, diz papa”, com a linha fina “Bento 16 afirma que ‘hoje todos sabem’ que a Teologia da Libertação errou ao prometer que a revolução traria uma vida justa”. A entrevista, assinada por Leandro Beguoci, traz como olho de abertura “Na viagem, pontífice volta a condenar o aborto e diz que excomunhões de políticos favoráveis à medida ‘não são uma coisa arbitrária’”. Uma grande foto ilustra a matéria com a legenda “*O papa reza. Bento 16 realiza uma oração particular na capela do Santíssimo, no mosteiro de São Bento; em seguida, papa fez, de uma cabine blindada na sacada, uma saudação aos fiéis que o aguardavam*”. Abaixo, outra fotografia em preto e branco legendada “Em 1980, João Paulo 2º beija o chão ao chegar a Brasília” com uma janela ao lado trazendo o chapéu “Memória” e o intertítulo “João Paulo 2º beijou solo na primeira visita”. Leandro Beguoci produziu ainda uma notícia com o chapéu “A viagem” intitulada “Vôo com Bento 16 tem ópera e suco de laranja”. O jornalista destacou algumas frases da entrevista com o papa “A fé garante a beleza da vida. Podemos resistir a esse egoísmo que está em algumas legislações... Essas excomunhões [de políticos favoráveis ao aborto] não são arbitrárias, estão previstas no Código [de Direito Canônico]... O sucesso dessas seitas demonstra que existe uma sede por Deus...”

Esses fáceis milenarismos, que prometem rápidas condições para se conseguir uma vida justa, estavam errados... Existe espaço para o debate de como tornar mais eficaz a doutrina social da igreja. Parte da Teologia da Libertação também procura isso...”

Na pág. A7, Janio de Freitas assina o artigo intitulado “A hora da visita”, com o destaque do olho de abertura “Intenção do clero é levar o governo a aceitar algum tipo de compromisso contra a legalização do aborto no país”. O chapéu “A visita do papa” traz como título “Papa aparece por 4 minutos para 15 mil” com a linha fina “Reunido em frente ao mosteiro de São Bento, onde o pontífice se hospeda, público recebeu-o com ‘olê, olê, olá, Bentô, Bentô’”. Assinada por Laura Capriglione, a notícia destaca como olho de abertura “No final da saudação, papa escorrega no português e se despede da multidão em espanhol, com ‘buenas noches’ e ‘muy obrigado’”, e traz uma foto legendada “*Debaixo de chuva*. A coordenadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns, prepara coral que se apresentou para o papa; ela defendeu melhorias na educação e na saúde e se manifestou contra o aborto”. Ao lado da foto, uma nota da reportagem local traz “Crianças, sob chuva, quase são ignoradas”.

As págs. A8 e A9 formam um composto, dominadas pelo chapéu “A visita do papa”. No centro do conjunto, uma grandiosa propaganda em linha horizontal da operadora de telefonia Vivo, motivada pelo Dia das Mães. Acima da propaganda, na pág. A8, em especial para a *Folha*, Paulo Daniel Farah escreve um artigo analítico intitulado “Sucessor de Pedro Apóstolo” com a linha fina “Papa Bento 16 ressalta seu papel como guardião da unidade da Igreja Católica”. O texto vem ilustrado por uma foto do papa com as mãos em punho intitulada “Papa usa anel em homenagem a Pedro, primeiro líder da igreja”. À direita, na pág. A9, curiosidades sobre a indumentária do papa com o título “*As roupas do papa*. Saiba o que é cada peça do vestuário de Bento

16”, trazendo ilustrações dos detalhes do “Traje litúrgico solene”, “Traje diário” e do “Traje litúrgico ordinário”, e ainda ilustrações detalhadas do “Brasão de Bento 16”. Abaixo da propaganda, uma grande foto ao centro mostra os cumprimentos protocolares das autoridades brasileiras ao papa com a legenda “Ao lado do presidente Lula e da primeira-dama, Marisa Letícia, o papa Bento 16 é cumprimentado por arcebispos brasileiros na base aérea de Cumbica, depois de discursar”. À esquerda da foto, o chapéu “Íntegra do discurso do papa” traz o título ““A igreja quer apenas indicar valores e formar cidadãos””, com a linha fina “Leia a íntegra do discurso do papa Bento 16 logo após chegar ao aeroporto de Guarulhos”. À direita da foto, o chapéu “Íntegra do discurso de Lula” com o título ““Temos inúmeras parcerias de ação social””, e a linha fina “Leia a íntegra do discurso do presidente Lula na cerimônia de chegada do papa Bento 16”.

Na pág. A10, sob o chapéu “Visita do papa / opinião”, Luiz Felipe Pondé, em especial para a *Folha*, escreve artigo intitulado “A resistência a Ratzinger” com a linha fina “Bento 16 retira a teologia da pastoral provinciana e a lança além do cristianismo político”. Na seção Notas, veem-se as seguintes tituleiras: “*Sem feriado*. A Câmara dos Deputados rejeitou ontem a última possibilidade de decretação de feriado amanhã devido à canonização de Frei Galvão. O dia 11 de maio será incluído no calendário histórico cultural brasileiro como Dia Nacional de Frei Galvão, mas não será feriado”. “*CD para Bento 16*. Cinco meses de ensaios e cerca de R\$8.000 gastos do próprio bolso. Esse foi o investimento que o núncio apostólico no Brasil, d. Lorenzo Baldisseri, 65, diz ter feito para presentear o papa Bento 16 hoje: ele entregará nas mãos do papa um CD no qual interpreta 12 músicas de compositores clássicos”. “*Dúvida*. A princípio, d. Lorenzo ficou em dúvida se gravaria o CD na Hebraica. Achou que “não pegaria

bem” citar uma religião que não a católica (o judaísmo) num presente ao papa. No entanto, o núncio mudou de idéia. O CD incluirá um agradecimento à Hebraica”. “*Antipapa*. Em Salvador, grupo gay fez protesto contra suposta ‘homofobia’ do papa. Na praça da República, centro de São Paulo, outro grupo fez vigília pelos mortos por homofobia e abortos clandestinos”.

Sob o chapéu “A visita do papa”, a pág. A11, destaca no topo duas fotos. A primeira traz a legenda “No papamóvel, papa acena ao chegar ao mosteiro de S. Bento”. A segunda vem legendada “Soldados do Exército dormem no estádio do Pacaembu, onde o papa falará hoje a 35 mil jovens”. Na primeira coluna à esquerda da página, a reportagem local assina o título “Trânsito não piorou muito, mas o metrô sofreu pane” com a linha fina “Porta de trem quebrou na Sé e interrompeu o tráfego”. Na última coluna à direita, Daniela Tofoli assina o título “Evento no estádio reunirá platéia escolhida a dedo”. No rodapé da página, imprime-se um grande box ilustrativo contendo imagens, gráficos com estimativas de público e mapas de trânsito, intitulado “*Encontro com jovens católicos*. Como fica a região do Pacaembu com a visita de Bento 16”. Com o mesmo chapéu, a pág. A12 traz uma breve notícia assinada por Fábio Guibu, da Agência Folha em Itaobim. A notícia se destaca pela chamada “Diário de Viagem” com o título “Peregrinos sofrem com quebra de ônibus e tédio no percurso”. Vê-se uma foto legendada “Freiras rezam na viagem” e um gráfico intitulado “A viagem”, ilustrando o percurso dos romeiros que saíram de Recife com destino a São Paulo, a fim de participarem dos eventos com o papa.

A pág. A13, com o chapéu “Viagem do papa”, traz ao topo a foto em plano inteiro de um garoto fazendo exercício numa quadra de esportes com a legenda “Enzo Gallafassi, cuja mãe, com dificuldades na terceira gravidez, tomou as pílulas do frei

Galvão”. À esquerda da foto, Fábio Victor, da sucursal de Brasília, assina a reportagem intitulada “Garoto de milagre vira celebridade instantânea”, com a linha fina “Enzo, 7, nasceu após mãe tomar pílulas de frei Galvão”. Embaixo de uma grande propaganda da loja Ponto Frio para o Dia das Mães, Laura Mattos assina a reportagem intitulada “Na guerra santa da TV, papa complica o trânsito na Record e vira festa na Globo”. À esquerda da página, na coluna Toda Mídia, assinada por Nelson de Sá, veem-se imagens das matérias de primeira página dos jornais internacionais *The New York Times*, *Le Monde* e *La Nación*, cobrindo a viagem do papa ao Brasil. O comentarista destaca o título “Dos evangélicos ao aborto”, além do qual leem-se as tituleiras “*Aborto, aborto*: Nas manchetes da Folha Online ao Globo Online, do portal UOL ao telejornal da Band, a notícia foi o ataque que o papa fez ao aborto no primeiro discurso no Brasil, diante de Lula. Na locução ao vivo de Willian Waack, contido na Globo, Luiz Datena, histérico na Band (leia ao lado), e até a Rede Vida, o ataque mal foi percebido”; “*Excomunhão ou não*: Ecoou mais pelo exterior o que Bento 16 declarou antes mesmo de chegar ao Brasil. Em despachos com o crédito ‘Dentro do avião do papa’, as agências noticiaram durante o vôo que ele ameaçou de excomunhão aos políticos católicos, referência aos mexicanos, que votaram em favor do aborto. Não tardou e os mesmos despachos acresciam que, segundo o porta-voz e outras autoridades do Vaticano, não era bem assim. Não haveria excomunhão, mas autopunição dos políticos, ao não se permitirem comungar. Mas foi o que bastou para sites como o do ‘Wall Street Journal’ saírem ouvindo políticos tipo Bill Richardson e John Kerry, sobre a ameaça”; “*Para além da igreja*: Sem a mesma atenção de outros à visita, a página inicial do ‘Washington Post’ abriu um longo debate, com uma dezena de artigos especiais e ampla participação dos internautas, sobre as idéias da Teologia da Libertação, com a pergunta geral ‘Jesus foi

um revolucionário social?’. A viagem, avaliou o jornal, ‘reaviva o interesse ao redor do mundo sobre a questão’. Falando à BBC Brasil, Leonardo Boff foi desafiador, proclamando que ‘a teologia e a temática da libertação não dependem mais da igreja’. É, hoje, uma ‘teologia ecumênica’”; “*Brasil vs. papa: As versões em papel dos jornais estrangeiros, do britânico ‘Financial Times’ de Richard Lapper ao americano ‘WP’ de Monte Reel, fizeram longos levantamentos dos ‘desafios’ que esperam Bento 16, dos evangélicos à Teologia da Libertação e os temas morais. No título do ‘FT’, ‘Vaticano isolado busca conter êxodo latino’. No título da versão impressa do ‘NYT’, ‘Brasil saúda papa, mas questiona sua perspectiva’” e “*Aparecida digital: Com cobertura marcadamente on-line, a visita do papa estimula questões ligadas à web. Chegou a submanchete da Folha Online, por exemplo, a notícia de que a CNBB vai levar ao papa um ‘projeto de missa pela internet’, com a ressalva de, no caso, ‘a eucaristia não ter valor espiritual’. Com mais significado para a web do que para a Igreja, o ‘Valor’ destacou que a presença em Aparecida marcará o início da rede wi-fi, sem fio, na cidade. ‘Se Bento 16 tiver um laptop, não encontrará problemas para se conectar’”.**

A página A15 traz no topo uma foto com a legenda “*Lágrimas. Deputados consolam Cida Diogo (PT-RJ), que disse ter sido insultada por Clodovil (PTC-SP), em episódio que paralisou a sessão da Câmara por meia hora; ele chamou a acusação de ‘vulgar’”*. A foto ilustra a reportagem de Sílvia Freire, da Agência Folha, em Indaiatuba, intitulada “Documento de CNBB diz que há uma ‘crise ética’ no Congresso”, com a linha fina “Texto sobre a situação política do Brasil menciona também preocupação com ‘fortes indícios de corrupção’ no Judiciário”. O olho de abertura da matéria destaca que “Entidade reitera oposição ao aborto e afirma que é necessário avançar no desenvolvimento ‘com inclusão e justiça social’”.

No caderno cotidiano, pág. C2, Pasquale Cipro Neto escreve um artigo intitulado “Com a palavra, Sua Santidade...”, que traz como olho de abertura “A quem se dirigiu o locutor quando disse ‘Com a palavra, Sua Santidade...?’ Ao próprio papa? Ou aos presentes?”.

Sexta-feira, 11 de maio, terceiro dia da visita do papa ao Brasil. A manchete emplaca “Papa pede a Lula vantagens para Igreja Católica no país” com a linha fina “Em encontro, presidente diz a Bento 16 que o Estado brasileiro é laico”. A capa vem ilustrada no alto com uma foto legendada “O governador Serra e o presidente Lula se cumprimentam diante de Bento 16 no encontro com o papa no Palácio dos Bandeirantes”. À esquerda da foto, um gráfico ilustra a programação do papa durante o dia com imagens, mapas de trajeto, horários, locais e eventos, com o título “O que acontece hoje em São Paulo”. Na primeira coluna à esquerda, no alto, a tituleira “Bento 16 prega castidade para 40 mil jovens em São Paulo” chama para leitura às págs. A6 e A8. Uma segunda tituleira diz “No Pacaembu, adolescentes criticam moral”, chamando para a pág. A8. Mais abaixo, o chapéu “José Sarney” destaca o título “Igreja sabe que não é a única fonte para matar sede de Deus”, chamando para artigo do político na pág. A2. Do centro da capa para baixo, uma segunda foto se destaca com a legenda “*Nem Cristo escapa*. Força Nacional ocupa área de acesso ao Cristo Redentor; 23 pessoas foram presas, acusadas de fraudar as bilheterias para carros e passageiros em pelo menos R\$300 mil por mês nos últimos dois anos, e o acesso de automóveis ao Corcovado foi proibido. Pág. C1”.

Os editoriais, pág. A2, trazem o título “Momento histórico” sobre a negociação de paz na Irlanda do Norte entre católicos e protestantes. No alto da página, a charge traz o título “Papa linha dura” ilustrando o papa com um grande martelo na mão em vez



de um cajado. Na coluna de José Sarney, o título “O papa em nossa casa”. Na seção Frases, destacam-se: “*Incompatível*. ‘O direito de matar um inocente, uma criança humana, é incompatível com estar em comunhão com o corpo de Cristo’. Bento 16, dizendo que concorda com as excomunhões de deputados mexicanos que votaram a favor do aborto ontem na *Folha*”. “*Infelizmente*. ‘São as mulheres que sofrem, mas as leis e o julgamento são feitos pelos homens. Infelizmente, os homens não engravidam. Se engravidassem, a questão estaria resolvida há muito tempo’. José Gomes Temporão, ministro da Saúde, sobre o aborto, ontem na *Folha*”. Na pág. A3, seção Painele do Leitor, uma carta de Elizabeth Kipman Cerqueira, médica, São Paulo, SP, intitulada “Embriões”, reclama que “No texto ‘STF assiste a disputa ideológica pela ‘vida’ (Ciência, 21/4), foi colocada entre aspas uma frase a mim atribuída que não corresponde ao que foi dito”.

A capa do caderno brasil, A4, traz no topo uma foto com a legenda “Funcionário checa a cadeira usada por Bento 16 no estádio do Pacaembu”. Dentro da foto, duas chamadas: “*O discurso*. Papa pede castidade a jovens católicos. Pág. A6” e “*A realidade*. Jovens no Pacaembu dizem que ‘ficam’. Pág. A8”. À esquerda da foto, uma tarja azul destaca “Ratzinger tem encontro ecumênico em SP. Pág. A13” e um box azul traz “*1º Santo Brasileiro*. Frei Galvão será canonizado hoje no Campo de Marte. Pág. A10 e A11”. Sob o chapéu “A visita do papa”, vê-se o título “Bento 16 solicita a Lula que conceda vantagens à igreja” com a linha fina “Presidente ressalta caráter laico do Estado brasileiro ao ouvir pedido do papa” e o olho de abertura “Proposta do Vaticano rejeita vínculo empregatício de padres, torna obrigatório o ensino religioso e dá a missionários acesso a índios”. Assinada pela equipe local, a reportagem traz também uma janela com o chapéu “Primeira impressão” e o intertítulo “Para Lula, papa é mais

simpático do que ele imaginava”. Abaixo do texto, vê-se uma grande foto legendada “Ao deixar o Palácio dos Bandeirantes, o papa é acompanhado por Lula, Serra e as respectivas primeiras-damas, Marisa e Mônica”. Mais abaixo da foto, um texto não assinado, como especial para a *Folha*, traz o título “Portugal, Polônia e Itália têm concordatas” referindo-se ao acordo proposto pela Santa Sé ao governo brasileiro. Na coluna Painel, assinada por Renata Lo Prete, algumas tituleiras destacam: “*Babel*. Enquanto Lula e Bento 16 conversavam, o número dois do Vaticano, Tarcisio Bertone, fazia o mesmo com José Serra em outra sala. O cardeal ficou impressionado ao ouvir do governador que São Paulo ‘é a única cidade do mundo onde japonês fala português com sotaque italiano’. Rindo, Bertone disse que levaria a informação ao papa”. “*Palestra*. Serra, a quem Bertone contou ter sido comentarista de futebol, disse ao cardeal italiano que, se este vivesse no Brasil, certamente torceria para o Palmeiras – o time do governador”. “*Milagre*. Constatação de quem ficou muito perto do papa: aos 80, Joseph Ratzinger não tem rugas”. “*Cabo eleitoral*. Em conversas descontraídas com os bispos que acompanham o papa, Lula bate na tecla de que d. Cláudio Hummes, seu amigo de longa data, é o melhor nome para suceder Bento 16”. “*Romaria*. Além de Serra, outros 12 governadores confirmaram presença na missa hoje no Campo de Marte”.

A página A5, sob o chapéu “A visita do papa”, traz o título ““Presidente, o senhor não quer se confessar?”” com a linha fina “Sentado em um confessionário dentro do Palácio dos Bandeirantes, Gilberto Carvalho brinca com Lula”. Assinada por Catia Seabra e José Alberto Bombig, a notícia vem ilustrada por uma foto com a legenda “Ashtar, 6, neto de Lula, diante de pia batismal no Bandeirantes”. Ao centro, a página traz uma grande propaganda do banco Itaú, para o Dia das Mães. Abaixo, Leandro Beguoci assina a notícia intitulada “D. Paulo dá carta sobre índios e livros sobre d.

Hélder ao papa”, ilustrada por uma foto com a legenda “*Saudações*. O papa cumprimenta fiéis na saída do mosteiro de São Bento; ontem, ele apareceu cinco vezes na sacada; a última foi às 22hs para desejar boa noite às pessoas que o aguardavam no mosteiro”. Ao lado da foto, o box “Agenda do papa: o que Bento 16 faz hoje”, contendo ilustrações com os horários, locais e compromissos do papa ao longo do dia.

A página A6, sob o chapéu “A visita do papa”, estampa no alto uma foto que abrange a largura total da mancha de impressão com a legenda “Ladeado por d. Odilo Scherer (esq.), arcebispo de São Paulo, e pelo cardeal Tarcísio Bertone (dir.), o papa Bento 16 acompanha um espetáculo de danças típicas brasileiras no estádio do Pacaembu”. Logo abaixo, o título “Bento 16 defende a castidade e condena a devastação ambiental” com a linha fina “Antes da chegada do papa, o clima era de festa gospel, com bandas católicas animando a platéia com rock, axé e funk”. Assinada por Mario Cesar Carvalho e Rafael Cariello, a notícia destaca como olho de abertura “Alinhado à CNBB, Bento 16 diz que desmatamento da Amazônia requer ‘maior compromisso nos mais diversos espaços de ação’”. No centro da matéria, uma janela com o chapéu “Casamento” e o intertítulo “Teólogo afirma que ser casto significa ser fiel”. Quatro fotos dispostas em ordem vertical também ilustram a notícia com a legenda “No Pacaembu, delegações de jovens do Brasil, Peru, Chile, e Argentina (de cima para baixo) aguardavam a chegada do papa”. Na última coluna da página, Deborah Giannini e Laura Capriglione assinam a notícia intitulada “Fora do estádio, 15 mil assistem a evento por telões”. Uma tarja azul no rodapé da página convida “Leia o discurso do papa >> [www.folha.com.br/071302](http://www.folha.com.br/071302)”, em alusão ao texto que o papa pronunciou para os jovens no estádio do Pacaembu.

A página A8, sob o chapéu “Visita do papa”, abre-se com uma grande foto legendada “Estádio do Pacaembu com aproximadamente 40 mil pessoas convidadas pela Igreja Católica para assistir a cerimônia com o papa Bento 16, no fim da tarde de ontem”. Logo abaixo, o título “Jovens do Pacaembu também ‘ficam’”, com a linha fina “Enquanto maioria dizia já ter tido relações ocasionais, duas jovens endossavam críticas de d. Dimas ontem” e o olho de abertura “Secretário-geral da CNBB afirmou na última terça que o ‘senso descartável’ do ‘ficar’ antes era próprio só das garotas de programa”. A reportagem não traz assinatura e é atribuída à colaboração da Revista da Folha. No centro da matéria, veem-se três fotos de moças com frases destacadas: “‘Fiquei com muita gente, mas não tem esse componente perverso que o padre vê. Não recebi dinheiro’. Maria Schirts, 16”. “‘Ficar’, basicamente, é beijar. Meu irmão me disse que as prostitutas nem beijam’. Marina Arruda, 17”. “‘Li ‘Brumas de Avalon’ e descobri que pouca coisa mudou para as mulheres desde a Idade Média’. Clara Perazzo, 16”. Logo abaixo o chapéu “Foco”, com a assinatura de Paulo Sampaio, traz o título “Longe do estádio, jovens ironizam lição dada por secretário-geral da CNBB”. Uma breve coluna ao lado, feita pela redação em colaboração com a Folha no Rio, traz “Fala ‘não tem nada a ver’, diz Bruna Surfistinha”. A última coluna da página, à direita, traz no alto o chapéu “Notas” com várias tituleiras: “*Anticomercial*. A presença do papa no mosteiro de São Bento prejudicou o comércio da região, onde fica a rua 25 de Março, tradicional centro varejista popular. Lojistas reclamam que a multidão que se reuniu para ver Bento 16 afugentou clientes e que as vendas caíram até 70%, justamente às vésperas de uma data favorável como o Dia das Mães”. “*Do alto*. Uma das exigências do Vaticano para o encontro do papa com Lula e Serra no Palácio dos Bandeirantes foi uma cadeira dura e com espaldar (encosto) alto para o sumo pontífice”. “*Edição*. O

Vaticano tentou neutralizar outra vez a controvérsia gerada pela declaração do papa favorável à excomunhão dos políticos mexicanos que votaram a favor do aborto. A transcrição da declaração do papa retirou a palavra ‘sim’ da resposta de Bento 16 à questão que gerou a polêmica. Outras modificações na transcrição fizeram a fala aproximar-se mais de uma questão geral. O porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi, afirmou que esse tipo de ‘edição’ ocorre sempre que o papa fala de improviso”. “*Confronto*. ‘Católicas/os praticam sexo por prazer, usam camisinha, apóiam a diversidade sexual e não condenam as mulheres que abortam. Quando mudará a hierarquia da igreja?’ A pergunta apareceu ontem em cartazes em diversas igrejas pelo país, inclusive a Catedral da Sé, onde o papa tem hoje um encontro com bispos”. “*Má idéia*. Católico, mas favorável ao aborto, o ex-prefeito de Nova York e pré-candidato à presidência dos EUA Rudolph Giuliani evitou comentar declarações do papa pelo ‘direito à vida’. ‘Eu não entro em discussões com o papa, não é uma boa idéia’, disse o político”. O chapéu “Diário de viagem” com o título “Peregrinos não chegam a tempo de ver o papa”, assinado por Fábio Guibu, encerra a cobertura da página com a ilustração de uma pequena foto legendada “Fiéis descansam na viagem”, mostrando pessoas dormindo no interior de um ônibus.

As págs. A10 e A11 formam um conjunto, dominadas pelo chapéu “A visita do papa”. A pág. A10 traz no topo um grande gráfico com o título “A cerimônia no Campo de Marte” e a linha fina “Bento 16 canoniza frei Galvão, que será o 1º santo nascido no Brasil”. O gráfico apresenta “Os deslocamentos do papa hoje”, “Como fica o trânsito”, indicações de localização no interior do evento com uma imagem ilustrativa de um plano geral do palco e dicas do que levar ou não para a maior programação agendada com o papa no Campo de Marte. Logo abaixo do gráfico, o título “Papa torna hoje frei

Galvão 1º santo do país” destaca-se com a linha fina “Contrariando o que anunciou em 2005, Bento 16 faz canonização fora de Roma; cerimônia será hoje no Campo de Marte” e o olho de abertura “De família rica, frei Galvão abdicou do luxo e seguiu vida religiosa, marcada por cura de enfermos por meio de pílulas de papel”. A reportagem, assinada por Daniela Tofoli, traz também um pequeno mapa da localização das cidades de Guaratinguetá e Aparecida no estado de São Paulo, e uma foto legendada “*Santo brasileiro*. Estátua de frei Galvão recém-inaugurada em Guaratinguetá (interior de SP); na véspera de sua canonização, só uma faixa na rua onde ele morava festejava o primeiro santo brasileiro”. Abaixo da foto, uma janela com o chapéu “Para o papa” e o intertítulo “Serra pede canonização de Irmã Dulce, ‘o anjo bom da Bahia’”. A pág. A11 traz várias imagens ilustrativas de frei Galvão e do evento da canonização. No topo à esquerda, o título “A missa de canonização” e a linha fina “Como deverá ser o ritual para tornar frei Galvão o primeiro santo nascido no Brasil” destacam cinco ilustrações sobre o rito da canonização. No centro da página, em impressão vertical, o título “Para virar santo” e a linha fina “A Igreja Católica reconhece a santidade após cumpridas quatro etapas” ilustram o processo de aprovação do candidato à canonização. Na última coluna à direita, a reportagem local assina uma entrevista intitulada “Jovem de 1º milagre pensou em ser freira”. A entrevistada, Daniela Cristina da Silva, foi testemunha do primeiro milagre de frei Galvão. Do centro para a esquerda da página, vê-se o título “Mosteiro da Luz distribui mais de 30 mil pílulas de frei Galvão ao dia” e a linha fina “Para atender a demanda, outros mosteiros foram autorizados a produzir os kits”, destacando notícia assinada por Carolina Chagas, em colaboração para a *Folha*. A matéria traz ainda uma pequena foto legendada “As pílulas de Frei Galvão”. No rodapé

da matéria, uma tarja azul convida “Saiba onde encontrar as pílulas >> [www.folha.com.br/071301](http://www.folha.com.br/071301)”.

A página A12, sob o chapéu “A visita do papa / análise”, traz um artigo assinado por Paulo Daniel Farah, em especial para a *Folha*, com o título “Retrocesso na conciliação inter-religiosa” e a linha fina “Encontro do papa Bento 16 com líderes de outras denominações cristãs e religiões monoteístas reflete poucos avanços”.

Sob o chapéu “A visita do papa”, a página A13 traz ao topo o título “Breve, ato inter-religioso frustra religiosos” com a linha fina “Participantes destacam, porém, que o encontro foi positivo por evidenciar a importância do ‘diálogo entre religiões’”. A notícia, assinada por Leandro Beguoci, traz como olho de abertura “Bento 16 cumprimentou um a um os 12 líderes presentes ao evento no mosteiro de São Bento e fez saudação que durou quatro minutos”. A página traz no centro uma grande propaganda do sabão em pó “Omo” com a marca da rede de supermercados “Carrefour”, que divide a notícia em duas partes, em cima e embaixo. Na parte de baixo, vê-se uma foto panorâmica mostrando vários líderes religiosos com uma legenda interna “Membros de diferentes crenças encontram Bento 16”. Acima da imagem, o título “Quem participou do encontro inter-religioso de ontem com Bento 16” e a linha fina “Evento deixou de fora representantes de outras religiões e movimentos”. Embaixo da foto, as indicações de quem é cada um dos participantes e detalhes históricos sobre sua denominação religiosa, representada por ele no evento. No canto direito da ilustração, um convite “Leia glossário com termos religiosos e da Igreja Católica em: [www.folha.com.br/071303](http://www.folha.com.br/071303)”.

A página A14 traz no topo a coluna Toda Mídia, assinada por Nelson de Sá, com o título “Acordo e o ‘tempo hábil’” comentando a repercussão da visita do papa no

ambiente midiático: “Na manchete da Folha Online e outros, ‘Lula evita acordo e diz ao papa que vai manter o Estado laico’. Do Globo Online ao ‘Jornal Nacional’, ‘Lula diz ao papa que crê em Estado laico’. No site da BBC Brasil, ‘Papa quer acordo entre Vaticano e Brasil até 2010’. Na versão da Agência Brasil, ‘o Vaticano esperava que a visita resultasse na assinatura de acordo, mas não houve tempo hábil’. A contraproposta do Brasil, ‘que ainda não foi avaliada’, segundo a agência, ‘não prevê nenhum tipo de privilégio à Igreja Católica’. O blog do Josias de Souza, no domingo, deu que o Brasil resistia ao Vaticano, que queria o compromisso de ‘pelo menos zelar para que não sejam introduzidas exceções’ à legislação que proíbe o aborto e de ‘tornar obrigatório o ensino de religião no sistema público’”. A coluna destaca ainda quatro tituleiras: “*Autocensurado*. Em sites do argentino ‘La nación’ ao inglês ‘Guardian’, o encontro entre Lula e o papa ecoou mais pelo fato de ambos não terem tratado de aborto. O enviado do ‘New York Times’, Ian Fischer, diz que ‘a viagem de Bento 16 foi ofuscada pela declaração sobre o aborto’ – a tal ponto, que o Vaticano se viu forçado ontem a distribuir uma versão autocensurada da entrevista do papa no avião. Retirou a resposta em que ele defendeu a excomunhão dos políticos como os mexicanos, que votaram pela liberação”. “*Silêncio Obsequioso*. Fischer lamentou que depois desse episódio o papa estaria propenso a não dar entrevistas coletivas por outros dois anos”. “*Giuliani e o aborto*. Na capa do ‘NYT’ de ontem, a foto da coletiva de Bento 16, com a notícia do ataque aos políticos que apóiam liberação, veio ao lado do título ‘Giuliani deve apoiar direito ao aborto’. O ex-prefeito de Nova York e presidenciável republicano, que é católico, ‘planeja uma afirmação clara de seu apoio ao direito ao aborto em aparições públicas, de TV e entrevistas, apesar do potencial efeito ruim entre eleitores conservadores’”. “*Não é boa idéia*’. Soou como uma resposta ao papa – embora, ouvido



ontem pela agência Associated Press, Giuliani tenha evitado abordar a ameaça de Bento 16, dizendo que ‘não é uma boa idéia entrar numa discussão com o papa’”. No centro da página, uma grande propaganda do sabão em pó “Omo” com a marca da rede de supermercados “Extra”. Abaixo da propaganda, o chapéu “A visita do papa”. À esquerda, Laura Mattos assina o título “Record, da Universal, defende o aborto na cobertura sobre o papa”, de notícia impressa em duas breves colunas. À direita, o chapéu “Multimídia” com o intertítulo “Aborto foi o principal assunto sobre a visita do papa Bento 16 ao Brasil”. Veem-se aí fotografias das capas de cinco jornais: New York Times, Clarín, El País, Le Monde e Diário de Notícias, com suas matérias de capa destacadas e comentadas na seção dedicada a cada jornal.

No caderno cotidiano, C2, Barbara Gancia assina o título “Milhares de guardachuvas falsificados”. A colunista conta possíveis situações inusitadas vividas por profissionais do jornalismo na cobertura da visita do papa. A crônica de Barbara Gancia traz como olho de abertura “Não pude ver quem era, ela estava de costas. Mas nem inclinar a cabeça, em sinal de respeito, a sirigaita inclinou”.

A página C4 traz ao centro o chapéu “Foco” com o título “Mulher indenizada por ficar grávida cogitou o aborto, mas desistiu por ‘fé’”. Vinícius Queiroz Galvão assina entrevista feita a Ildete Dias da Silva. A entrevista se destaca com uma foto legendada “Ildete Silva, indenizada após tomar pílula e engravidar”. Uma frase da entrevistada também é ressaltada em grandes aspas: “‘Quero comprar uma casa, que não tenho. Moro num barraco que dá até vergonha. Será que esse dinheiro vai demorar para sair?’ Ildete Dias da Silva, que receberá R\$60 mil da Justiça por engravidar após tomar pílula com defeito”. No canto esquerdo da página, um outro chapéu “Visita do papa” traz o título “Bancos abrem normalmente em São Paulo, menos na zona norte”.

O caderno ilustrada, E2, traz na coluna social de Mônica Bergamo, em primeiro plano uma foto legendada “O presidente Lula e a primeira-dama Marisa Letícia recebem o papa Bento 16, em Guarulhos”. Logo abaixo, o chapéu, em vermelho, destaca “Pílulas papais” com o título “Anel, bota e botox”, onde a colunista tece suas críticas de etiqueta sobre o papa e o casal anfitrião. No fim da página, Thiago Ney faz referência ao papa na primeira linha da sua crônica social intitulada “Emo esquema novo”, que traz como olho de abertura “Eles parecem ‘anormais, mas são normais’; é o que diz Jorge Bem Jor em sua homenagem aos emos”, com o lide: “O papa já chegou; o Al Gore está vindo; o Caetano, bravo com o *Folhateen*, faz show em São Paulo; na semana passada teve Skol Beats e Virada Cultural... Mas nada é mais assunto hoje do que Jorge Ben Jor. Ele está lançando disco. Chama ‘Recuerdos de Asunción 443’. Mas o legal não é o disco. O legal é uma das músicas que está no disco. A ‘emo’”.

A página E18 traz ao topo a coluna Outro Canal, assinada por Daniel Castro, com o título “Record proíbe chamar papa de ‘Santidade’”. A notícia, impressa em duas breves colunas, é ilustrada por uma foto legendada “*Cláudia Raia grava novela das sete*. Cláudia Raia grava cena de “Sete Pecados”, nova novela das sete da Globo, que estréia em 18 de junho; ela será líder de uma sociedade secreta que busca a imortalidade”.

Na página E19, José Simão assina sua crônica humorística com o título “O que? Papa canoniza o Galvão Bueno?” E o olho de abertura destaca: “E quem vai transmitir a canonização? O outro Galvão, o Urubueno. Vai que é tua frei Galvão!”

Sábado, 12 de maio, quarto dia da visita do papa ao Brasil. No topo da página, a manchete dispara “Papa ataca mídia, ‘seitas’ e divórcio” com a linha fina “Em discurso a bispos, Bento 16 pede empenho contra a perda de fiéis e alerta para ‘desvios sexuais’

no clero”. Uma grande foto que abrange do alto até mais da metade da capa traz a legenda “Com a imagem de frei Galvão ao fundo, o papa Bento 16 reza a missa de canonização do 1º santo brasileiro no Campo de Marte (SP)”. No alto da primeira coluna à esquerda da página, a tituleira “Frei Galvão é canonizado, e país ganha seu primeiro santo” chama para leitura na pág. A10. Na mesma coluna, abaixo, um gráfico ilustra com mapas, horário, locais e compromissos “O que Bento 16 faz hoje”. Na coluna à direita da página, em especial para a *Folha*, Ricardo Mariano assina o título “País é fértil para o crescimento de pentecostais”, com chamada de leitura para a pág. A15. Ainda na capa vê-se uma propaganda da campanha “Vote Cristo, ele é uma maravilha” para eleição do monumento carioca como uma das sete maravilhas do mundo.

No caderno opinião, a página A2 traz no topo a charge intitulada “Castidade”. A ilustração mostra o papa sentado, ladeado por dois cardeais, em frente ao povo, que pergunta: “Selinho pode?”, e o cardeal à direita do papa responde: “Só o comemorativo, da visita do papa!”, mostrando um selo de correios na mão. Abaixo, Plínio Fraga assina o artigo intitulado “A santidade e os pecados nossos”. Na seção Frases, o destaque “*Sem motivos*. ‘Tenham em conta que a ambição desmedida de riqueza e de poder leva à corrupção pessoal e alheia; não há motivos para fazer prevalecer as próprias aspirações humanas, sejam elas econômicas ou políticas, com a fraude e o engano’. Bento 16, condenando a busca da riqueza, ontem na *Folha*”.

A página A3, na coluna Tendências | Debates, traz o título “É correta a posição da Igreja Católica em relação ao aborto?”. A discussão vem ilustrada por uma arte gráfica que destaca uma grande seta preta apontando para uma mulher e três homens justapostos um ao lado do outro. Abaixo da arte, o chapéu “>> Não” traz o título “Em

defesa das liberdades laicas”, assinado por Roberto Arriada Lorea. Mais abaixo, o chapéu “>> Sim” destaca o título “Uma vida a ser defendida”, assinado por Geraldo Luiz Borges Hackmann. Na coluna Painel do Leitor, os destaques: “*Estado laico*. ‘Muito oportuno o editorial ‘Acordo sigiloso’ (*Opinião*, 10/5): devemos ser intransigentes na defesa do Estado laico. Trata-se de preceito constitucional que protege a democracia e preserva o país da intolerância religiosa, causa de tantos conflitos sociais do passado e do presente’. Carta assinada por ‘Ennio Candotti, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBC (São Paulo, SP)’. “*Papa na TV*. ‘Em referência à reportagem ‘Na guerra santa da TV, papa complica o trânsito na Record e vira festa na Globo’ (*Brasil*, 10/5), gostaria de dizer que, independentemente do credo dos acionistas e dos profissionais da TV Globo, a emissora está fazendo uma cobertura eminentemente jornalística da visita do papa, proporcional à sua importância no cenário internacional. No tom e no tamanho, tudo muito semelhante ao que a *Folha* está fazendo. Se deseja criticar o mau uso do noticiário de outra emissora por acreditar que ela tenha motivações religiosas, é injusto o jornal se valer da Globo para isso’. Carlos Henrique Schroder, diretor da Central Globo de Jornalismo (Rio de Janeiro, RJ)”.

A capa do caderno Brasil, A4, traz no topo uma foto do papa com duas crianças, legendada “Enzo (esq.), 7, cujo nascimento foi considerado pela igreja um milagre de frei Galvão, observa o papa, de quem recebeu a primeira comunhão”. Ao lado da foto, dois boxes destacam “*Mídia do Estado*. Lula diz que já avisou ao papa que a nova televisão pública será laica. Pág. A17”; “*Ricardo Mariano*. Pentecostalismo tem relação carnal com a pobreza. Pág. A15” e “*Paulo Daniel Farah*. Frei Galvão corresponde a visão ortodoxa da santidade. Pág. A9”. Uma tarja azul, interligando o conjunto no topo da página, traz “40 mil recebem o papa em Aparecida. Pág. A16”. Mais abaixo, o

chapéu “A visita do papa” destaca o título “Papa sobe tom, ataca a mídia e exige obediência e castidade” com a linha fina “Bento 16 canoniza frei Galvão e distribui ordens à cúpula da igreja e aos fiéis em SP”. A cobertura, da reportagem local, traz ao centro uma grande foto legendada “Religiosos cantam durante encontro do papa Bento 16 com bispos brasileiros, ontem, na catedral da Sé, no centro de São Paulo”. Abaixo da foto, o título “Bento 16 alerta bispos sobre ‘desvios’ sexuais”, com uma frase destacada do texto em grandes aspas: ““Um bom e assíduo acompanhamento espiritual é indispensável para favorecer o amadurecimento humano e evita o risco de desvios no campo da sexualidade... Tende sempre presente que o celibato sacerdotal é um dom ‘que a igreja recebeu e quer guardar’. Papa Bento 16””. Uma tarja azul no rodapé da página faz o convite “Leia a íntegra do discurso de Bento 16 >> [www.folha.com.br/071312](http://www.folha.com.br/071312)”. Na coluna Painel, os destaques: “*Proficiente 1.* Autoridades presentes à missa de ontem no Campo de Marte consideraram mais fácil de entender a pronúncia do alemão Joseph Ratzinger que a do cardeal português José Saraiva Martins, chefe da Congregação para as Causas dos Santos”. “*Proficiente 2.* Um senador chegou a afirmar que a habilidade demonstrada pelo papa no manejo do idioma é ‘coisa do Espírito Santo’”.

A página A6 traz ao topo o chapéu “A visita do papa” e abre-se com uma grande foto legendada “Bento 16 reza em encontro com bispos brasileiros na catedral da Sé; a última reunião de religiosos da CNBB com um papa tinha sido em 80, com João Paulo 2º ”. Na primeira coluna da página, à esquerda da foto, em tarja vertical azul, abrem-se grandes aspas: ““No seio da igreja, quando o valor do compromisso sacerdotal é questionado (...), dando-se preferência às questões ideológicas, (...) a estrutura da consagração total a Deus começa a perder o seu significado mais profundo... As pessoas

mais vulneráveis ao proselitismo agressivo das seitas (...) e incapazes de resistir às investidas do agnosticismo, do relativismo e do laicismo são geralmente os batizados não suficientemente evangelizados’. Trechos do discurso do papa”. Abaixo desta coluna, quatro artes gráficas ilustram o box “A *hierarquia*. Quem é quem na igreja”, apresentando a função que corresponde ao papa, aos cardeais, ao arcebispo e ao bispo. Abaixo da grande foto, assinado por Leandro Beguoci e Elvira Lobato, lê-se o título “Papa condena ‘ferida do divórcio’, reage às ‘seitas’ e enquadra CNBB” com a linha fina “Ao se reunir com bispos brasileiros na catedral da Sé, Bento 16 diz que fé deve preceder ação social da igreja” e o olho de abertura “Pontífice pede aos bispos que defendam valores morais caros à igreja, como castidade e o casamento, e atacou a pressão pró-aborto”. A reportagem faz ainda um destaque em grandes aspas: “‘Ataca-se impunemente a santidade do matrimônio e da família. (...) Justificam-se alguns crimes contra a vida em nome dos direitos da liberdade individual; (...) alastra-se a ferida do divórcio e das uniões livres’. Trechos do discurso feito na Sé”.

A página A7, sob o chapéu “A visita do papa”, traz o título “Em discurso contundente, papa resume sua agenda doutrinária” e a linha fina “Pronunciamento na Sé reafirma valores tradicionais e admite evasão de fiéis”. A análise especial para a *Folha*, assinada por Paulo Daniel Farah, vem ilustrada por uma foto vertical mostrando o papa descendo as escadarias da Sé rumo ao papamóvel, com a legenda “Papa Bento 16 depois de se reunir com bispos na catedral da Sé”. Na última coluna da página, à direita, Antonio Góis, da sucursal do Rio, assina a notícia intitulada “Temporão diz que recebeu um ‘puxão de orelha’ da mãe”, com a linha fina “Ministro nega que Lula tenha pedido silêncio sobre aborto”.

Na pág. A8, sob o chapéu “A visita do papa”, uma grande foto em plano horizontal abrangendo toda a extensão da mancha da página traz a legenda “Cerca de 800 mil pessoas, de acordo com a Polícia Militar, acompanham a missa de canonização de frei Galvão, celebrada pelo papa Bento 16 no Campo de Marte, região norte de São Paulo, ontem”. Abaixo da foto, o título “Papa pede ‘não’ à mídia contra virgindade” com a linha fina “Ao canonizar frei Galvão, Bento 16 faz ataque aos meios de comunicação que ‘ridicularizam a santidade do matrimônio’” e o olho de abertura “Pontífice faz crítica ao hedonismo e, em alusão à Teologia da Libertação, diz que a revolução vem ‘só dos santos’ e de Deus”. A reportagem, assinada por Mario Cesar Carvalho e Leandro Beguoci, traz ao centro dois destaques. O primeiro, intitulado “As grandes missas de um papa no Brasil: os maiores públicos com João Paulo 2º no país”, mostra três fotografias de grandes eventos realizados com João Paulo 2º nas datas de “1.jul.1980”, “14.out.1991” e “5.out.1997”. O segundo destaque vem assinado por Rafael Targino, Silas Martín e Willian Vieira, em colaboração especial para a *Folha*, com o título “Crítica mira TV grosseira, dizem pesquisadores”. No rodapé da matéria, uma tarja azul convida “Leia a íntegra da homilia do papa >> [www.folha.com.br/071313](http://www.folha.com.br/071313)”.

A página A9, com o chapéu “A visita do papa / artigo”, traz um especial para a *Folha* assinado por Paulo Daniel Farah com o título “A busca da santidade” e a linha fina “Missão para todos os católicos, canonização enfatiza relevância de santo brasileiro”. Ao lado do artigo, uma grande foto em plano vertical mostra mão de fiel envolta em dois terços e segurando uma imagem, com a legenda “*Frei Galvão*. Fiel com imagem de frei Galvão no Campo de Marte; fábrica de Guaratinguetá, interior de SP,

vende 300 imagens do frade por semana; há um ano as fôrmas estavam guardadas e sem uso”.

A página A10 traz no topo o chapéu “A visita do papa” com o título “Papa declara frei Galvão 1º santo brasileiro” e a linha fina “Dia de Santo Antonio de Sant’Anna Galvão é marcado para 25 de outubro, data em que o frade foi beatificado por João Paulo 2º ”. Assinada por Daniela Tofoli, a reportagem exhibe como olho de abertura “Personagens envolvidos nos episódios considerados milagres pelo Vaticano comparecem ao Campo de Marte para a cerimônia”. No centro da matéria, abre-se um grande box ilustrativo recheado de imagens com o chapéu “A canonização” e o intertítulo “Como foi o ritual no Campo de Marte”. O conjunto consta de cinco fotos que retratam os momentos da “chegada”, “início da cerimônia”, “canonização”, “novo santo” e “altar da canonização”. Uma das fotos traz a legenda “Enzo, 7, cujo nascimento é tido pela igreja como milagre, recebe beijo do papa”. A foto maior do “altar da canonização” traz destaques que ressaltam os detalhes do ambiente celebrativo e sua importância litúrgica. Na última coluna à direita da página, vê-se o chapéu “Diário de viagem” com uma foto legendada “Romeiros assistem a missa” e logo abaixo o título “Peregrinos de PE chegam a SP após 57h de viagem”, em nota assinada por Fábio Guibu.

Na página A11, o chapéu “A visita do papa” traz ao topo o título “Frio e fome levam mais de 200 pessoas aos postos de saúde” com a linha fina “Maioria das pessoas apresentava sintomas de hipoglicemia e hipotermia; vigília de madrugada, sob frio de 11,4º C, foi principal causa”, em notícia assinada por Deborah Giannini e Paulo Sampaio. Na primeira coluna à esquerda da página, uma seção de notas intitulada “Pílulas”, traz os destaques: “*Novo lar*. O Convento de Santo Antonio, no Rio, onde frei



Galvão foi ordenado franciscano e realizou a primeira missa, vai ganhar um espaço dedicado a ele. O projeto, que pode resultar em uma capela ou um altar, depende de aprovação final. No momento, a prioridade é a reforma total do convento, que teve financiamento de R\$38 milhões de órgãos públicos. Em estilo barroco, o convento começou a ser construído em 1608”. “*Excluído*. Um dos principais personagens religiosos do Nordeste, padre Cícero (1844-1934) está longe de se tornar santo para a Igreja Católica. Ela suspendeu, ainda em vida, as ordens – o direito de exercer atribuições como dar a comunhão – do padre Cícero. Isso porque a igreja rejeitou o que ele considerava milagre: a transformação, em sangue, de hóstias que ele entregava à beata Maria de Araújo. Está em andamento, porém, um processo para reabilitá-lo”. “*Seita*. O ‘Jornal Nacional’, da Globo, assim como fez Bento 16, referiu-se à religião evangélica como ‘seita’. O tratamento se deu em reportagem sobre a preocupação do papa em reforçar missões católicas em busca de fiéis. ‘As seitas hoje não mais preocupam este cardeal emérito de Minas Gerais’, disse a repórter Ilze Scamparini em entrevista com D. Serafim Fernandes Araújo”. “*Honoris causa*. O papa Bento 16 recebeu, em audiência reservada no mosteiro de São Bento, o título de ‘acadêmico honoris causa’ da Academia Paulista de Letras. Entregaram o diploma o presidente da entidade, Renato Nalini, e os acadêmicos Ives Gandra Martins, Antonio Ermírio de Moraes e Crodovaldo Pavan”.

A página A14 destaca ao topo o título “Após oito anos, freiras deixam mosteiro” com a linha fina “Carmelitas enclausuradas, que hospedaram irmãos de outras cidades, estavam ansiosas com a canonização e só dormiram às 2h”. Carolina Chagas assina a notícia, que traz como olho de abertura “Religiosa levou ao altar uma das relíquias de frei Galvão bentas pelo papa, uma cruz incrustada em cristal com um pedaço do osso do

frade”, ilustrada por uma foto com a legenda “Freiras voltam ao mosteiro da Luz após missa de frei Galvão”. Ao lado, nas duas últimas colunas à direita da página, vê-se uma nota assinada por Fabiane Leite, da Revista da Folha, e Clara Fagundes, em colaboração para a Folha, com o título “Comércio faz de papa estampa de ‘baby look’”.

A página A15, sob o chapéu “A visita do papa / artigo”, destaca ao topo o título “A opção preferencial dos pobres” com a linha fina “Brasil vira terreno fértil para expansão dos neopentecostais e declínio católico”. O artigo, assinado por Ricardo Mariano, em especial para a Folha, traz ao centro uma foto legendada “*Sem papa*. Maria Ubaldina da Silva, 69, na frente da Igreja Deus é Amor, na região central de SP; evangélica, ela não sabia que o papa não era mais João Paulo 2º; ‘Na igreja, ninguém fala dele’, afirma”.

A página A16, sob o chapéu “A visita do papa”, estampa no alto uma foto legendada “Papa Bento 16 deixa a capital paulista, em helicóptero da FAB, em direção a Aparecida (SP)”. Logo abaixo da foto, o título “Aparecida recebe papa com multidão nas ruas e lei seca” e a linha fina “Bento 16 recebe chaves da cidade e percorre de papamóvel o trajeto da basílica ao seminário onde ficará hospedado”. Assinada por Fábio Amato, da Agência Folha em Aparecida, e Guilherme Campos, da Folha Ribeirão em São Paulo, a reportagem destaca como olho de abertura “Na despedida do mosteiro de São Bento, o papa reúne cerca de 40 mil pessoas, diz a PM; do papamóvel, ele acenou com a janela aberta”. No centro da matéria, uma janela com o chapéu “Memória” e o intertítulo “Seminário abrigou o papa João Paulo 2º em 1980”. À direita da matéria, um grande gráfico ilustrativo traz o título “Em Aparecida: como chegar à cidade onde estará o papa até domingo, quando volta a Roma”. A ilustração é proporcional ao tamanho da matéria, abrangendo a quase totalidade da página, e contém

informações completas e detalhadas com imagens, escalas, mapas, horários, locais, eventos e até valores de pedágio para os que vão participar do encontro com o papa em Aparecida.

A página A17 imprime no canto esquerdo ao alto uma foto legendada “O presidente Lula discursa no encerramento do Fórum Nacional de TVs Públicas, em Brasília”. Ao lado direito da foto, o título “Lula afirma que já avisou o papa de que TV pública será laica” e a linha fina “Presidente critica emissoras de TV abertas por não darem espaço a temas importantes, como o aborto e o biodiesel”. Assinada por Eduardo Scolese, da Sucursal de Brasília, a notícia destaca como olho de abertura “Beneficiados terão 90 dias para demonstrar que não excedem o limite de renda do programa ou terão os seus benefícios cancelados”. Na parte inferior da página, o chapéu “Multimídia” e o intertítulo “A canonização de frei Galvão nos principais jornais” destacam as notícias internacionais: “*The New York Times*. EUA. Destaca que frei Galvão é o 10º santo canonizado por Bento 16, mas o primeiro fora do Vaticano. Diz que a viagem ‘se concentrou em reforçar as doutrinas da igreja sobre aborto, moral sexual e eutanásia’”. “*Times online*. Reino Unido. A canonização do primeiro santo brasileiro foi capa do Times online. Ressalta a importância do fato na primeira visita de Bento 16 à América Latina. Fala do encontro do papa com Lula e da proposta de concordata”. “*El País*. Espanha. O diário usou como título a seguinte frase de Bento 16: ‘O mundo necessita de almas claras que não aceitem ser consideradas objetos de prazer’. Destaca o fato de Lula ter reafirmado compromisso com Estado laico”. “*Clarín.com*. Argentina. A manchete foi ‘Papa critica meios de comunicação que ridicularizam a virgindade antes do casamento’. Ressaltou a frase de Bento 16 de que o novo santo é um exemplo contra o hedonismo”. “*Le monde*. França. Jornal destacou o ritual clássico de canonização do

frade por Bento 16. ‘No tempo de João Paulo 2º, as celebrações que presidia contavam com danças e cantos de culturas autóctones’”. “*Diário de Notícias*. Portugal. Tratou da proposta de Bento 16 a Lula de uma concordata, acordo sobre ensino religioso na rede pública e isenção fiscal para paróquias. Diz que o papa desconhecia o programa Fome Zero, mas o elogiou”. “*Corriere della Sera*. Itália. Com foto na primeira página, o jornal afirma que o papa pediu aos fiéis que ‘não ridicularizem o matrimônio’. Trata também do apelo para que o novo santo brasileiro sirva de exemplo para a sociedade”. “*El Mercurio*. Chile. Com o título ‘Papa pede que jovens latino-americanos sejam apóstolos cristãos’, o diário chileno afirma que um ‘jovial’ Bento 16 foi aclamado em São Paulo”.

Uma propaganda perpassou o rodapé dos vários cadernos de editoria impressos neste primeiro caderno gráfico do jornal. Em estilo clássico, com formato de seta. No sentido horário, ela aparece na pág. A6 com a frase “Ninguém escapa da beleza”, depois na pág. A8 “Ninguém escapa da verdade”, e na A10 “Ninguém escapa da sedução”. Nas páginas A14 e A15 ela se constitui num grande banner que ocupa mais de 50% de ambas as páginas, onde se lê “Não importa de onde você vem, ninguém escapa da Eterna Magia” e “Estréia nesta segunda a nova novela das seis. Essa história vai encantar você. Novela de Elizabeth Jhin. Supervisão de Texto de Sílvio de Abreu. Direção Geral de Ulysses Cruz. Direção de Núcleo de Carlos Manga”. No rodapé da propaganda, assinada pela Rede Globo de Televisão, uma foto panorâmica com vários atores interpretando as personagens da novela. Na pág. A16, a seta se vira em sentido anti-horário com a frase “Ninguém escapa do amor”, na pág. A18 “Ninguém escapa do destino” e na pág. A20 “Ninguém escapa da paixão”. Note-se que o estilo clássico utilizado na arte da seta e das fontes das frases, as palavras “beleza”, “verdade” e “amor” são concepções de fundo religioso que se acentuam com a atmosfera da visita

do papa. Inclusive os termos “beleza”, “verdade” e “amor” são conteúdos de reflexão do papa em seus discursos, que empregados na propaganda aguçam a curiosidade do leitor por descobrir do que se trata<sup>12</sup>.

No caderno ilustrada, pág. E2, na coluna social de Mônica Bergamo, a tituleira “Em nome do pai” destaca que “A tarde de visitas ao papa, no mosteiro de São Bento, na quinta-feira, também foi uma festa. O prefeito Gilberto Kassab levou o pai, Pedro, para ver de perto o santo padre. No grupo, estavam ainda o ex-governador Cláudio Lembo e o secretário municipal Clóvis Carvalho”. Na seção Outro Canal, assinada por Daniel Castro, pág. E16, vê-se o título da nota principal da seção “Só a Globo ganha audiência com o papa”, e a tituleira “Desclassificação” ressaltando que “Quem sintonizou a Globo quinta-feira, às 15h20, no meio da cobertura da visita do papa ao Brasil, se deparou com um festival de gente pelada. Eram cenas de uma festa do cabide na novela ‘Da cor do pecado’. As partes íntimas dos atores eram cobertas apenas por pequenas flores de computação gráfica”. A página E17 traz a crônica humorística de José Simão intitulada “Buemba! Tá lançada a dieta do papa!”, com o olho de abertura “O papa ser contra o sexo no matrimônio, eu até concordo, mas fora já é demais! Rarárá!”. A crônica traz uma ilustração psicodélica do papa soltando raios vermelhos das mãos e orelhas negras.

O caderno especial “Folhinha – um jornal a serviço da criança” traz, na pág. +2, com o chapéu “Religião”, uma reportagem especial para a *Folha* assinada por Paulo Daniel Farah intitulada “Quem é o papa?” com a linha fina “O pontífice, considerado o guardião da unidade da Igreja Católica, é ‘pai de todos os cristãos’”. A matéria traz uma foto com a legenda “O papa Bento 16 acena para o público no primeiro dia de sua visita

---

<sup>12</sup> Essa propaganda volta a ocorrer, nos mesmos moldes, na publicação da segunda-feira, 14 de maio, também no caderno brasil, págs. A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A14.

ao Brasil”. Logo abaixo uma nota intitulada “Por que ele veio ao Brasil?”. Ao lado, com o título “Mosteiro de São Bento”, um box traz imagem ilustrativa do conjunto arquitetônico do mosteiro e apresenta algumas dicas do que fazer no mosteiro.

Domingo, 13 de maio, quinto e último dia da primeira visita do papa Bento XVI ao Brasil. A manchete emplaca “Tráfico deve explicação a Deus, diz papa” com a linha fina “Em encontro com dependentes, Bento 16 afirma que a solução para as drogas está na obediência à igreja”. A foto de capa traz a legenda “O papa Bento 16 cumprimenta fiéis na Fazenda da Esperança, centro de reabilitação de dependentes químicos em Guaratinguetá”. Ao lado, uma chamada para a pág. A4 traz o título “Debate opõe Bento 16 e progressistas”. Abaixo, duas tituleiras indicando artigos produzidos em especial para a *Folha* trazem respectivamente “Encontro do papa com os jovens revelou sintonia”, assinada por Dom João Carlos Petrini, com chamada para a pág. A13, e “Bento 16 opta pelo confronto com a modernidade”, assinada por Leonardo Boff, com chamada para a pág. A12. Um box ao centro da capa ilustra a jornada do papa “O que Bento 16 faz hoje”. Ainda na capa, a chamada dos editoriais destaca “Leia ‘Bento 16 no Brasil’”.

No caderno opinião, pág. A2, a tradicional charge traz no alto dois quadros e ilustra no primeiro o papa no seu veículo confortável em velocidade com a palavra “Papamóvel” e no segundo um ônibus superlotado de passageiros que se agarram pelas portas, janelas e teto do veículo com a palavra “Povomóvel”. Abaixo das caricaturas, Valdo Cruz assina o artigo “O milagre virá?”, Carlos Heitor Cony assina “Excomunhão supérflua” e Antônio Ermírio de Moraes assina “A comovente visita”. Na seção Frases, o destaque “*Mídia Religiosa*. ‘É preciso dizer não àqueles meios de comunicação social que ridicularizam a santidade do matrimônio e a virgindade antes do casamento’”. Bento

16 na missa de Campo de Marte, ontem na *Folha*”. Na pág. A3, no Painel do Leitor, os destaques “*Papa*. ‘No artigo ‘A resistência a Ratzinger’ (*Brasil*, 10/5), Luiz Felipe Pondé é o intelectual de palavra sofisticada que, de forma velada, vai contra o Concílio Vaticano 2º e a Teologia da Libertação e, sobretudo, desconhece (ou relativiza) os gritos da periferia do mundo’. José Roberval Freire da Silva (São Paulo, SP)”. “*Aborto*. ‘Elogiável sobre todos os aspectos o posicionamento do senhor ministro da Saúde sobre a questão do aborto. Tratou o assunto de forma pragmática e séria, como membro lúcido de um governo que não tem feito muito em relação às promessas feitas à população. Não há dúvida de que a decadência da Igreja Católica se deve ao seu posicionamento sobre este e outros assuntos que afetam as pessoas de baixa renda, pois os padres, bispos e cardeais não põem a ‘mão na massa’ para orientar/evitar que pais/mães tenham crianças grávidas dentro de casa, o que cria sério problema social’. Paulo Emanuel Soares (Rio de Janeiro, RJ)”.

A capa do caderno Brasil, pág. A4, traz ao topo uma foto da torre do Santuário Basílica Nacional de Aparecida com a legenda “Helicópteros fazem a segurança da Basílica de Aparecida”. No interior da foto, a chamada “*Em Aparecida*. Com missa às 10h, Bento 16 cumpre último dia da visita ao país. Pág. A10”. Ao lado da foto, dois boxes. O primeiro traz “*Futuro católico*. Conferência que começa hoje opõe visões do papa e de latinos sobre a igreja. Pág. A8”. O segundo destaca: “*Leonardo Boff*. Ratzinger pende pela opção do confronto, não do diálogo. Pág. A12”, e “*Dom João Carlos Petrini*. Foi impressionante o diálogo entre os jovens e o papa. Pág. A13”. Logo abaixo, o chapéu da página “A visita do papa” destaca o título “Traficantes vão ter que se explicar a Deus, diz Bento 16” com a linha fina “Papa pede ‘aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando’” e o olho de abertura “Recebido por

cerca de 6.000 pessoas em Guaratinguetá, pontífice ouve relatos de jovens internos de fazenda para tratamento de viciados”. Assinada por Laura Capriglione e Leandro Beguoci, a notícia estampa uma grande foto legendada “Papa Bento 16 cumprimenta fiéis na Fazenda da Esperança, em Guaratinguetá, na manhã de ontem”. Ao centro da matéria, uma janela com o chapéu “Visita” e o intertítulo “Fazenda recupera 8 de 10 dependentes internados”. Em destaque também uma frase em grandes aspas: “O mal provocado [pelos traficantes] recebe a mesma reprovação dada por Jesus aos que escandalizavam os pequeninos, os preferidos de Deus... Deus vai-lhes exigir satisfações. A dignidade humana não pode ser espezinhada desta maneira. Papa Bento 16”. Uma indicação convida “Leia mais A8 e A14”. No rodapé da página, outro convite “Leia a íntegra do discurso do papa >> [www.folha.com.br/071322](http://www.folha.com.br/071322)”. Ainda na pág. A4, na coluna Painel, assinada por Renata Lo Prete, destaca “*Água e óleo*. ‘O papa gostaria de transformar o Brasil num Irã católico’. A frase, dita por um assessor direto de Lula, dá a medida do que pensa o entorno do presidente sobre itens da agenda de Bento 16 como a reivindicação de ensino religioso obrigatório nas escolas públicas do país”.

A página A8 traz ao topo o chapéu “A visita do papa” e abre-se com uma foto legendada “Vista da Fazenda da Esperança, em Guaratinguetá, onde missa reuniu cerca de 6.000 pessoas”. A foto ilustra a reportagem de Rafael Cariello intitulada “Igrejas do papa e da América Latina se opõem em encontro” com a linha fina “Em Aparecida, conferência discute a partir de hoje se região mantém foco político e social, intervindo em defesa de minorias” e o olho de abertura “Bispos vão disputar entre tradição da AL e ‘pauta’ do papa, com ênfase na defesa de valores morais em temas como o aborto e a família”. A reportagem traz um gráfico ilustrativo com o chapéu “A igreja reunida” e o intertítulo “Começa hoje a 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do



Caribe”. O gráfico mostra detalhes do evento e dos outros encontros desse nível já realizados: “1955, Rio de Janeiro, papa Pio 12”; “1968, Medellín (Colômbia), papa Paulo 6º”; “1978, Puebla (México), papa João Paulo 2º” e “1992, Santo Domingo (R. Dominicana), papa João Paulo 2º”. Na coluna Ombudsman, assinada por Mário Magalhães, o destaque de uma foto legendada “Papa Bento 16 acena da sacada do mosteiro de São Bento” que ilustra uma nota intitulada “Sóbria, cobertura escapa ao oba-oba”. O texto da crítica declara: “‘A Folha pareceu nos últimos anos se sair bem na maioria das ‘grandes coberturas’ e deixar a desejar no noticiário do dia-a-dia’. Foi o que comentei na crítica diária da segunda-feira, distribuída à Redação e acessível sem restrições aos leitores na Folha Online ([www.folha.com.br/ombudsman](http://www.folha.com.br/ombudsman)). Era o prólogo para elogiar o inspirado caderno de domingo sobre religião. O jornal já tinha ido bem nos meses que antecederam a visita do papa Bento 16, com os repórteres Rafael Cariello e Leandro Beguoci empenhados em acompanhar a Igreja Católica. Eles anteciparam a escolha de dom Odilo Scherer para arcebispo de São Paulo. Além das revelações exclusivas, como o acordo que o Vaticano busca com o Brasil, houve um mérito especial: manter a sobriedade em um noticiário sensível. Assim como o Estado é laico, o jornal deve exercer a independência em relação à igreja –que já tem o seu diário, ‘L’Osservatore Romano’. A ‘grande cobertura’ fugiu ao oba-oba, porém teve tropeços (aponto-os nas críticas na internet)<sup>13</sup>. Na sexta, dava a impressão de overdose informativa, mas sem comprometer o bom trabalho jornalístico. A Folha deveria retomar a cobertura sistemática de religião –de todas elas”.

Na pág. A9, Janio de Freitas assina a crítica intitulada “O maior país de festas”, destacando como olho de abertura “Tudo no Brasil há de ser festivo, ou não acontece.

---

<sup>13</sup> As críticas foram localizadas na internet, no endereço: “<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/criticadiaria/ult10000u300622.shtml>”. Estão copiadas e fazem parte do corpus anexo.

Porque festa é o que importa. Os brasileiros têm a ressaca que merecem”. O lide tropeja “As tantas citações, nos últimos dias, do Brasil como ‘o maior país católico do mundo’ perderam, mais uma vez, a oportunidade do acréscimo necessário: o maior país de católicos que não praticam o catolicismo. Os praticantes de fato são em número que, mesmo sem considerarmos a imensidão populacional brasileira, não leva grande vantagem sobre outros países também ditos católicos”. Abaixo da crítica, o chapéu “A visita do papa” com o título “37 mil acompanham oração em Aparecida” e a linha fina “Alguns religiosos não conseguiram entrar na basílica; papa indicou preocupação com formação do clero”. Assinada por Elvira Lobato com a colaboração de Daniela Tofoli, Verena Fornetti, Silas Martí e Willian Vieira, a notícia traz duas fotos. A primeira, com a legenda “Papa reza na basílica de Aparecida, no início da noite de ontem”. A segunda foto vem legendada “Rosário nas mãos de Bento 16”.

A página A10, sob o chapéu “A visita do papa”, destaca o título “Fiéis chegam de madrugada para ver missa em Aparecida” com a linha fina “Grupo de chilenos que também viu o papa em São Paulo foi o primeiro a chegar” e o olho de abertura “41 gaúchas de movimento católico se revezam na fila: ‘Enquanto umas passeiam, outras guardam o lugar’, afirma Bruna Boemo, 19”. A notícia, assinada por Fábio Amato e Rafael Targino, traz ao lado um grande gráfico com o chapéu “Missa em Aparecida” e o intertítulo “Veja a programação do papa no último dia de sua visita ao Brasil”. A arte gráfica consta de ilustrações do “Palco da missa em Aparecida”, “A missa na TV”, “Agenda”, mapas, horários, trajetos, localizações, eventos, clima e dispositivos de comunicação.

As páginas A12 e A13 formam um conjunto sob o chapéu “A visita do papa / opinião”, trazendo ao centro, no alto, uma foto legendada “Padres usam panfleto de

Bento 16 e frei Galvão para se proteger do sol em missa de canonização do frade no Campo de Marte anteontem”.

À esquerda da foto, na pág. A12, vê-se o artigo assinado por Leonardo Boff com o título “Bento 16 e a guerra na igreja” e a linha fina “Existem duas posições claramente opostas que, na prática, podem se entrelaçar”. Abaixo, uma breve coluna de notas intitulada “Pílulas” traz uma foto legendada “Fiéis guardam lugar no santuário para assistir a missa do papa” e os destaques: “*Fim de festa.* Um homem não-identificado, aparentando estar embriagado, pulou o cercado de segurança que protegia o mosteiro de São Bento, na madrugada de ontem, e tentou abrir a porta. Ele dizia querer falar com o papa Bento 16, que deixou o local anteontem. Segundo pessoas que estavam no local, o homem gritava que, se o papa fosse tão ‘poderoso assim, não precisaria de tantos seguranças’. Agentes que protegiam o mosteiro chamaram a polícia, mas ele deixou o local”. “*Presentes.* O mosteiro reservou um quarto para os presentes dados ao papa nos últimos dias. Bento 16 recebeu cartas, livros antigos, terços, crucifixos e até uma maquete do próprio mosteiro”. “*Pedaladas.* O pintor Eremildo Vicente da Silva, 36, andou 16 dias de bicicleta de Taguatinga (DF) até Aparecida, onde chegou anteontem, para ver o papa –um trajeto de cerca de 1.100 km, em que dormiu em postos de gasolina e comeu o que lhe ofereceram. ‘Vim pedir a Deus e Nossa Senhora para me iluminar e me ajudar a arrumar um emprego’, disse. Sua estadia, porém, será curta. Silva, que perdeu cinco quilos na jornada, retorna hoje à sua cidade, pois não tem onde dormir”. “*Beija mão.* No almoço ontem de Bento 16 com os bispos do Celam, os garçons e cozinheiros fizeram fila para beijar o anel do pontífice, que retribuiu com um agradecimento pela refeição”.

À direita da foto, na pág. A13, vê-se o artigo assinado por Dom João Carlos Petrini com o título “Papa comove multidões” e a linha fina “Bento 16 mostra sintonia com jovens, ao apresentar aspirações e preocupações”. Uma foto ilustra esse artigo com a legenda “Fiéis saúdam o papa durante visita à Fazenda da Esperança”. Logo abaixo, Laura Mattos assina a notícia intitulada “Record após aborto, e Universal doa camisinha”. Ao lado do texto da notícia, uma foto legendada “*Ponto turístico*. Operários desmontam parte da estrutura do mosteiro de São Bento, de onde o papa abençoou os fiéis. A cabine, porém, foi mantida a pedido de fiéis, que continuam tirando fotos no local”.

A página A14, sob o chapéu “A visita do papa / artigo”, vê-se o título “Centralização de poderes” e a linha fina “Discurso de Bento 16 na conferência delineará diretrizes de debates em Aparecida”, em artigo assinado por Paulo Daniel Farah.

A página A22 é, em plano integral, uma propaganda assinada pela empresa “Coelho da Fonseca Private Brokers” que retrata, a partir de vários rostos femininos, a imagem coroada de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A imagem vem estampada em fundo azul petróleo com o slogan “Nada melhor que a mãe de todos nós para homenagear todas as mães e futuras mães neste domingo tão especial, em que seu filho mais ilustre, o Papa Bento XVI, visita nossa casa”. Na pág. A23, uma nota da redação destaca como título “Protesto contra plano de união civil atrai 250 mil em Roma” com a linha fina “Projeto do governo socialista dá direitos a casais não-casados, inclusive gays”.

O caderno mais! traz na capa o título “Invenção da fé” com as chamadas “Em entrevistas exclusivas: Paul Veyne fala da massificação do cristianismo na Roma antiga;

Ronald Numbers diz que o criacionismo se expande em todo o mundo; Jacques Bouveresse discute a fronteira entre fé e ciência”. Três fotos ilustram a capa do caderno. A maior mostra mão de fiel segurando uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e um terço, com a legenda “Fiéis são abençoados por Bento 16 diante do mosteiro de São Bento, em SP; no alto, rezam enquanto aguardam o papa no estádio do Pacaembu”. Na pág. 2, na seção “Os dez +. Uma seleção de livros e eventos culturais indicados pelo caderno”, vê-se o quadro “+ História: os Templários. O historiador Alain Demurger, especialista em cruzadas e ordens religiosas e militares na Idade Média, estuda a Ordem do Templo desde a sua criação, no século 12, até sua extinção, em 1312, como bode expiatório do conflito entre poder espiritual e Estado. Trad. Karina Jannini. Difel (tel.0/xx/21/2585-2070). 686 págs., R\$85”. Uma grande imagem abre a impressão da página 4 com a legenda “‘O sonho de Constantino da Lenda da Verdadeira Cruz’ (c. 1390), afresco de Agnolo Gaddi realizado na basílica de Santa Croce, em Florença (Itália)”. Abaixo imprime-se o título “Das catacumbas para as massas” e uma frase em destaque “Sem o imperador Constantino, que adotou e financiou o cristianismo no séc. 4º, religião não teria passado de ‘seita de vanguarda’, diz Paul Veyne”. Marcos Strecker assina pela redação os créditos do historiador Paul Veyne e a entrevista com ele realizada, e uma nota intitulada “Paul Veyne aproximou a história da ficção”. Na pág. 5, imprime-se ao alto o título “Seleção natural” com a frase em destaque “Principal historiador do criacionismo, Ronald Numbers diz que movimento cresce em todo o mundo e fala também da exposição sobre Darwin em SP”. A entrevista, assinada por Ernane Guimarães Neto, pela redação, traz uma grande foto com a legenda “Membro da equipe do Museu de História Natural de Nova York trabalha na montagem da exposição ‘Darwin’, em SP” e também uma nota intitulada “Mostra no MASP exhibe objetos e

manuscritos de Charles Darwin”. A pág. 6 traz ao alto uma grande foto com a legenda “Estátua da Virgem de Guadalupe é exibida em igreja de Tijuana, no México”. Ao lado da foto, uma frase em destaque “Em ‘Podemos Não Crer?’, o filósofo Jacques Bouveresse defende que a ‘religião da divindade’ irá perder cada vez mais espaço para a ‘religião da humanidade’”. Abaixo da foto, o título “Um outro mundo é possível” refere-se à entrevista assinada por Leneide Duarte-Plon, em colaboração para a Folha, de Paris. A redação assina uma nota intitulada “Wittgenstein e Robert Musil são referências para o filósofo francês”. Na pág. 8, sob o chapéu “autores”, uma foto com a legenda “O filósofo Jürgen Habermas e o então cardeal Joseph Ratzinger em encontro na Academia Católica da Baviera, em 2004” ilustra a crítica assinada por Luiz Costa Lima, colunista da Folha, com o título “Sob o domínio da imagem” e a linha fina “Especializado em reduzir idéias a frases curtas, o intelectual se converteu em ‘mais um profissional’”. Na pág. 9, sob o chapéu “ciência”, Marcelo Gleiser assina o artigo intitulado “A célula e o tribunal” com o olho de abertura “Pesquisa com embrião deve ser debatida sem viés religioso”. Na pág. 10, sob o chapéu “cultura”, uma foto no alto traz a legenda “Atores encenam em Londres a ópera de Philip Glass “Satyagraha”, baseada na vida de Ghandi”. Logo abaixo o título “Um santo homem” com o olho de abertura “Em ópera encenada em Londres, Philip Glass idealiza a figura de Ghandi, que, por meio de filmes e biografia, tem sido objeto de sérias revisões na Índia”. Assinado por Salil Triphati, o título do artigo e o conteúdo religioso em questão fazem referência indireta ao clima da visita do papa ao Brasil. O uso do termo “santo” o evidencia, dado que não se tem essa concepção conceitual no hinduísmo tal como se tem no cristianismo.

No caderno ilustrada, pág. E13, José Simão assina a crônica humorística com o título “Hoje é Dia Delas! Libera o Bingo!” e o olho de abertura “O que eu falaria se fosse mãe do papa? ‘Filho, troca esse sapato, pelo amor de Deus!’”. Ao lado, uma caricatura do papa.

A Revista da Folha, 13 de maio de 2007, ano 16, n.767, traz na pág. 4 uma coluna intitulada “5 coisas que você não sabia sobre o Frei Galvão”, destacando: “1. Frei Antonio de Sant’Anna Galvão (1739-1822) foi exímio arquiteto, mestre-de-obras e taapeiro. Foi ele quem projetou e ajudou a construir o mosteiro da Luz, feito, na época, de taipa de pilão; 2. Por sua valiosa contribuição para a arquitetura, recebeu o título de sócio honorário do Instituto de Arquitetos do Brasil; 3. Outra paixão de frei Galvão era a poesia. Ajudou a fundar a Academia dos Felizes, um embrião da Academia de Letras de São Paulo. Na inauguração, em 1770, leu 16 poemas em latim sobre sua padroeira, Sant’Anna. O recital invadiu a madrugada; 4. Há parentes ilustres de frei Galvão em São Paulo. O cantor Nando Reis e o grafiteiro Rui Amaral são descendentes da sétima geração da família Galvão. Em Guaratinguetá, cidade de aproximadamente 120 mil habitantes, vivem cerca de 10 mil parentes de Frei Galvão; 5. Frei Galvão tinha 1,90m de altura e porte de atleta. Percorria longas distâncias a pé, por exemplo, de São Paulo ao Rio de Janeiro. Várias pessoas se aglomeravam ao seu redor nessas peregrinações para aclamá-lo”. A última capa da Revista é, em plano inteiro, uma propaganda da marca “Bombril” com o personagem da propaganda vestido de papa e o slogan “É Deus no céu e ele na terra”.

Segunda-feira, 14 de maio. A manchete dispara “Papa critica capitalismo e marxismo” com a linha fina “Na conferência do episcopado, Bento 16 afirma que a política ‘não é competência imediata da igreja’”. A foto de capa traz a legenda “Com o

vidro do papamóvel aberto, Bento 16 acena para fiéis na chegada à Basílica de Aparecida”. Na primeira coluna, à esquerda da foto, uma frase em grandes aspas “Na América Latina e no Caribe, houve avanço em direção à democracia embora haja motivos de preocupação em relação a formas de governo autoritárias ou sujeitas a certas ideologias que se acreditavam superadas... Se a igreja começar a transformar-se em sujeito político, não faria mais pelos pobres e pela justiça. Faria menos porque perderia sua independência. Papa Bento 16”. Logo abaixo da frase, o título “Bento 16 chama cristãos a atuar na esfera pública” indica um artigo especial para a *Folha* assinado por Paulo Daniel Farah, impresso na pág. A9. Do lado direito da foto, o chapéu “entrevista da 2ª” traz o título “Doutrina pode virar só moralismo, diz sociólogo”, em chamada para leitura na pág. A18. Mais abaixo, um conjunto de três fotos traz a legenda “*Sobrou espaço*. Seqüência de imagens mostra público de 150 mil pessoas (um quarto da previsão inicial) que acompanhou a missa celebrada por Bento 16 em Aparecida; o número baixo foi atribuído ao Dia das Mães, à intensa agenda do papa e à transmissão pela TV. Pág. A6”.

No caderno opinião, pág. A2, no alto, a charge traz “Batedores” mostrando o papa sentado na última janela do avião e atrás dele, voando, seguem quatro anjos tocando trombetas. Abaixo da arte humorística, Fernando de Barros e Silva assina o artigo “A aposta de Ratzinger”; mais abaixo Fernando Rodrigues assina “O papa e os brasileiros” e, por fim, Sérgio Costa assina “No rastro de Ratzinger”. Na seção Frases, os destaques “*Amaldiçoados*. ‘Digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando a uma multidão de jovens e de adultos de todos os segmentos da sociedade: Deus vai-lhes exigir satisfações’. Bento 16 advertindo os traficantes, ontem na *Folha*”. “*Evangelização*. ‘Há bondade no mundo, como há maldade na igreja.



Importa é dialogar, intercambiar e aprender um do outro. A igreja que evangeliza deve ela mesma ser evangelizada'. Leonardo Boff defendendo o diálogo, ontem na *Folha*".

Na página A3, no Painel do Leitor, o destaque "Papa" traz duas cartas. A primeira: "Há mais de um século, a Constituição Republicana de 1891 adotava o Estado laico, demarcando a separação entre Estado e igreja e garantindo a liberdade de culto. Rompia-se, assim, com a Constituição de 1824, que consagrava o catolicismo como a religião oficial do Império. A laicidade estatal é pressuposto e condição para o pleno exercício dos direitos humanos, sendo exigência do direito fundamental à liberdade religiosa e do necessário pluralismo e diversidade religiosa. No Estado Democrático de Direito todas as religiões devem merecer igual consideração e profundo respeito, não podendo a ordem jurídica converter-se na voz exclusiva da moral de qualquer religião. No atual debate sobre células-tronco, aborto, homossexualidade, ensino religioso e acordos diplomáticos com o Vaticano, há de prevalecer a razão pública e secular, inspiradora do nosso Estado laico. Confundir Estado com religião implica a adoção oficial de dogmas incontestáveis e a imposição de uma moral única, em flagrante violação à Constituição. Mais do que nunca, reafirmar, defender e salvaguardar a laicidade estatal é medida essencial e imperativa para uma sociedade democrática, livre e pluralista'. Flávia Piovesan, professora da PUC-SP (São Paulo,SP)". A segunda: "Em referência à carta publicada neste 'Painel' no sábado, 12 de maio, gostaria de dizer que a Rede Record fez ampla e equilibrada cobertura da visita do papa ao Brasil, seja nos telejornais ou em dezenas de flashes ao longo de toda programação. Diferente de outra emissora, o que a Record não fez foi exceder no tom emotivo, carregado de expressões de fervor, o que contraria os fundamentos do bom jornalismo'. Douglas Tavolaro, diretor nacional de Jornalismo da Rede Record (São

Paulo,SP)”. O destaque “Fórmula 1” traz a terceira carta: “A TV Globo deu provas do quanto desrespeita o telespectador. Dificilmente assisto a algo pela televisão, mas ontem, ao acordar pela manhã, fiquei estarecido ao presenciar a suspensão da transmissão da Fórmula 1 para dar lugar à missa do papa. Mais de cinco canais abertos já estavam fazendo a transmissão, inclusive a Globo News, afiliada da Globo. Não havia necessidade de a Globo fazê-la, pois todos estavam transmitindo a mesma imagem’. Gabriel Chubassi de Aveiro (Campinas, SP)”.

Na seção Erramos, o destaque “*Brasil* (11.mai, pág. A11) Diferentemente do que foi informado no quadro ‘A missa de canonização’, a ladainha de todos os santos acontece antes de o papa declarar o beato santo”.

A capa do caderno Brasil, pág. A4, traz ao topo uma grande foto legendada “Papa Bento 16 abençoa representantes de comunidades indígenas e afrobrasileiras durante missa celebrada em Aparecida”. Logo abaixo, o chapéu “A visita do papa” destaca o título “Marxismo e capitalismo falharam, diz Bento 16” com a linha fina “Na despedida, papa critica ‘destruição econômica’ e ‘degradação da dignidade’”. O texto convida para leitura às páginas A5 e A12. Mais abaixo, Rafael Cariello e Leandro Beguoci assinam a notícia intitulada “Papa expõe ‘preocupação’ com governos latinos”. A notícia traz ao centro uma foto legendada “Coral da missa de Bento 16 em pátio da basílica de Aparecida”. Abaixo da foto, dois quadros destacam duas frases em grandes aspas. A primeira: “Há motivos de preocupação [na América Latina e no Caribe] diante de formas de governo autoritárias ou sujeitas a certas ideologias que se acreditavam superadas’. Bento 16”. A segunda: “Se a igreja começar a transformar-se em sujeito político, [...] faria menos [pelos pobres e pela justiça], porque perderia sua independência e autoridade moral’. Bento 16”. Uma tarja azul, ligada aos quadros das

frases, convida “Leia o discurso de abertura da conferência >>  
www.folha.com.br/071334”.

Na coluna Painei, assinada por Renata Lo Prete, os destaques: “*Honras da casa* 1. Houve princípio de revolta entre governadores que foram ao centro de recuperação de dependentes químicos visitado pelo papa em Guaratinguetá. A agenda previa que só José Serra estivesse com Bento 16’”. “*Honras da casa* 2. ‘Diante da queixa dos ‘sem-papa’, Serra conseguiu que fossem recebidos seus colegas, entre eles Yeda Crusius (PSDB-RS) e Eduardo Braga (PMDB-AM). Em italiano, apresentou um a um a Bento 16’”. “*Tiroteio*. ‘Tal como está colocada, essa ‘concordata’ equivale a um pedido de falência dos princípios republicanos e ao fim do Estado laico’. Do deputado Raul Jungmann (PPS-PE), que apresentou um requerimento de informações ao Itamaraty sobre a ‘concordata’ em que a Santa Sé reivindica do governo brasileiro medidas como a adoção de ensino religioso obrigatório nas escolas públicas do país”. “*Contraponto*: ‘Senso de hierarquia’. Os jornalistas que foram a Guaratinguetá no sábado acompanhar a visita do papa à Fazenda da Esperança, centro católico para recuperação de dependentes químicos, tiveram a atenção capturada por uma faixa estendida diante de uma pousada vizinha. ‘Zezinho saúda o prefeitos, as autoridades locais e Bento 16’, dizia ela. Diante do espanto geral com o fato de o Sumo Pontífice ter sido mencionado em último lugar pelo comerciante – cujo nome foi traduzido como ‘piccolino Joseph’ por um dos presentes –, um repórter ofereceu sua explicação: É natural. O Zezinho não paga imposto para o papa”.

A página A5, sob o chapéu “A visita do papa”, traz no canto esquerdo ao alto uma foto legendada “Mulher reza na sala das velas do Santuário Nacional de Aparecida” ilustrando o título “Catequizaçãõ de índios não foi imposiçãõ, afirma papa”

e a linha fina “Bento 16 diz que ‘voltar a dar vida às religiões pré-colombianas’ seria um retrocesso”. A reportagem, dos enviados a Aparecida, destaca como olho de abertura “Pontífice faz ainda crítica ao machismo na América Latina e defende que mães recebam ajuda do Estado para cuidarem da família”. Ao centro, uma janela traz o chapéu “Índios” com o intertítulo “Brasil perdeu 1.470 povos desde 1500, diz conselho indigenista”. Na coluna à esquerda da página, um box de informações gerais sobre a conferência dos bispos do CELAM em Aparecida, com o chapéu “A igreja reunida” e o intertítulo “Começou ontem a 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”. O box traz números de participantes de cada país do continente, como também representantes do Brasil, objetivos do evento e dados sobre a sessão inaugural.

A página A6, sob o chapéu “A visita do papa”, destaca no topo uma grande foto panorâmica em tomada aérea que abrange toda a largura da mancha de impressão, com a legenda “Vista da basílica de Aparecida ontem, antes da missa celebrada por Bento 16; 150 mil pessoas assistiram ao evento, abaixo do número de fiéis no ‘feriadão’ de Nossa Senhora Aparecida em 2006”. Abaixo da foto, o título “Com 150 mil, missa frustra expectativas” e a linha fina “Evento reuniu um quarto do público previsto pela igreja, número inferior até ao registrado no Dia de Nossa Senhora Aparecida”. Elvira Lobato e Daniela Tofoli assinam a reportagem, que traz como olho de abertura “Coordenador do esquema de segurança atribui número menor ao Dia das Mães, à intensa agenda do papa e à transmissão da missa na TV”. Mais três fotos ilustram a matéria com as respectivas legendas: “Membro do Exército prepara equipamento utilizado na segurança de Bento 16”, “Católicos rezam durante missa em Aparecida” e “Fiel que passou mal na cerimônia é socorrida”.

A página A7, indicada ao topo pelo chapéu “A visita do papa” imprime o título “Médicos atendem 3.300 em Aparecida” e a linha fina “Só ontem foram 2.100 casos; segundo o Exército, hipertensão, insolação e desidratação representam 99% dos atendimentos”. Assinada por Fábio Amato, a notícia apresenta como olho de abertura “Durante a madrugada, houve discussão entre os romeiros para conseguir guardar lugar perto do palco onde o papa rezou a missa”. À esquerda da matéria, uma foto legendada “Romeiros, que dormiram em frente ao Santuário de Aparecida”. No fim da notícia, o convite “Leia a homilia do papa >> [www.folha.com.br/071331](http://www.folha.com.br/071331)”. Abaixo, Silas Martí e Willian Vieira assinam a notícia intitulada “Mães aproveitam coincidência de missa para reunir família”.

A página A8, sob o chapéu “A visita do papa”, destaca o título “‘Vivi horas inesquecíveis no Brasil’, diz papa” com a linha fina “Em discurso de despedida, Bento 16 afirma esperar que autoridades tomem medidas pelo bem da família latino-americana”. Ao centro da notícia assinada por Catia Seabra e José Alberto Bombig, uma foto com a legenda “Bento 16 se despede de fiéis, no aeroporto de Guarulhos, ao embarcar no avião com destino a Roma”. A matéria traz como olho de abertura “José Alencar e Serra vão a Guarulhos assistir à volta do pontífice ao Vaticano; vice pede que ele realize orações pelo continente”. À direita da foto, uma frase em grandes aspas: “‘Ao deixar esta terra abençoada do Brasil, eleva-se na minha alma um hino de ação de graças ao Altíssimo, que me permitiu viver aqui horas intensas e inesquecíveis’. Bento 16”. Abaixo, uma janela com o chapéu “Cardápio” e o intertítulo “Papa terá vinho e massa na volta para o Vaticano”. Ao final da notícia, um convite “Leia o discurso de despedida do papa >> [www.folha.com.br/071335](http://www.folha.com.br/071335)”.

A página A9, sob o chapéu “A visita do papa / análise” imprime a análise crítica especialmente assinada para a *Folha* por Paulo Daniel Farah, com o título “Apolitismo e teocentrismo” e a linha fina “Opção pelos pobres está implícita na fé, diz Bento 16, que conclama fiéis à ação”. Ao centro do artigo uma foto legendada “Fiel ergue imagem e crucifixo durante missa em Aparecida”.

A página A10, sob o chapéu “A visita do papa” traz no alto um quadro histórico intitulado “O simbolismo do dia 13 de maio” e o intertítulo “Data é relacionada a aparição de santa e milagre de Fátima”. O quadro é montado por quatro fotos ilustrando fatos especiais que ocorreram na data. A primeira foto traz: “13.mai.1917. Fátima. Três crianças, Lúcia de Jesus, 10, e os irmãos Francisco, 9, e Jacinta Marto, 7, afirmaram ter visto a Virgem Maria quando pastoreavam. A aparição voltou a ocorrer nos dias 13 dos cinco meses seguintes. No local foi construído o Santuário de Fátima (Portugal)”. A segunda: “13.mai.1981. Atentado. O papa João Paulo 2º leva quatro tiros na Praça São Pedro, em Roma, quando era conduzido no papamóvel. Duas balas atingiram o estômago, uma o braço direito e outra um dedo. A sobrevivência do papa teria sido um dos milagres de Nossa Senhora de Fátima”. A terceira: “13.mai.2000. Beatificação. Francisco e Jacinta Marto são beatificados pelo papa João Paulo 2º na presença de Lúcia de Jesus. Ambos morreram jovens, sucumbidos por epidemia do vírus influenza. Francisco morreu em 1918, e Jacinta, em 1920. Ela é a mais nova não-mártir beatificada”. A quarta foto traz: “13.mai.2007. Brasil. Papa Bento 16 escolhe o dia festejado pelos católicos como o da primeira aparição da Virgem Maria para realizar a missa aberta no santuário de Nossa Senhora Aparecida. A cerimônia, realizada ontem pela manhã, em Aparecida (SP), teve a presença de 150 mil fiéis”. Logo abaixo do histórico da data, o título “Para analistas, visita não revigora religião” e a linha fina “A

gente não tem ilusão de que a vinda do papa terá como efeito imediato mudar uma situação’, diz o arcebispo de SP” destacam a reportagem, assinada por Ângela Pinho, Rafael Tarjino, Silas Martí e Willian Vieira, com o olho de abertura “Pregação também terá pouco efeito, afirmam especialistas; simbologia do cargo seria mais importante para fiéis do que discursos”. A matéria traz ao centro três fotos do rosto do papa em ocasiões diferentes com a legenda comum “Papa Bento 16 durante a visita de cinco dias ao Brasil”.

A página A12 traz ao topo o chapéu “A visita do papa / pílulas” com os destaques: “*Devoção*. Durante o rosário ontem, uma freira tentou invadir o altar de Bento 16. Ela gritava “lindo” para o papa e teve que ser apartada pela polícia. Criaram um cinturão de isolamento em torno dela e das suas amigas até que a devota se acalmasse”. “*Franciscanos*. Entre os religiosos que foram a Aparecida, destacavam-se pela pouca idade os da ordem franciscana Toca de Assis. Eles dormiram ao relento anteontem. ‘Vivemos da Divina Providência’, disse irmã Humilis, 26”. “*Sem santo*. O jornalista do “New York Times” que cobria Bento 16 em Aparecida não levou imagens de santos para casa, mas uma bola de futebol”. “*Record*. Em oposição à Igreja Católica, a Record, da Universal, volta a defender o aborto no ‘Repórter Record’ de amanhã. O site da rede dá uma pista do tom: ‘Quando um feto se torna um ser humano? É na concepção, como defende o papa e a Igreja Católica? Ou não?’”. “*Alto preço*. Os hotéis em Aparecida dobraram seus preços na sexta-feira, dia em que o papa chegou na cidade. Depois reduziram para o preço original ao ver que não apareceria tanta gente”. “*Guara*. Os jornalistas estrangeiros não conseguiam falar ‘guara’. Assim, tinham dificuldade de pronunciar Galvão e Guaratinguetá. Falavam guaratinguêta”. “*Espera...* Bento 16 frustrou o público após a missa de ontem, ao sair pelos fundos da basílica. Os fiéis

ficaram 20 minutos em seus lugares esperando a passagem do papamóvel”. “... *E frustração*. Quando eles foram avisados de que deveriam deixar o local para começar a desmontagem do palco, vários grupos protestaram. Entre eles, uma comitiva com cerca de 170 uruguaios”. “*Ecumenismo*. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Porto Alegre (RS), afirmou que o papa tem dado pouco espaço para o ecumenismo. Cita como exemplo o breve encontro que Bento 16 teve com líderes de outras religiões na visita”. A página traz também um grande quadro retrospectivo, com fotos ilustrando temas, na visão do jornal, pontuais e de maior destaque durante a visita. O quadro traz o chapéu “Na pauta de Bento 16” e o intertítulo “O que disse o papa em sua primeira visita ao Brasil, que durou da última quarta até ontem”. Na sequência, o quadro apresenta os temas: “quarta-feira: aborto”, “quinta-feira: ensino religioso e castidade”, “sexta-feira: mídia e divórcio”, “sábado: drogas” e “domingo: governos”. Seis fotos iluminam o quadro. A primeira, mostrando o papa na porta do avião, traz uma caixa de diálogo em vermelho com a frase “Estou certo de que (...) será reforçada tal identidade [cristã], ao se promover o respeito pela vida, desde sua concepção até seu natural declínio, como exigência própria da natureza humana”. Uma foto mostrando o papa na Fazenda da Esperança traz outra caixa de diálogo com a frase “Digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando”. Em outra foto, mostrando o papa sentado na cátedra, uma caixa de diálogo diz “A democracia na América Latina tem evoluído, ainda que haja motivos de preocupação diante de governos autoritários ou sujeitos a certas ideologias que se acreditavam superadas”. O quadro ilustrativo se conclui com um gráfico mostrando números de participação de fiéis nas programações com o papa, trazendo o título “Aparições públicas atraíram menos fiéis do que o esperado”.



A página A13 traz na coluna Toda Mídia, assinada por Nelson de Sá, o título “O cruzado e as imagens”, destacando que “‘O rotwiler de Deus’, como repisou José Simão em vídeos do UOL, foi perseguido pela ironia nesta sua ‘primeira cruzada’, na expressão do ‘La Reppublica’. Enquanto a Globo se dobrava para ‘Sua Santidade’, Tutty Vasques, no iG, falava dos ‘cachecóis lindos’ de Ilze Scamparini: ‘O cachecol de Renato Machado abre crise na Globo. Ilze ameaçou voltar para a Itália’. Sobrou humor até no exterior. O site Spoof deu a manchete ‘O Papa Mágico’, capaz de ‘transformar pessoas em santos e pequenas criaturas de madeira só de olhar para elas e dizer palavras mágicas’, e ouviu o Criador, que defendeu os papas: ‘É um pessoal OK, até mesmo aquele alemão’. E o ‘Financial Times’ deu a longa reportagem, traduzida no UOL, ‘Papa reaviva a fé dos fabricantes de imagens’. Ouviu de um que ‘as pessoas estão mais espiritualizadas, um homem veio de Blumenau e comprou 150’. E ironizou a ‘feroz’ competição chinesa, com imagens a US\$0,50 quando, diz outro, ‘não podemos fazer por menos de 1,35’”. Também os destaques: “*Bento VS. João Paulo*. Todd Benson, da Reuters, relatou que Bento 16 ‘não escapou da difícil comparação com o antecessor’, desde a chegada fria até as multidões ‘abaixo do esperado’, por sua ‘falta de apelo como estrela’. Ouviu, de fiéis como Maria José, 79, ‘eu tenho saudades [de João Paulo 2º], este só está esquentando a cadeira’. Para outra, ‘ele nos amava, ele podia não gostar de tudo o que fazíamos, mas ele nos amava’”. “*O papa dobrou Lula*. A coluna Brasília Online, na Folha Online, destacou que, para ‘não hostilizar a Igreja’, Lula avisou ‘aos principais ministros que o governo não vai participar de articulação para realizar um plebiscito’ sobre a ampliação do direito ao aborto no país. E cobrou, por auxiliar, que seu ministro da Saúde ‘falasse menos’. Qualquer iniciativa sobre a questão tem agora que vir do Congresso ou sociedade civil”. “*O ateu*. O papa dividiu suas edições nos

EUA com o lançamento de ‘God Is Not Great’, Deus não é grande, de Christopher Hitchens (Warner Books). Na resenha de ontem no “New York Times” (ilustração à dir.), o também jornalista Michael Kinsley elogia o ‘velho ateu da vila’, Hitchens, que ‘escreveu com brio e ironia’, além de erudição, contra a ‘religião que tudo envenena’ – subtítulo do livro em que ‘provar a não-existência de Deus (ao menos o bastante para ele e para mim) é somente o começo’”. Nas colunas à esquerda da página, do centro para baixo, vê-se o título “Acusado de mandar matar irmã Dorothy é julgado no PA” com a linha fina “Advogado de Bida diz que julgamento está prejudicado”. Assinada por Kátia Brasil, a notícia destaca em grandes aspas “Eles [o Tribunal de Justiça do Pará] atropelaram o Código do Processo Penal para prejudicar o réu. Se [o julgamento] fosse em Pacajá [jurisdição onde ocorreu o crime], ele [Bida] estaria 90% absolvido”. Américo Leal advogado de Vitalmiro Bastos de Moura, o Bida, apontado como um dos mandantes do assassinato de Dorothy Stang”. Ao lado desta notícia, uma breve entrevista assinada pela Agência Folha em Belém, traz o chapéu “Entrevista” e o intertítulo “Acusado afirma que católicos já o condenaram”.

Na página A18, sob o chapéu “entrevista da 2ª”, Rafael Cariello entrevista Antônio Flávio Pierucci e destaca uma frase do sociólogo da USP ao topo da página: “Ao seguir mensagem enfatizada por Bento 16, clero corre risco de ir por ‘lado mais fácil’ por possuir ‘pouca formação teórica’”. Abaixo da frase, o título “Saldo da visita do papa ao Brasil pode ser só moralismo”. A entrevista traz uma grande foto mostrando o papa segurando o báculo pastoral, tendo ao fundo o Cristo Pantocrator, pintado em traços contemporâneos, com a legenda “Papa celebra missa em frente à basílica de Aparecida ontem”. Uma outra foto pequena mostra o rosto do sociólogo, com a legenda “Flávio Pierucci, prof<sup>o</sup> da USP” e uma frase em grandes aspas: “Ele [Bento 16] é um

intelectual. Mas se você joga esse catolicismo mais cioso de lei e ordem num clero que tem pouca formação teórica, o risco é de virar moralismo'. Flávio Pierucci”.

Terça-feira, 15 de maio. O caderno opinião, pág. A2, traz no alto a charge intitulada “Ratzinger, o bárbaro”, e mostra o papa dormindo confortavelmente em uma cama, com a mitra ao lado em cima de um criado-mudo, os paramentos pendurados na parede e duas botas de caminhar no gelo sobre o tapete aos pés da cama. Logo abaixo, Clóvis Rossi assina o artigo “O papa e a fuga do mundo”. Ao lado, na coluna direita, Sérgio Malbergier, editor do caderno dinheiro, assina o artigo “Resistir à religião”.

A pág. A8, do caderno brasil, traz ao topo um grande box que ocupa toda a extensão de largura da mancha de impressão com o chapéu “O que o papa disse” e o intertítulo “Trechos do discurso de Bento 16 na abertura da 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, no domingo”. O box vem ilustrado por uma foto de perfil do rosto do papa voltado para as temáticas assim dispostas: “*Indígenas*. ‘O anúncio de Jesus e seu Evangelho não supôs, em nenhum momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi a imposição de uma cultura estrangeira’. ‘A utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal, não seria um progresso, mas um retrocesso. Em realidade, seria uma involução até um atrasado momento histórico’”. “*Marxismo e capitalismo*. ‘São realidade somente os bens materiais, os problemas sociais, econômicos e políticos? Aqui está o grande erro das tendências dominantes do último século, como demonstram os resultados tanto do sistema marxista quanto do capitalista’. ‘Tanto o capitalismo quanto o marxismo prometeram encontrar o caminho para a criação de estruturas justas e afirmaram que estas, uma vez estabelecidas, funcionariam por si mesmas’. ‘O sistema marxista não só deixou uma triste herança de destruições econômicas e ecológicas como

também uma dolorosa destruição de espírito. E o mesmo vemos no Ocidente, onde cresce a distância entre pobres e ricos”. “*Autoritarismo*. ‘Na América Latina e Caribe, a democracia tem evoluído, mas há motivos de preocupações diante de governos autoritários ou sujeitos a certas ideologias que acreditávamos estarem superadas’”. “*Valores morais*. ‘Percebe-se um certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria Igreja Católica devido ao secularismo, ao hedonismo, à indiferença e ao proselitismo de numerosas seitas’”. Abaixo do box, o título “Índios e analistas criticam discurso do papa” e a linha fina “Para historiador, Bento 16 também fez ataque ao Estado laico ao dizer que, sem Deus, ideologias do século 20 fracassaram”. Equipe de reportagem local e redação assinam a reportagem, que traz como olho de abertura “Bispo afirma que os padres missionários defenderam os indígenas; para filósofo, o marxismo e o capitalismo ignoram ‘indivíduos reais’”. Uma janela traz o chapéu “Descanso” e o intertítulo “De volta à Itália, Bento 16 ganha folga até sexta”. Ao lado das duas colunas da reportagem, uma grande foto trazendo em primeiro plano uma imagem de frei Galvão e ao fundo um corredor com muitas pessoas. A legenda da foto diz “*Frei Galvão*. Católicos fazem fila no mosteiro da Luz, região central da capital, para receber as pílulas de frei Galvão, primeiro santo brasileiro; as pílulas são consideradas milagrosas pela Igreja Católica”. Mais abaixo, assinada por Fábio Amato, vê-se uma nota intitulada “Bento 16 não quer pôr camisa de força, diz arcebispo da Venezuela”. Assinada pela sucursal de Brasília, abaixo da grande foto, imprime-se a notícia intitulada “Presidente vê pluralismo em Bento 16 e critica quem o chamou de conservador”. A notícia destaca uma frase em grandes aspas: “‘Muita gente fala, dá palpite antes, dizendo que o papa era conservador quando o que aconteceu foi que o papa teve um comportamento de compromisso com as questões sociais’”. Luiz

Inácio Lula da Silva”. Na última coluna, à direita da página, no alto, Leandro Beguoci assina uma nota intitulada “Bento 16 deu o seu recado, afirma Politi”. Abaixo, a Agência Folha em Aparecida assina a nota intitulada “Público de missa foi subestimado, afirma arcebispo”.

Domingo, 20 de maio. No caderno opinião, pág. A2, Carlos Heitor Cony assina a crítica intitulada “O pai-nosso e o vigário”. O caderno Mais! traz à pág. 10 o chapéu “Sociedade”. Duas grandes fotos abrem o artigo assinado por Frei Betto, em especial para a *Folha*. A primeira foto mostra um grupo de pessoas encapuzadas portando velas acesas na mão. A segunda mostra várias pessoas de mãos levantadas em meio a cartazes contrários ao aborto. A legenda comum diz “Fiéis que aguardam a chegada de Bento 16 ao estádio do Pacaembu exibem placas condenando o aborto; no alto, manifestantes pró-aborto em SP”. Abaixo das fotos, vem o título “Vidas em suspensão”. Ao lado da primeira foto, no alto, na primeira coluna à esquerda, o destaque “O frade dominicano lamenta as dificuldades que a igreja impõe ao debate sobre o aborto e admite sua aplicação em casos pontuais”. A matéria ocupa a totalidade da pág. 10, última do caderno Mais! nessa data.

O artigo de Frei Betto encerra, na ordem cronológica e das matérias publicadas, o rol das amostras coligidas para o estudo da temática da visita do papa ao Brasil, dentro do período a que se propõe esta pesquisa, no jornal *Folha de S. Paulo*.

Este segundo capítulo buscou apresentar com riqueza de detalhes o caráter complexo da cobertura jornalística que a *Folha de S. Paulo* fez do fato histórico da visita papal de Bento XVI ao Brasil, e o significado desse evento para o país, para a Igreja Católica, para a América Latina e para o mundo. A descrição completa da produção jornalística evidenciou as grandes áreas temáticas contempladas pela

cobertura: filosofia e teologia (discussões sobre o pensamento filosófico e teológico do papa), religiosidade popular (devoções e diversidade religiosa no Brasil), ética (gasto público com a viagem do papa), moral (comportamento do clero, dos jovens e dos fiéis em geral frente à doutrina da Igreja Católica), política (deputados não decretam feriado a Frei Galvão), bioética (aborto, pesquisa com células-tronco e embriões), diplomacia (acordo de cooperação entre o Vaticano e o governo Brasileiro), economia (movimento do comércio e propagandas), mídia (rivalidade com a TV Globo e Record, ênfase aos jornais internacionais), CNBB (eleições), CELAM (bispos divididos, teologia da libertação, 5ª Conferência), América Latina (povos indígenas e evangelização), canonização de Frei Galvão (missa em Campo de Marte, produção e venda de imagens), informações práticas através de ilustrações e indicações de mapas e links de acesso a conteúdo na internet (locais dos eventos e íntegra dos discursos pronunciados pelas autoridades), e entretenimento, com polêmicas e curiosidades, também números e cifras.

Apontadas nesta descrição das matérias da cobertura, as temáticas supracitadas constituirão a base do discurso analítico a ser desenvolvido no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO III – A VISITA DO PAPA COMO FATO MIDIÁTICO NA FOLHA DE S.PAULO**

A análise de toda a produção jornalística que a cobertura do jornal publicou sobre a visita do papa é o principal objetivo deste terceiro capítulo. A abordagem que faremos buscará analisar as temáticas tendo como ponto de partida a relevância das matérias compreendidas em três fases: antes, durante e depois da visita. Buscaremos mostrar as opções discursivas do jornal, e nisso as tendências de ora dar mais importância a um assunto e menos relevância a outro conforme a intencionalidade das pautas definidas pela editoria e equipes de reportagem. O resultado dessa análise será evidenciar o grau de imparcialidade e independência do jornal ao produzir seu noticiário. Faz parte desse resultado inclusive demonstrar o processo de construção da notícia a partir do fato histórico, relacionando as contribuições teóricas referenciadas no primeiro capítulo com as temáticas publicadas descritas no segundo capítulo.

#### ***1) A análise das matérias de destaque da cobertura***

A produção jornalística contemporânea, como toda a gama de relações sociais da atualidade, possui enorme grau de complexidade. Não é diferente quando se trata de um grande interlocutor midiático como o jornal *Folha de S. Paulo*. Mesmo porque as temáticas analisadas nesta pesquisa são na maioria das vezes convergentes, e as matérias se entrecruzam. Compreendemos inclusive que o tempo histórico definido pela pesquisa dentro do qual ocorreu a viagem de Bento XVI ao Brasil é diferente do tempo noticiado no jornal, que, por ser diário, possui variação de temporalidade. Assim, observa-se que se o papa chega ao Brasil no dia 09 de maio, no jornal ele chega dia 10,

e quando volta a Roma no dia 13, isso só se dá no dia 14 na publicação diária. Com isso, adotamos neste presente momento da análise as fases que denominamos antes, durante e depois da visita como sendo o tempo do jornal e não o tempo histórico cronológico. A primeira fase, o período anterior à visita, portanto, vai de 23 de fevereiro a 09 de maio. A segunda fase, durante a visita, compreende o período de 10 a 14 de maio. E a terceira fase, depois da visita, assinala o tempo de 15 a 20 de maio.

Para atingir esses objetivos nos propomos, primeiramente, a fazer o mapeamento das matérias publicadas. Em segundo momento, estabelecer uma discussão confrontando o material publicado com os argumentos apresentados pelo ombudman e pela entrevista ao editor do jornal, e, posteriormente, problematizar as matérias que considerarmos relevantes ao contexto complexo da informação e do espetáculo com o apoio de teorias referidas no primeiro capítulo.

Para efeitos metodológicos de análise, optamos pela elaboração do seguinte mapa de matérias agrupadas em temáticas maiores, segundo a reincidência periódica nas fases. As matérias, como já dissemos, possuem articulações através dos temas, mas também podem fazer conexões variáveis com outras temáticas além daquelas em que se encontram classificadas, extrapolando os limites da classificação.

## ***2) Mapeamento das matérias da cobertura agrupadas em temáticas***

### **1ª Fase. A preparação para a chegada do papa (23/02 a 09/05)**

Nesta primeira fase, a sequência das temáticas obedece à ordem de relevância, de acordo com o destaque que o jornal deu à reincidência de publicação periódica das matérias, como se percebe na observação das datas, dispostas entre parênteses:



1. *Bioética* (16, 21, 23 e 24/04; 06, 07 e 09/05): aborto, direitos humanos, embriões, mulheres x islamismo.

2. *Mídia* (26 e 29/04; 03, 04, 06, 08 e 09/05): rádios e TVs católicos, cobertura da mídia em geral.

3. *Entretenimento* (16, 18 e 30/04; 01, 06 e 09/05): generalidades, como curiosidades sobre usos e costumes do papa, roupas, quarto, doces e culinária para o papa, números, papamóvel, aniversário, guarda suíça, diário de viagem de peregrinos.

4. *CNBB* (15 e 29/04; 04, 05, 08 e 09/05): eleição de presidente e vice-presidente, dom Odilo arcebispo de São Paulo, cartilha de fé para fiéis.

5. *Teologia, filosofia, doutrina* (18, 21 e 30/04; 01, 06 e 08/05): limbo, batismo de crianças, carta protestante, movimento gay, pesquisa Datafolha sobre o pluralismo religioso no Brasil, missa de 7º Dia, homossexualidade, 2º casamento, camisinha, Igreja Católica na Ásia versus estrutura de paróquias na Europa.

6. *CELAM* (15/04; 03, 07 e 09/05): documento preparatório da 5ª Conferência, bispos divididos e indecisos, teologia da libertação.

7. *Acesso a informações completas* (18/04; 06 e 09/05): ilustrações e mapas com detalhes de como participar dos eventos, guia da visita do papa, canal na internet.

8. *Diplomacia* (06, 08 e 09/05): acordo Brasil-Vaticano, reforma agrária, impasse com os ministros José Gomes Temporão e Nilcéia Freire, Forças Armadas na segurança do papa.

9. *Ética Pública* (23/02 e 09/04): gastos públicos com obras de “palco”, transporte e segurança para o papa.

10. *Comportamentos* (03 e 06/05): simpatia do papa, comparação com João Paulo II.

11. *Frei Galvão (08 e 09/05)*: casamento do casal que testemunha milagre, anúncio da canonização.

12. *Economia (25/04; 06 e 09/05)*: trânsito, comércio do Dia das Mães, produção e venda de imagens, propagandas relacionadas à visita do papa.

13. *Moral (15, 16 e 18/04)*: mulher no mosteiro, mendigos na Sé.

14. *América Latina (06/05)*: violência, indígenas e evangelização.

## **2ª Fase. O jornal acompanha os passos do papa no Brasil (10 a 14/05)**

Nesta segunda fase, não é possível elencar rigorosamente as matérias como na fase anterior, em que as ordenamos de acordo com o número de vezes que o assunto apareceu nas datas de publicação, dado que, neste segundo momento da cobertura, a reincidência de periodicidade entre as matérias publicadas é praticamente a mesma, com raras exceções. As temáticas foram abordadas à exaustão em quase todas as datas descritas no mapeamento. Mas vale notar aqui a publicação massiva de assuntos agrupados em maior número de temáticas do que o observado na primeira fase, embora a maioria das temáticas tenha se repetido na segunda fase, apenas mais recheadas de matérias, como vemos:

*Bioética (10, 11, 12, 13, 14)*: aborto, embriões.

*Mídia (10, 11, 12, 13, 14)*: rádios e TVs católicos, cobertura da mídia em geral, entrevista no avião, Record defende aborto e Universal distribui camisinhas, Globo versus Record, TV de Lula, TVs contra o matrimônio, destaques da mídia internacional sobre os discursos e atos do papa no Brasil, o ombudsman analisa a cobertura que o jornal está realizando sobre a visita do papa, a própria *Folha de S. Paulo* expõe sua

visão dos temas pontuais sobre o discurso do papa durante a visita: “aborto, ensino religioso e castidade, mídia e divórcio, drogas e governos” na América Latina.

*Entretenimento (10, 11, 12, 13, 14):* generalidades como curiosidades sobre usos e costumes do papa, superstições, roupas, quarto, doces e culinária para o papa, número de públicos, papamóvel, diário de viagem de peregrinos, momentos de oração, saudação aos fiéis, presentes dados ao papa, frases descontraídas sobre idioma, futebol, vaidade, charges, crônicas de Mônica Bergamo, José Simão e Bárbara Gancia, habilidade do papa no idioma português, ilustrações sobre a hierarquia da Igreja Católica, histórico de grandes missas celebradas por João Paulo II, freiras “deixam” mosteiro, chaves da cidade de Aparecida, cabine no mosteiro torna-se ponto turístico, simbolismo do 13 de maio.

*Acesso a informações completas (10, 11, 12, 13, 14):* discursos, ilustrações e mapas com detalhes até minuciosos de como participar dos eventos, guia completo da visita do papa, canal na internet, caderno infantil *Folhinha* informando às crianças de quem é o papa.

*Diplomacia (10, 11, 12, 13, 14):* acordo Brasil-Vaticano, protocolos no aeroporto de Cumbica, Forças Armadas na segurança do papa, chegada do papa ao mosteiro de São Bento, ecumenismo, honras da Academia Paulista de Letras, despedida do papa em Guarulhos.

*Teologia, filosofia, doutrina (10, 12, 13, 14):* o exercício do ministério papal; pensamento filosófico e teológico do papa; reações de grupos homossexuais; feministas e abortistas; articulistas comentam os temas dos discursos do papa; encontro do papa com os jovens; discurso sobre o tráfico de drogas na Fazenda Esperança; carta de leitor criticando Luiz Felipe Pondé, um dos articulistas que analisam os discursos do papa na

cobertura do jornal; caderno Mais! com vários artigos sobre a “invenção da fé”; capitalismo e marxismo no discurso do papa; não envolvimento com política partidária para assegurar a “independência” da Igreja Católica; críticos dizem que visita não revigora religião, que para os fiéis o simbolismo do cargo do papa é mais significativo que seus discursos e que “saldo da visita” pode se tornar apenas “moralismo”.

*CNBB (10, 11, 12, 13)*: crítica à crise no Congresso, Dom Paulo Evaristo Arns entrega livro sobre Dom Hélder ao papa, discurso do papa sobre desmatamento da Amazônia, Dom Dimas fala sobre sexualidade, encontro com o papa na Sé.

*CELAM (10, 12, 13, 14)*: teologia da libertação, público participante e atendimentos médicos na missa de Aparecida, retorno do tema de oposição entre bispos brasileiros e demais latino-americanos, início da 5ª Conferência do CELAM.

*Frei Galvão (10, 11, 12, 13)*: ritual da canonização, família testemunha de milagre, estátua na cidade natal, processo de canonização, pedido de canonização de Irmã Dulce, mosteiros, pílulas e milagres, dificuldade de canonizar padre Cícero, curiosidades sobre dados pessoais de Frei Galvão.

*Economia (10, 11, 12, 14)*: trânsito, comércio do Dia das Mães, produção e venda de imagens, propagandas relacionadas à visita do papa.

*Comportamentos (10, 11)*: simpatia do papa, comparação com João Paulo II.

*Pentecostalismo (12, 14)*: seitas, perda de fiéis, pobreza, Igreja Luterana reclama do pouco espaço para o ecumenismo.

*Moral (11, 12)*: comportamento do clero, dos jovens e dos fiéis em geral diante da doutrina da Igreja Católica, divórcio, celibato, castidade, matrimônio.

*América Latina (10, 14)*: indígenas e evangelização, autoritarismo político, cuidado à família, “Brasil perdeu 1.470 povos indígenas”.

*Política (10, 11):* deputados rejeitam feriado a Frei Galvão, chegada do papa adia instalação de CPI, câmara discute salários, excomunhão de políticos mexicanos pró-aborto.

### **3ª Fase. O papa retorna a Roma (15 a 20/05)**

A terceira fase se apresenta raquítica em relação às anteriores. A pujança das temáticas se atrofiou e as datas em que as publicações ocorreram também se reduziu a apenas duas, como vemos abaixo.

*Bioética (20):* aborto.

*Entretenimento (15):* charges; de volta a Roma, o papa tira folga para descansar; público de missa foi subestimado.

*Teologia, filosofia, doutrina (15):* discurso pronunciado na abertura da 5ª Conferência do CELAM: indígenas, marxismo e capitalismo, autoritarismo e valores morais; historiador vê “ataque” contra laicidade do Estado no discurso do papa.

*CELAM (15 e 20):* abertura da 5ª Conferência do CELAM, teologia da libertação com Frei Betto.

*Diplomacia (15):* Lula vê pluralismo em discursos do papa, arcebispo da Venezuela diz que “Bento 16 não quer pôr camisa de força”.

*Frei Galvão (15):* pílulas e imagens de Frei Galvão.

*América Latina (15):* índios criticam discurso do papa na abertura da Conferência.

Conforme era nosso objetivo, o mapeamento possibilitou uma visão geral sobre a cobertura, destacando as incidências de maior ou menor número de vezes em que as matérias ocorreram no período estudado.

O mapeamento revelou também que na primeira fase as temáticas de maior destaque são, em ordem de importância: bioética; mídia; entretenimento; CNBB; teologia, filosofia, doutrina; CELAM; disponibilização de acesso direto a informações; diplomacia; ética pública; comportamentos; frei Galvão; economia; moral e América Latina. Dessas temáticas destacam-se as matérias sobre aborto, células-troco, embriões, limbo e batismo de crianças, rede de rádios e TVs católicos, os protocolos de segurança que a mídia deveria observar ao cobrir os eventos com o papa, curiosidades sobre detalhes da vida e da pessoa do papa, a eleição na CNBB, nomeação e posse de Dom Odilo em São Paulo, protestos contra o papa, pesquisa Datafolha sobre a religiosidade do brasileiro, a missa de 7º Dia de Otávio Frias, o CELAM “dividido e indeciso” entre a proposta do papa e a teologia da libertação, a publicação de um guia da visita do papa e um canal de acesso à internet, o acordo entre a Santa Sé e o governo brasileiro, as comparações entre Bento XVI e João Paulo II, a canonização de Frei Galvão, o trânsito e o trajeto do papa pelas vias programadas pela agenda, a reação do comércio no Dia das Mães, as propagandas que valorizaram o evento, polêmicas como uma mulher no mosteiro e os mendigos na Sé, a violência, os indígenas e a evangelização na América Latina.

É curioso perceber que a temática de ética pública que abriu a cobertura questionando os gastos do governo com a viagem do papa terminou por onde começou. Ela simplesmente não é mais citada nas próximas edições. Apenas uma pequena nota ainda se vê na publicação do dia 12/05, mas já noutro tom, falando da reforma do Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro, que deve ser custeada pelos órgãos públicos ao valor de 38 milhões de reais, para se tornar um memorial dedicado a Frei Galvão.

A segunda fase é marcada por informações tempestivas que dão sequência às temáticas da primeira fase e se completam com muitos pormenores, mas não de grandes novidades, apenas com o acréscimo dos temas pentecostalismo e política, e a saída de ética pública. As matérias recorrentes desse período relatam, além do exposto na primeira fase, a entrevista ao papa no avião em viagem para o Brasil, a disputa entre TV Globo e Record, TV estatal, os discursos e atos do papa na mídia internacional, a crítica do ombudsman sobre a cobertura que o jornal *Folha de S. Paulo* está realizando sobre a visita do papa, o relacionamento entre o papa e o público fiel, presentes dados ao papa, charges, crônicas, humor, fatos pitorescos e situações burlescas, simbolismos e superstições, pronunciamento da CNBB sobre crise no Congresso e no Judiciário, ritual de canonização de Frei Galvão, encontro dos bispos com o papa na Sé, discurso do papa sobre Amazônia, sexualidade, artigos especiais criticando os temas dos discursos do sumo pontífice com vários formadores de opinião que se manifestam favoravelmente ou contra as propostas apresentadas pelo papa, manifestação de vários movimentos sociais, políticos e religiosos em reação às falas do papa, títulos destacam divisão entre bispos na abertura da 5ª Conferência do CELAM, a agenda política dos deputados na ocasião da visita do papa, os povos indígenas, o autoritarismo de governos e a evangelização na América Latina, protocolos oficiais de chegada e partida do papa no aeroporto de Cumbica.

Além das matérias destacadas pelos assuntos supracitados, luzes e câmeras em todos os movimentos do papa se traduzem em textos múltiplos e breves, mas bastante ilustrados a cada passo dessa segunda fase da cobertura.

O mapeamento da terceira fase revela que várias temáticas têm sua discussão abruptamente encerradas no dia 14 de maio. Depois da visita, o jornal só publicou

matérias referentes à passagem do papa pelo Brasil duas vezes. Uma imediatamente após sua partida, edição do dia 15, e depois só no dia 20, alimentando ainda dois temas: o aborto como temática principal e a teologia da libertação na voz de Frei Betto, também amenizando o discurso do papa e defendendo que em alguns casos a Igreja Católica poderia rever sua posição com relação ao tema do aborto.

Não se verificou mais repercussão na temática mídia. A temática sumiu, como também a CNBB, o pentecostalismo, o acesso a informações detalhadas sobre o tema da visita do papa, o comportamento do papa e dos fiéis, a economia e suas variáveis decorrentes da visita, a moral e a política.

Concluído este segundo tópico da análise, em que realizamos um panorama classificatório do conteúdo publicado pelo jornal, considerando o tempo próprio do diário, passaremos agora a um confronto entre essa produção jornalística e as contribuições alternativas advindas das críticas do ombudsman, Mário Magalhães<sup>14</sup>, e da entrevista ao editor do jornal, Marcelo Diego da Silva<sup>15</sup>.

### ***3) Matérias publicadas e visão editorial do jornal***

A cobertura é muito rica de detalhes e marcada, desde o início, por grandes produções que perpassam vários cadernos, colunas e seções, já demonstrando como o jornal está se preparando para a chegada do papa. De 23 de fevereiro a 09 de maio, o antes da chegada do papa é marcado pelos temas éticos com relação aos gastos do

---

<sup>14</sup> Mário Magalhães é o ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo* na ocasião da visita do papa, desde 05 de abril de 2007. As considerações dele que utilizamos aqui foram publicadas na internet, mas estão referidas na publicação impressa do domingo, dia 13 de maio de 2007, pág. A8, na coluna Ombudsman. As críticas coletadas da internet foram impressas e constam dos anexos desta pesquisa.

<sup>15</sup> Marcelo Diego da Silva, editor da editoria Brasil do jornal, após contatos telefônicos, nos concedeu entrevista por e-mail no dia 25 de agosto de 2009, conforme documentos em anexo.



governo empregados em obras e em todo o aparato destinado à estadia do papa no país. O destaque dado à teologia da libertação e à “divisão e indecisão” dos bispos diante da proposta do papa relatada no documento preparatório da 5ª Conferência do CELAM apimenta as preliminares da cobertura, cujos títulos atizam as possíveis disputas de poder no interior da CNBB, com os antigos chavões de conservadores versus progressistas, supostamente travados nas eleições da 45ª Assembléia Geral. Daí por diante, até o fim da cobertura, os relatos e comentários jornalísticos em sequência serão sempre dosados com certa medida de polêmica e ambiguidade.

Em entrevista a nós concedida, o editor chefe da editoria brasil do jornal *Folha de S. Paulo*, Marcelo Diego da Silva, declarou que “a Folha teve que viajar duas vezes para o Vaticano para participar de *briefings* específicos da visita do papa. Tudo foi minuciosamente discutido. A viagem era cheia de detalhes técnicos, desde o credenciamento (restrito), até as oportunidades de acompanhar o papa durante sua visita. Todos esses detalhes ditos burocráticos foram passados e repassados à exaustão. Do ponto de vista de organização, foi trabalhoso, mas impecável”. Assim, também, com relação à preparação dos repórteres que realizaram a cobertura, Diego disse que “os jornalistas Leandro Beguocci e Rafael Cariello ficaram quase seis meses antes da visita do papa mergulhados na Igreja Católica para aprender, se instruir e funcionar como porta-vozes da Folha junto ao Vaticano e à Igreja no país. Quando da chegada do papa, tinham conhecimento técnico compatível com as necessidades daquela cobertura. Os demais repórteres envolvidos não tinham grau de especialização destacado, mas grande experiência em coberturas de eventos de grande porte”. Toda essa movimentação declarada pelo editor confirma a relevância que o diário deu à cobertura do evento, conforme examinaremos a seguir.

O jornal publicou um quadro sintético na segunda-feira, 14 de maio, pág. A12, com o chapéu “Na pauta de Bento 16” e o intertítulo “O que disse o papa em sua primeira visita ao Brasil, que durou da última quarta até ontem”, a partir do qual temos uma visão geral do que o diário considerou relevante na cobertura da visita do papa, segundo transcrevemos:

**Quarta-feira: ABORTO.** No avião, antes de desembarcar, o papa defende a excomunhão de políticos que sejam a favor do direito ao aborto. Em Guarulhos, ao lado de Lula, critica, de forma indireta, o aborto e a eutanásia. *O governo:* um dia antes, os ministros José Gomes Temporão (Saúde) e Nilcéia Freire (Mulheres) criticam a Igreja Católica e grupos religiosos pela “agressividade” e tentativa de “censurar” o debate sobre o aborto.

**Quinta-feira: ENSINO RELIGIOSO.** Em encontro com Lula, ele pressiona o governo a assinar até o fim de seu pontificado um acordo, no qual entraria questões como a obrigatoriedade do ensino religioso na rede pública. Autoridades brasileiras negam que o aborto tenha sido discutido. *O governo:* Lula ressalta o caráter laico do Estado. Essa foi a forma, segundo a *Folha* antecipou, que o governo encontrou para recusar a proposta, tendo julgado que o acordo contraria o princípio de separação entre igreja e Estado. **CASTIDADE.** No estádio do Pacaembu, o papa defende a castidade e outras questões morais envolvendo casamento e família.

**Sexta-feira: MÍDIA.** Na missa de canonização de Frei Galvão, o papa condena os “meios de comunicação que ridicularizam a santidade do matrimônio e a virgindade antes do casamento”. **DIVÓRCIO.** À tarde, em encontro com bispos na Catedral da Sé, o papa volta a atacar a “ferida do divórcio” e cobra empenho na resistência ao “proselitismo agressivo” das “seitas”, em alusão às igrejas evangélicas.

**Sábado. DROGAS.** Em centro de reabilitação de dependentes químicos, em Guaratinguetá, o papa condena os traficantes de drogas, que “espezinham” a dignidade humana, e diz que “Deus vai-lhes exigir satisfações”.

**Domingo. GOVERNOS.** Em discurso, o papa diz que privilegiar aspectos socioeconômicos foi o erro das tendências dominantes do séc. 20, “como demonstram os resultados” dos sistemas marxista e capitalista. Ele também critica regimes autoritários na América Latina.

“Estou certo de que (...) será reforçada tal identidade [cristã], ao se promover o respeito pela vida, desde sua concepção até seu natural declínio, como exigência própria da natureza humana”.

“Digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando”.

“A democracia na América Latina tem evoluído, ainda que haja motivos de preocupação diante de governos autoritários ou sujeitos a certas ideologias que se acreditavam superadas”.

Aparições públicas atraíram menos fiéis que o esperado. Público da visita ao Brasil: Estádio do Pacaembu, esperados 150 mil, efetivo 15 mil; Campo de Marte, esperados 1,5 milhão, efetivo 800 mil; Missa em Aparecida, esperados 600 mil, efetivo 150 mil.

Esta síntese deixa claras as prioridades do jornal acerca do discurso do papa e suas variáveis. O ombudsman também faz sua apreciação da cobertura em crítica publicada no domingo, 13 de maio, à pág. A8, como segue na íntegra:

“A *Folha* pareceu nos últimos anos se sair bem na maioria das ‘grandes coberturas’ e deixar a desejar no noticiário do dia-a-dia”. Foi o que comentei na crítica diária da segunda-feira, distribuída à Redação e acessível sem restrições aos leitores na Folha Online ([www.folha.com.br/ombudsman](http://www.folha.com.br/ombudsman)). Era o prólogo para elogiar o inspirado caderno de domingo sobre religião. O jornal já tinha ido bem nos meses que antecederam a visita do papa Bento 16, com os repórteres Rafael Cariello e Leandro Beguoci empenhados em acompanhar a Igreja Católica. Eles anteciparam a escolha de dom Odilo Scherer para arcebispo de São Paulo. Além das revelações exclusivas, como o acordo que o Vaticano busca com o Brasil, houve um mérito especial: manter a sobriedade em um noticiário sensível. Assim como o Estado é laico, o jornal deve exercer a independência em relação à igreja –que já tem o seu diário, ‘L’Osservatore Romano’. A ‘grande cobertura’ fugiu ao oba-oba, porém teve tropeços (apontou os nas críticas na internet)<sup>16</sup>. Na sexta, dava a impressão de overdose informativa, mas sem comprometer o bom trabalho jornalístico. A Folha deveria retomar a cobertura sistemática de religião –de todas elas”.

Notamos que na visão do jornal as temáticas: aborto, ensino religioso, castidade, mídia, divórcio, drogas e governos sintetizam o programa do papa no Brasil. Para o ombudsman, Mário Magalhães, a importância do que foi publicado na primeira fase da visita parece ter se concentrado no caderno especial sobre religião, na nomeação e posse de Dom Odilo em São Paulo e na exclusividade da notícia sobre o acordo que a Santa Sé estava se preparando para propor ao Brasil. Nas críticas publicadas na internet, ele se detém a corrigir o uso linguístico de frade/frei e um cacófato no título “Por razões variadas, peregrinos fazem caminho até o papa”. Destaca na tituleira “Faltou dizer” que “muitos leitores não entendem a hierarquia da CNBB. A reportagem ‘Bispo auxiliar do Rio, d. Dimas é eleito secretário da CNBB’ (pág. A8) não informa se ele é o primeiro da hierarquia, o segundo, o terceiro. O leitor ficou sem saber a importância da sua eleição como novo secretário-geral da entidade”. Os acrescentamentos mais significativos do

---

<sup>16</sup> As críticas publicadas na internet foram impressas e constam dos anexos.

que foi publicado na internet são os elogios reforçados ao caderno especial religião, sobre o qual o ombudsman tece ainda longo comentário, com um acréscimo sobre a Revista da Folha:

Há pequenos problemas que não ofuscam a qualidade do trabalho: faltou explicação didática do que são evangélicos pentecostais e não pentecostais, a informação sobre que templo frequenta a personagem que abre a principal reportagem da pág. 5, o fato de três dos quatro depoentes na rubrica "Eu acredito" estarem na contramão dos 97% dos consultados que acreditam em Deus.

Leitores apontam outros problemas e erros.

São detalhes que não tiram o brilho da conspiração de bom jornalismo que resultou no caderno (eu o li na íntegra). Ele traz um desafio à *Folha*: manter esse padrão na cobertura da visita do papa.

*\*Em compensação...\**

A Revista da *Folha* presta um desserviço aos leitores ao noticiar como sugestão "independente" os vinhos para combinar com os pratos que serão oferecidos ao papa ("Papa celestial", págs. 24 a 26).

O jornal informou que a consultoria foi da "sommelière" Anna Rita Zanier, da Expand. Faltou dizer que uma empresa do mesmo grupo doou os vinhos para Bento 16 e seus acompanhantes.

Ou seja: a consultora não escolheu por acaso os três vinhos citados. Garrafas dos três serão doadas. Acontece que os doadores estão obtendo um fabuloso retorno de marketing com a publicidade que lhes é oferecida de graça, pela *Folha* inclusive.

Quem será que vende no Brasil os vinhos indicados pela consultora?

Não é errado esclarecer que rótulos acompanharão cada prato e refeição. O errado é não informar os leitores sobre as relações existentes. O vinho branco chileno indicado pela consultora é comercializado pela empresa para a qual ela trabalha?

O que deveria ser um serviço aos leitores não é. Trata-se de publicidade dos "doadores".

O ombudsman parece tão entusiasmado pela produção do caderno religião que incentiva outras iniciativas similares ao diário. Inclusive chega a dizer que o caderno "traz um desafio à *Folha*: manter esse padrão na cobertura da visita do papa". Mas infelizmente ele não tece mais nenhum comentário sobre a cobertura da visita nas edições futuras. Talvez ela não lhe pareça tão agradável quanto a polissemia do caderno especial.

O relevo que o jornal dá às temáticas: aborto, ensino religioso, castidade, mídia, divórcio, drogas e governos como sínteses da passagem do papa pelo país, portanto, parecem estar mais coerentes com as opções editoriais que determinaram a agenda das equipes de reportagem que fizeram a cobertura. E nisso o próprio ombudsman concorda ao recordar que o jornal “tinha ido bem” na primeira fase das reportagens com a preparação de Leandro Beguoci e Rafael Cariello e as antecipações que eles conseguiram noticiar no jornal. Também o editor, Marcelo Diego, como descrito acima, se mostra concorde com a preparação dos repórteres e suas contribuições na fase preparatória à chegada do papa. Diego diz ainda que “a *Folha* optou por uma cobertura que mostrasse aspectos plurais da visita, sua importância na nova filosofia que o papa pretendia implementar na Igreja, o raio x das religiões no país (inclusive com ampla pesquisa Datafolha sobre hábitos religiosos no país), discussão sobre a laicidade do Estado”<sup>17</sup>. Para o editor, “aparentemente, a vontade do papa Bento 16 em vir ao Brasil foi determinante para que a viagem acontecesse. A fim de participar do encontro do CELAM, de transmitir à América Latina sua mensagem, suas convicções, foram determinantes na escolha da data e do local da visita (São Paulo, Aparecida e região)... Mas parece claro que a visita do papa foi muito mais a viagem de um líder religioso para falar com os seguidores católicos... Acreditamos que o principal objetivo do papa era reafirmar as bases da doutrina católica entre seus seguidores. No momento em que se discutia o avanço de outras religiões no país, notadamente as neopentecostais, o papa parece ter vindo ao celeiro de sua Igreja reafirmar que, aos olhos do Vaticano, o importante é que quem siga o catolicismo, o faça baseado nos preceitos fundamentais da Igreja. Ou seja, não esperem que a Igreja se amolde a necessidades ‘modernas’ apenas

---

<sup>17</sup> Entrevista em anexo.

para manter seu número de seguidores. Mal comparando, seria como dizer: o importante é a qualidade dos nossos fiéis, não exatamente a quantidade. A mensagem parece ter sido transmitida de maneira clara, o que indica que foi bem sucedida”<sup>18</sup>. No entanto, não é exatamente essa clareza de objetivos da presença do papa no Brasil o que as folhas do jornal estampam com toda a visibilidade, embora essas considerações por vezes se constatem na profundidade de textos mais longos de relatos e comentários. Segundo Diego, referindo-se ao serviço de assessoria de imprensa da Igreja, “durante a visita, o principal problema foi conseguir confirmar algumas informações do dia-a-dia. Para os não-católicos, certas premissas e liturgias da Igreja Católica não são facilmente compreensíveis. Acredito que tenha faltado algum ‘intérprete’ da Igreja que ajudasse o leigo a perceber a importância ou o destaque seja de palavras ou até mesmo de detalhes simbólicos da passagem do papa pelo país”<sup>19</sup>.

Essas considerações dão conta da complexidade da cobertura jornalística que a *Folha de S. Paulo* faz sobre a vinda do papa ao Brasil, desde as opções do jornal às dificuldades encontradas junto a um bom serviço de assessoria da Igreja, que inclusive é citada na quarta-feira, 9 de maio, na coluna Painel do Leitor, pág. A3, pelo leitor Humberto Corrêa: “... A assessoria de imprensa da Igreja Católica bem poderia direcionar a atenção do público para um pouco além do show business”, reclamando do excesso de generalidades oferecidas pela mídia. Também nós, à procura de dados para esta pesquisa, sofremos a dificuldade de acesso aos conteúdos da Assessoria de Imprensa da Visita do Papa, bem como à possibilidade de entrevista, ainda que via e-mail, ao coordenador do serviço, Pe. Roberto Michelino, que não conseguiu nos atender. Nesse sentido, podemos observar que a atmosfera de segredos em torno das

---

<sup>18</sup> Entrevista.

<sup>19</sup> Entrevista.

ações da Igreja Católica também concorre para o fomento do espetáculo nos discursos do jornal, que, como a grande parte da mídia, ficou sem acesso a informações relevantes que pudessem provir de fonte segura da assessoria de imprensa eclesiástica para o trabalho de cobertura jornalística.

Diante do exposto, façamos um breve quadro esquemático dos conteúdos em destaque na fala do ombudsman, do editor e do próprio jornal, para visualizarmos melhor as congruências e incongruências dos discursos entre si e na relação com o mapeamento que fizemos, considerando também a transformação do evento da vinda do papa Bento XVI ao Brasil em fato midiático:

*O ombudsman:* caderno religião, preparação dos repórteres “empenhados em acompanhar a Igreja Católica”, a antecipação da “escolha de dom Odilo Scherer para arcebispo de São Paulo”, o acordo entre a Santa Sé e o governo brasileiro, a sobriedade da cobertura e a independência do jornal com relação à Igreja Católica, tal como o Estado laico se presume.

*O editor:* aspectos plurais da visita, “a filosofia que o papa pretendia implementar na Igreja”, o raio x das religiões no país a partir da pesquisa Datafolha, a laicidade do Estado, a preparação dos repórteres e as antecipações que fizeram em termos de notícias sobre os bastidores da viagem do papa ao país.

*O jornal:* aborto, ensino religioso, castidade, mídia, divórcio, drogas e governos.

*O mapeamento que fizemos:* aborto; embriões; meios de comunicação católicos; entretenimento com curiosidades sobre o papa e generalidades do cotidiano da sua estadia como costumes, roupas, culinária, papamóvel; eleições na CNBB; discussões sobre filosofia, teologia e doutrina comentadas por críticos em seus artigos; documento preparatório da 5ª Conferência do CELAM e a teologia da libertação; canais de

informação na internet; acordo Brasil-Vaticano e impasses com governo brasileiro; gastos públicos com a visita; simpatia de Bento XVI comparada à de João Paulo II; canonização de frei Galvão; os movimentos da política e da economia durante a passagem do papa pelo país; contexto latino-americano; evangelização e pentecostalismo; a visão dos fiéis sobre a moral da Igreja.

Podemos observar no quadro de conteúdos dos discursos acima que não há aparentes discrepâncias entre os destaques do ombudsman, do editor e das temáticas-sínteses do jornal, como também não há profundas incongruências na relação desses discursos com o mapeamento que realizamos, que é apenas mais detalhado. Estamos, portanto, de acordo quanto à coerência entre a crítica do ombudsman, a fala do editor e a seleção do jornal com relação às temáticas abordadas na cobertura. Mas podemos problematizar as opções que a equipe editorial fez na eleição dessas temáticas, que conduziram a cobertura a transformar o evento da viagem do papa ao Brasil em fato midiático.

Consideremos, então, que o fato da vinda do papa ao país seja, segundo diz o editor da editoria brasil do diário *Folha de S. Paulo*, “muito mais a viagem de um líder religioso para falar com os seus seguidores católicos”, e que “o principal objetivo do papa era reafirmar as bases da doutrina católica entre seus seguidores”. Se for assim, por que, então, como se demonstra nas matérias elencadas à sociedade nesta pesquisa, se passou a certa celebração do evento? A primeira matéria da cobertura já destaca exatamente isso no título “Igreja mostra palcos que receberão papa”. Ressaltada assim por tantos outros títulos da cobertura, a presença do papa no evento da 5ª Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano tirou o acento da agenda da reunião dos bispos e lançou aos olhos dos leitores a faustosidade de um megaevento que certamente



traria ao Brasil um dos maiores nomes da atualidade no campo fé! Quando, na verdade, o papa nem tinha como princípio visitar o país e sim participar da Conferência do CELAM, de modo que a “visita ao Brasil”, embora tenha sido uma escolha pessoal dele, foi decorrência daquele objetivo primeiro do qual o próprio editor do jornal nos recorda, e que, como constatamos pelo mapeamento, foi raramente citado na cobertura.

O presidente da CNBB, Dom Geraldo Lyrio Rocha, destaca a importância da viagem do papa à América Latina tendo como destino o Brasil:

Na primeira viagem do Papa Bento XVI à América Latina, o Brasil teve o privilégio de ter sido o seu destino. Trouxe-o aqui a realização da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, em Aparecida, no Santuário Mariano Nacional. Ele fez questão de frisar que esta Conferência situa-se na continuidade das quatro anteriores –do Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). O discurso inaugural desta Assembléia está no centro de todos os pronunciamentos feitos pelo Papa no Brasil, entre os dias 9 e 13 de maio de 2007 (Bento XVI, 2007:5)<sup>20</sup>.

A transformação de um evento social, histórico, político, cultural, e, neste caso, religioso, em fato midiático é um dos resultados evidentes do processo de produção da notícia. Um processo complexo de industrialização da informação que parece envolver ao mesmo tempo a necessidade de informar e entreter. O que precisa nos chamar a atenção nessa perigosa mistura é o custo simbólico e social que esse processo tem e as consequências que seu resultado promove, como nos recorda Perseu Abramo analisando a intervenção voluntária e objetiva dos editoriais na produção de notícias: “uma das principais características do jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela maioria da grande imprensa, é a manipulação da informação. O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade” (Abramo, 2003:23).

---

<sup>20</sup> Dom Geraldo Lyrio Rocha, presidente da CNBB, na apresentação da obra publicada com os discursos do papa.

Observar mais de perto esse processo de produção e discutir suas interferências no campo social é o que nos propomos fazer no tópico seguinte deste capítulo, buscando apontar em várias matérias publicadas, geralmente polêmicas, possíveis tendências do jornal à espetacularização da notícia, mesmo resguardadas as suas funções informativas.

#### ***4) A complexidade da informação jornalística e o espetáculo nas bases do discurso midiático do jornal***

Neste quarto e conclusivo tópico do capítulo, nos reservamos a faculdade de comentar algumas matérias, dentro do esquema de fases que adotamos no mapeamento, e que nos parecem oportunas em nossa análise acerca da instrumentalização da informação como espaço de serviços e entretenimento, em que a notícia, enquanto resultado do fazer jornalístico, sendo relato ou comentário, é produto de um processo econômico visto sob a ótica debordiana do espetáculo e por isso mesmo nem sempre independente e imparcial. O comentário também se baseará em contribuições teóricas já discutidas anteriormente.

Começamos por comentar a matéria publicada na segunda-feira, 9 de abril, cujo título polemiza “Gasto público com papa é desconhecido”. O lide ressalta que “falta um mês para a visita do papa Bento 16 ao Brasil e ainda não se sabe quanto a viagem do pontífice custará para os cofres públicos brasileiros”. O que se percebe é que de líder religioso preocupado com fiéis, como defendera acima o editor do jornal, o papa se tornou uma celebridade que trará custos pesados aos contribuintes brasileiros na sua “visita” ao país em defesa de seus próprios interesses confessionais. Parece menosprezada a representação do sumo pontífice na condição de chefe de Estado. Mas

não podemos esquecer que parece ter sido essa mesma a escolha de observação da pauta editorial. O papa é visto simplesmente como representante religioso por vezes propondo ingerências em assuntos nacionais do Brasil e do mundo, e, além disso, trazendo despesas à nação. Esse pressuposto é fundamental para que percebamos o tratamento, às vezes, notadamente espetacular dado à cobertura, uma vez que as imagens de um pastor preocupado com o bem-estar de seus fiéis e de um chefe de Estado bem comportado parecem não ser assunto de notícia. Se em seus comentários do dia 13 de maio acerca do caderno especial religião o ombudsman considera que a cobertura “fugiu ao oba-oba”, talvez isso não tenha ocorrido com a produção jornalística que cobriu a presença do papa no Brasil. Mas também não é de todo certo dizer que o especial religião esteja isento de opções ambíguas, porque inclusive algumas matérias no caderno parecem ser tendenciosas, até por omissão, como “o fato de três dos quatro depoentes na rubrica ‘Eu acredito’ estarem na contramão dos 97% dos consultados que acreditam em Deus”, relatado pelo próprio ombudsman, e o caso dos depoimentos de profissionais que se declaram por suas confissões religiosas, publicadas na pág. 10, onde vemos testemunhos sobre judaísmo, candomblé, ateísmo e espiritismo. A pergunta que fica é onde ficou o testemunho sobre o catolicismo, que foi o motor inicial para o próprio levantamento da pesquisa Datafolha? E o que aconteceu com o depoimento de um evangélico pentecostal, também apontado na pesquisa?

Essas indagações dão conta de que “a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz” (2007:63), em síntese de Charaudeau, comentando o enlace dos discursos midiáticos que os torna interdependentes e “autofágicos”, como diria Norval Baitello. Compreendemos como efeito produzido pela omissão dos depoimentos do catolicismo e do evangelicismo que tal omissão tem alto custo de

credibilidade à produção jornalística nessa cobertura do diário, que parece ter desqualificado as próprias bases de onde se ergueu o tão auto-elogiado caderno especial: a pluralidade religiosa no Brasil. Para Charaudeau, “toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro. Considerando a escala coletiva das mídias, isso nos leva a dizer que as mídias constituem uma instância que detém uma parte do poder social” (2007:63). Embora nos pareça evidente a influência desse poder da mídia sobre o social e as coberturas de assuntos religiosos pareçam ser algo comum na atualidade, por força do grande mercado que a cada dia se fortalece mais em torno da fé, acreditamos, outrossim, não ter sido o caso de o diário *Folha de S. Paulo* ter sofrido influências perpetradas diretamente por outros veículos de comunicação. As opções parecem ter partido da instância reguladora do próprio jornal. E, assim sendo, podemos concluir que o mau exercício do poder diante de suas opções editoriais e escolhas tendenciosas pode significar ao renomado jornal paulistano, veículo da grande imprensa brasileira, perda de crédito diante de seus leitores.

À página A18 de domingo, 15 de abril, o título diz que “Conferência expõe indecisão da igreja” e a linha fina ressalta que “Com o enfraquecimento da Teologia da Libertação, bispos da América Latina não sabem que rumo seguir”. A matéria tece comentários sobre a clareza de alguns tópicos do documento preparatório da conferência dos bispos e de pontos de vista teológicos a serem debatidos no encontro, mas o que a visualização da matéria desperta é a perplexidade diante da possibilidade de se verem bispos indecisos, fracos e desorientados. O leitor pode se perguntar que futuro pode ter uma Igreja conduzida por tão incompetentes pastores. Mas, à compreensão dessas indagações, obtemos auxílio na “análise de apelos” de Cremilda Medina:

Na realidade, falta ao estudo da titulação de imprensa uma perspectiva global que se referencie às outras componentes da mensagem, ou seja, o título como resultado de uma angulação, de uma edição e de uma captação... A mensagem-consumo exige um título de apelo forte, bem nutrido de emoções, surpresas lúdicas, jogos visuais, artifícios linguísticos. O título ganha vida de consumo como qualquer anúncio publicitário e a edição trabalha com cuidados especiais: criam-se os “tituleiros” hábeis, verdadeiros mitos de sala de redação (1988:119).

Essas considerações de Medina confirmam a percepção que tivemos da cobertura da presença do papa no Brasil como produto de consumo. O “apelo forte” das titulações das reportagens, o jogo entre títulos, imagens, gráficos e textos realmente despertam emoção e envolvem o leitor. Não raro nos deparamos com os jogos visuais, citados por Medina, como é o caso das tradicionais charges da página A2, um exímio exemplo de produto confeccionado para agradar o olhar. Como ilustração do que Medina chama de “jogos visuais” e “surpresas lúdicas” apontamos o que vemos, por exemplo, na publicação de sábado, 12 de maio, A14. O jogo visual se observa no impactante título “Após oito anos, freiras deixam mosteiro” ao passo que na legenda da foto que ilustra a matéria podemos ler “Freiras voltam ao mosteiro da Luz após missa de Frei Galvão”. A tituleira de uma nota ao lado escracha “Comércio faz de papa estampa de ‘baby look’”, indicando uma surpresa lúdica de que fala a autora.

Ainda no domingo, 15 de abril, A19, uma matéria cômica, traz o título “Restauradora ocupa cela no mosteiro de São Bento” com a linha fina “Nilva Calixto é a única mulher que convive com 34 monges”. É de conhecimento comum que uma mulher está fora de lugar num mosteiro masculino, e ainda mais “convivendo” com eles. O que se pode pensar de uma mulher no ambiente privativo de 34 homens, ainda que sejam monges? Pode não parecer, mas essa forma apelativa de chamar a atenção para a matéria é sem dúvida produto de baixa qualidade criativa, ainda que nos convençamos de que se trata de “artifícios linguísticos”, como disse acima Medina.

Assim como a grandes personagens célebres, o jornal tratou o papa, contrapondo-o àqueles que, no discurso da Igreja, deveriam ser o alvo primeiro de sua preocupação: “Mendigos terão de deixar Sé durante a visita do papa”. Essa matéria, publicada na segunda-feira, 16 de abril, A8, brasil, recebeu uma carta reativa de Luis Fanti, na qual o leitor desabafa dizendo: “Realmente vivemos uma grande inversão de valores. O homem que poderia trazer conforto aos corações abandonados da Sé será livrado deles. O homem que poderia executar um milagre tocando um aleijado será visto dentro de uma gaiola de vidro blindado. O homem que deveria espelhar Cristo em serviço e humildade será tratado como uma celebridade. E Jesus já dizia: ‘O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça’ – Mt 8:20”. Porém, o conteúdo da matéria é mais claro do que sua embalagem. A segurança do papa não afetará só os mendigos ou menores de rua como o título leva a entender, mas o conjunto dos ambientes por onde ele passar será monitorado e as pessoas que os frequentarem também serão afetadas: “Não existe meia segurança. Ou fazemos uma segurança completa ou não fazemos segurança – disse o delegado da PF Flávio Trivella, responsável pela integridade física do papa”. A matéria ainda diz mais: “no lugar da segurança ostensiva dedicada ao presidente Bush, com milhares de policiais fortemente armados e até arame farpado para afastar a população, a do pontífice tende a ser mais discreta. ‘Pelo menos dentro do possível’, afirmou o policial... Ao contrário de Bush, que trouxe dos EUA todos os alimentos consumidos pela comitiva, inclusive os cozinheiros, Bento 16 comerá nos locais mantidos pela própria igreja”. Essas considerações em nada se combinam com o teor da titulação da matéria, o que pode causar certa estranheza inclusive sobre a reação do leitor Luis Fanti, que pode não ter lido toda a matéria e ficado apenas nas chamadas espetaculares, corroborando o possível voluntarismo do jornal em levantar polêmicas. O

conteúdo da matéria, diríamos de um ponto de vista jornalístico, é informativo, mas seus destaques têm profundos traços polêmicos, adjetivos de entretenimento e espetáculo. Esse aspecto complexo de divergência de sentidos na notícia, em que se observam componentes de ambiguidade, é destacado por Perseu Abramo:

*Os padrões de manipulação.* A manipulação da realidade pela imprensa ocorre de várias e múltiplas formas. É importante notar que não é *todo* o material que *toda* a imprensa manipula *sempre*. Se fosse assim – se puder ser assim – o fenômeno seria autodesmistificador e autodestruidor por si mesmo, e sua importância seria extremamente reduzida ou quase insignificante. Também não é que o fenômeno ocorra uma vez ou outra, numa ou noutra matéria de um ou outro jornal; se fosse esse o caso, os efeitos seriam igualmente nulos ou insignificantes (Abramo, 2003: 24-25).

Como as matérias acima comentadas, inúmeras outras que compõem a cobertura do jornal durante a presença do papa no Brasil apresentam as mesmas características de intervenção espetacular, ao que Abramo chama de manipulação. Há inclusive situações em que uma temática pode estar engendrada em várias matérias ao longo do trabalho jornalístico, como é o caso do tema do aborto e da pesquisa com células-tronco embrionárias. Como vimos no mapeamento, esses temas são abordados pelo jornal em todas as fases, na maioria das datas e de diversas formas durante o período estudado. Essa insistência parece ser tão obsessiva que chega a ser curioso que apareça até mesmo numa propaganda, ainda que reconheçamos ser essa uma observação subjetiva. Mas cremos que haja a possibilidade de fazer uma conexão entre essa propaganda, a temática da bioética e a doutrina do limbo, em que o jornal também destaca várias referências ao batismo de crianças. O caso ocorre no sábado, 21 de abril, A19, ciência, com o título “STF assiste a disputa ideológica pela ‘vida’” com o lide “Trinta e quatro cientistas pró e contra pesquisas usando células embrionárias humanas se enfrentaram ontem diante de ministros togados do Supremo Tribunal Federal, em Brasília. Longe de seus

laboratórios, os pesquisadores deram um lustro no didatismo para fazer os magistrados entenderem suas respostas à pergunta: ‘quando começa a vida?’”. Completando esse texto, uma grande propaganda de condomínio mostra um menino trajando vestes e portando equipamentos de obras. Mais à frente, na página A20, mostra-se uma foto com a legenda “Mão de feto humano aparece em telão no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, onde se debateu a pesquisa com células-tronco”. O sonho de uma casa no condomínio parece estar intimamente ligado a uma vida nova, e nada mais conveniente que o uso mercadológico de um perfil infantil para representar esse desejo. O desejo do novo, de se manter sempre renovado, de parecer jovem é um arquétipo humano fomentado pela indústria do consumo, e a manipulação genética de dados humanos parece tender à expectativa desse mercado de aparência.

Embora o mapeamento tenha mostrado certo equilíbrio nas temáticas publicadas, ao menos quanto à reincidência periódica, é inegável que o tema do aborto e outros títulos polêmicos afins perpassam toda a cobertura, como o próprio levantamento que fizemos apresenta. E, ainda nesse campo de observação, fazemos menção a um dado curioso. Durante a cobertura, especialmente na segunda fase, sobeja o uso do verbo atacar aplicado aos discursos do papa: “... papa ataca...”. Não saberíamos indicar as bases dessa posição belicosa do papa, mas podemos imaginar, dentre tantas possibilidades, que seja uma reação involuntária própria da era dos jogos eletrônicos que de alguma forma fazem parte da história de vida dos nossos jovens jornalistas, caso não seja mais uma opção deliberada dos “formadores de opinião”, âncoras fiéis da equipe editorial.

Concluimos esta nossa análise dizendo que, não obstante a presença notadamente marcante do processo espetacular inerente à produção industrial do



entretenimento, o diário não fez um trabalho jornalístico medíocre, à revelia do que imaginávamos ao escolher este tema como objeto de pesquisa, quando, pelo senso comum, criamos que a cobertura do jornal se tivesse perdido no sensacionalismo e na superficialidade do espetáculo, predominantes na cultura e nas relações sociais da contemporaneidade. E reiteramos, como bom exemplo da cobertura jornalística daquilo que o próprio periódico denominou “visita do papa ao Brasil”, a temática destacada em nosso mapeamento como “acesso a informações completas”, um serviço de qualidade e utilidade que perpassou as três fases da cobertura e, desde o primeiro instante, foi um canal de atendimento direto ao leitor.

Neste terceiro e último capítulo de nossa pesquisa, procuramos analisar a cobertura completa do jornal à presença do papa Bento XVI no Brasil, observando o período do evento de acordo com o quadro esquemático das fases da produção jornalística que estabelecemos pelo mapeamento temático das matérias publicadas. Confrontamos temáticas e matérias com os argumentos editoriais e profissionais do jornal, e, por fim, problematizamos, a partir de algumas seleções do conteúdo publicado, dados teóricos, que, em diálogo com a complexidade do fazer jornalístico, põem em xeque as tradicionais concepções de imparcialidade e independência, que, mediante as reflexões realizadas, parecem mesmo é estar ocupando um lugar de descanso junto a tantos chavões da praxe jornalística já sepultados.

Contribuições teóricas de alguns autores também estiveram em diálogo com os argumentos apresentados neste capítulo, como nos havíamos proposto fazer, com o fim de compreender de modo mais claro os processos de construção dos relatos e comentários jornalísticos e seu desfecho no conjunto da publicação, desde os títulos, fotos, artes gráficas e o próprio conteúdo impresso. Com isso, acreditamos ter atingido o

objetivo do capítulo de, através de uma aproximação analítica do material pesquisado, destacar as opções do jornal *Folha de S. Paulo* na cobertura que fez da “visita do papa ao Brasil”, e, no próprio desenvolvimento da análise, observar pontos teóricos da concepção debordiana de espetáculo em suas múltiplas formas e compreender que a notícia enquanto produto industrial destina-se ao comércio, e que esse dado fundamental não nos permite conceber uma cobertura jornalística absolutamente imparcial e independente, como o jornal pretendesse apresentar-se junto a seus leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *A produção da notícia como visão de mundo: o espetáculo e a estética na cobertura da “Visita do Papa ao Brasil”*

À guisa das últimas considerações desta pesquisa, embora entendamos que também tenha cumprido sua tarefa de informativo e promotor de debates sobre temas atuais da sociedade, reiteramos a observação de que, por vezes, o discurso do jornal *Folha de S. Paulo* pareceu tender para narrativas que primam pelo indivíduo descontextualizado da vida social, e que com isso não fomentam uma cultura de solidariedade. Propomos ainda aqui algumas últimas idéias sobre essa percepção, fazendo referências à notícia como resultado de pontos de vista particularizados de um processo que a valoriza como produto e objeto estético de desejo, que acreditamos inclusive ter ocorrido com a cobertura da “visita do papa” quando, ao longo da análise realizada, verificamos claros aspectos de um processo produtivo de espetáculo. Contudo, também acreditamos que um contraponto a isso talvez se encontre na ação conjunta de múltiplos sujeitos que, em canais alternativos na internet, discutem os efeitos das notícias no ambiente social. Cremos que a possibilidade de mudança de paradigmas das narrativas esteja nas mãos dos sujeitos do jornalismo, os jornalistas, que fazem a notícia e constroem seus textos; das empresas que agenciam as informações e as mediam junto aos jornalistas e a outras fontes captadoras de informação, e, por fim, dos leitores assíduos que reconstroem a seu modo as notícias. Consideremos também que seja necessária aos jornalistas uma investigação mais aprofundada e contextualizada da notícia, e que não se leve em conta apenas os protagonistas principais dos cenários midiáticos, as pessoas mais importantes, as “celebridades”, mas que um número mais

qualitativo de construtores de opinião na sociedade possam ser ouvidos como forma não só de democratizar o espaço jornalístico mas de lhe conferir um real aspecto de cultura social e solidária, uma voz que se propague para além do espetáculo do tecnicismo econômico que parece dominar a praxe jornalística. Por fim, concluamos nossas reflexões retomando os passos dados ao longo desta pesquisa.

O espetáculo das relações sociais baseadas no poderio do capital e a estética mercadológica que reveste de sensualidade essas relações constituem um desafio ético para o jornalismo contemporâneo, que quase sempre dinamiza em suas produções de notícias o vazio da cultura midiática do entretenimento e da imagem. A própria notícia é concebida como uma produção, uma mercadoria, construída sobre a aparência, artificializada, marcando relações vazias, expropriadas do real, maquiadas, embaladas para um específico veículo de comunicação, em nosso caso, impresso, o jornal *Folha de S. Paulo*. Essa observação faz um apelo à ética profissional do jornalismo, como já destacamos, ao próprio jornalista enquanto artífice da produção da notícia, questionando a legitimidade mesma das informações transmitidas e sua pertinência à construção humanística do cotidiano social. A promiscuidade, como dado moral, vai além das regras profissionais e atinge valores fundamentais caros à ética, à política e à religião, pondo em xeque também a legitimidade da relação entre o jornal e seu leitor.

O espetáculo e a estética como armas de mercado são fatores preponderantes de interrogação à eticidade da relação que o jornal estabelece com a sociedade na tentativa de manter-se no universo das mídias, uma relação promíscua na qual se vende aparência e fantasia. No contexto dessas relações, é preciso também se perguntar acerca do lugar de referência que a cobertura do jornal ocupou em relação à presença e propostas do papa no Brasil, sem olvidarmos a possibilidade de supor que as falas e gestos do papa

nessa viagem à América Latina têm seu fundamento em princípios e práxis do evangelho, em que as relações humanas são encarnadas, isto é, se dão em nível real e concreto, ainda que tenham em vista o transcendente. São mais que aparências e futilidades de momento, brilho e ares de celebridade, como parece ter sobejado na cobertura. Diante disso, convém falarmos de valores que possibilitem algum diálogo entre os conhecidos motivos da vinda do papa ao Brasil e as opções de cobertura do jornal acerca desse evento, na tentativa de se encontrar um lugar-comum no qual, apesar do mundo de aparências impregnado na produção jornalística, se permita a localização de dados menos produzidos, de modo a favorecer que o leitor se observe como ser humano, e não somente como consumidor, e isso aflore nele percepções que o conduzam para além de suas sensações visuais, já que, como define Haug, “o ideal da estética da mercadoria seria manifestar o que mais nos agrada, do que falamos, o que procuramos, o que não esquecemos, o que todos querem, o que sempre quisemos. O consumidor é servido sem resistir, seja por parte do aspecto mais marcante, mais sensacional ou do mais desprezioso e mais cômodo. Serve-se com a mesma deferência tanto a avidez quanto a preguiça”(Haug, 1995:78). Quando falamos de dados menos produzidos, falamos da vida real, onde o ser humano se encontra com sua humanidade. E, embora algum cético não acredite, no jornal há espaço para isso, e a cobertura o demonstrou com o singelo exemplo que citamos e que, confessamos, nos comoveu durante o levantamento das matérias desta pesquisa:

*Pedaladas.* O pintor Eremildo Vicente da Silva, 36, andou 16 dias de bicicleta de Taguatinga (DF) até Aparecida, onde chegou anteontem, para ver o papa –um trajeto de cerca de 1.100 km, em que dormiu em postos de gasolina e comeu o que lhe ofereceram. ‘Vim pedir a Deus e Nossa Senhora para me iluminar e me ajudar a arrumar um emprego’, disse. Sua estadia, porém, será curta. Silva, que perdeu cinco quilos na jornada, retorna hoje à sua cidade, pois não tem onde dormir. (*Folha de S. Paulo*, 13 de maio de 2007, Brasil, A12).

A partir da cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo* à presença do papa Bento XVI no Brasil, é possível destacar alguns valores próprios das propostas do papa e outros inerentes ao trabalho noticioso do jornal. Se de um lado, o sensacionalismo e a superficialidade podem ter predominado na elaboração de várias matérias e marcado a cobertura do jornal sobre a “visita do papa”, a totalidade do amplo e rico trabalho realizado pelo diário não se resume a isso. Verificaram-se também, além do que já citamos no decorrer da pesquisa, vários artigos e entrevistas com profissionais da área religiosa católica e não-católica, bem como estudiosos especialistas sobre o perfil de Joseph Ratzinger, informando sobre a vida e o pensamento do cardeal antes de ser eleito papa. Além das entrevistas, que com os artigos são dentre as produções jornalísticas as composições mais significativas para o destaque de valores éticos, muitos outros serviços de informação foram prestados pelo jornal aos leitores, tal como a cobertura em tempo real disponibilizada pelo diário em seu canal na internet.

Embora não os tenhamos comentado nesta pesquisa por razões óbvias de serem assinados e, portanto, até certo ponto “isentarem” o jornal de responsabilidades, os artigos, como também as entrevistas, poderiam ter sido o melhor da cobertura da “visita do papa”, não fosse a já tendenciosa pauta de entrevista ou a polêmica temática criticada pelo articulista formador de opinião. A cobertura em tempo real em alguns casos sofreu deficiência e em outros omissão por falta de conhecimento dos jornalistas sobre os detalhes que envolviam “a liturgia do papa” como ressaltou o editor do jornal que, na entrevista que nos deu, ressentiu-se da falta de “um intérprete” da Igreja que melhor situasse a equipe de reportagem em relação aos ambientes, às pessoas e aos atos realizados. As notícias veiculadas, de modo geral, tanto no jornal impresso quanto na página eletrônica, sofreram maquiagem privilegiando mais os aspectos periféricos e

superficiais dos eventos cobertos do que o conjunto deles, e ainda menos, o ponto fulcral da vinda do papa ao Brasil, que foi a abertura da 5ª Conferência do CELAM e as propostas ali apresentadas. As notícias parecem ter se limitado a destacar mais o ambiente, o clima, o número de multidões, fatos detalhes de entretenimento, assuntos polêmicos e os sentimentos das pessoas do que o impacto prático daqueles eventos em suas vidas.

No diálogo com a Igreja, apesar de a assessoria de imprensa eclesiástica ter criado um centro de informações especial para a ocasião, inclusive com disponibilidade de dados *on line*, muitos jornalistas ficaram sem domínio sobre os conteúdos mais significativos da viagem do papa ao Brasil, e isso aconteceu pelo motivo mesmo das dificuldades de organização do próprio profissional do jornalismo e também porque a Assessoria de Imprensa da Visita do Papa, instalada pela Arquidiocese de São Paulo, não fornecia todas as informações detalhadas dos eventos por uma questão de praxe diplomática, dificultando o acesso do jornalista a certas informações, o que explica em parte o fato das deficiências e omissões, e até informações desencontradas, presentes nas notícias da cobertura, notificadas por leitores e pelo ombudsman do jornal.

Guardadas as devidas proporções, talvez possamos dizer que essa relação superficial estabelecida entre o diário e a Igreja na cobertura da passagem do papa Bento XVI pelo Brasil seja apenas um exemplo da parcialidade de objetivos e preocupações de ambos, mas é onde também se encontra o paradoxo da convivência entre essas duas instâncias de administração do poder social, pois embora a Igreja pregue valores éticos cristãos que possam não interessar ao jornal, este vê em certos elementos da Igreja um chamariz que dá “íbope” junto aos leitores, e embora o diário trabalhe com a superficialidade das notícias, a Igreja vê valor de comunicação na

veiculação de seus eventos. Desse modo, podemos imaginar que, apesar das dissonâncias e ruídos próprios do processo de produção do jornalismo, as bases valorativas tanto do jornal, fundamentado na aparência da imagem e no entretenimento dos discursos, quanto os princípios éticos da Igreja, fundamentados nos valores cristãos, conservam-se majoritariamente isolados nas relações entre a Igreja e o jornalismo contemporâneo. Nessa relação, o jornal não perde seu caráter de interlocutor da indústria cultural e fomentador da cultura de massa, mas também não cumpre o valor ético de uma informação que valorize o humano; a Igreja não perde seu caráter evangélico e diplomático, mas também não atinge seu objetivo de comunicar integralmente sua mensagem, deixando margem à oportunidade de ambiguidades e mal-entendidos.

O que se depreende dessa constatação é que o apelo ético é dirigido mutuamente, tanto aos profissionais do jornalismo, quanto à Igreja que se propõe a colaborar para a construção de um mundo mais humano, justo e santo. Essa construção passa, sem dúvida, pela compreensão despretensiosa da cultura contemporânea, em cujo coração pulsa com toda a sua pujança e complexidade o fazer jornalístico, com o qual o estabelecimento de um diálogo profícuo é indispensável.

Frutos do esforço empreendido pela pesquisa até aqui realizada, essas considerações querem ser, na verdade, um ponto de partida para outras possibilidades de abordagem da temática aqui trabalhada em que procuramos observar o fenômeno de construção do jornalismo em sua complexa relação com o seu processo industrial de produção, marcado pela concepção debordiana de espetáculo. Mas, ao mesmo tempo, também reconhecemos no fazer jornalístico seu valor particular em oferecer serviço de informação aos leitores. Estamos cientes de que este estudo está inacabado e repleto de



limites técnicos e teóricos. E isso nos desafia a uma busca ainda mais acurada e realmente concentrada sobre o tema.

A pesquisa buscou apresentar no primeiro capítulo conceitos-chaves indispensáveis à compreensão do universo jornalístico e concepções teóricas antigas e atuais vividas pelos autores não só nas academias mas também nas oficinas tipográficas e salas de redação, com o objetivo de promover um amplo contexto de observação do jornalismo e de sua relação com o processo de produção da notícia enquanto resultado de uma economia midiática.

No segundo capítulo, o estudo apresentou a coleção completa das matérias publicadas pelo jornal durante todo o período da cobertura sobre a viagem do papa ao Brasil, mostrando enfoques diretos e indiretos de temáticas e assuntos relatados e discutidos no diário.

A análise detalhada do conjunto das matérias colecionadas foi o tema do terceiro capítulo, em que buscamos examinar o mais próximo possível os conteúdos das matérias agrupadas em grandes temáticas, das quais destacamos exemplares para observação e comparação com fontes alternativas às impressas no jornal, como os comentários do ombudsman postados na internet e a entrevista que realizamos com o editor da editoria brasil. A partir dessa análise pudemos fazer inferências sobre possíveis opções de tendências editoriais do jornal com o apoio de contribuições teóricas, destacando as características de complexidade do discurso jornalístico do diário e seus consequentes efeitos sobre os tradicionais conceitos de imparcialidade e independência na produção e veiculação da notícia.

Vale a pena dizer ainda, como breve nota, que a partir da leitura deste terceiro capítulo, optamos por não tomar para nós a expressão “visita do papa ao Brasil”, ainda

que esta terminologia faça parte desde o início da titulação desta pesquisa. Essa atitude deve-se ao simples motivo de reservarmos exclusivamente ao jornal essa nomenclatura que, compreendemos, foi eleita por ele para expressar o seu modo de ver o fato da passagem do papa pelo país, que como sabemos foi decorrente de um compromisso com a Igreja em toda a América Latina e não somente com a Igreja no Brasil e, menos ainda, resultado de um passeio turístico pelo país, como pudesse parecer.

Alegramo-nos com essas considerações, que são frutos do árduo percurso deste estudo ao longo do qual se eliminaram tantos preconceitos nossos que povoavam o projeto inicial de pesquisa. Alegramo-nos por que a contribuição do trabalho evidencia na prática dados objetivamente parciais de escolhas e abordagens da operação jornalística, e, não obstante isso, a subsistência da transmissão de informações de qualidade. Mas alegramo-nos, sobretudo, por creditar que o trabalho jornalístico pode ter seus paradigmas tecnocientíficos mais humanizados, e isso é o que nos anima a pensá-lo e repensá-lo no sentido de que mais do que produto industrial ele se torne expressão de criatividade, arte, coração, compaixão.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- BAHIA, Juarez. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.
- BAITELLO Jr., Norval. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BENTO XVI. *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BLÁZQUEZ, Niceto. *Ética e Meios de Comunicação*. São Paulo: Paulinas,
- BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Aparecida: Edições CNBB, Paulus e Paulinas, 2007.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2007. 1999. (Coleção: comunicação e estudos).
- COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez e SILVA, Gerardo (Orgs). *Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COELHO, Cláudio N. P. & CASTRO, Valdir J. de (Orgs.). *Comunicação e Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006.

DARIVA, Noemi (Org). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo – Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

DUARTE, R. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG (Coleção Humanitas), 2007.

HAUG, Wolfgang F. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.

KÜNSCH, Dimas Antônio. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

KUNSCH, Waldemar Luiz. *O Verbo se faz palavra: caminhos da comunicação eclesial católica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

LIMA, Venício A. de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARSHALL, Leandro. *O Jornalismo na era da Publicidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* [3ª edição revista e ampliada]. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Comunicação eclesial, utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Igreja, empresa e comunicação*. São Bernardo do Campo: IMES, 1984.

MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (org). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NOVAES, Adauto (Org). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2005.

PUNTEL, Joana T. *Cultura Midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo, Paulinas, 2005.

RAMONET, Ignacio. *A Tirania da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *As teorias da comunicação: da fala à internet*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SÉ APOSTÓLICA. *Código de Direito Canônico* [14ª edição]. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Do Santo Ofício à Libertação: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social*. São Paulo: Paulinas, 1988.

## **ANEXOS**

- 1) Coleção das matérias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*
- 2) Críticas do ombudsman postadas na internet
- 3) Entrevista com o chefe da editoria brasil do jornal